



Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Humanas
Departamento de História
Programa de Pós-Graduação

DO COMPLEXO DE VIRA-LATAS AO HOMEM GENIAL: O
FUTEBOL COMO ELEMENTO CONSTITUTIVO DA IDENTIDADE
BRASILEIRA NAS CRÔNICAS DE NELSON RODRIGUES, JOÃO
SALDANHA E ARMANDO NOGUEIRA

Autor: Luiz Henrique de Azevedo Borges
Orientadora: **Dra. Eleonora Zicari Costa de Brito**

Brasília, Agosto de 2006



Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Humanas
Departamento de História
Programa de Pós-Graduação

DO COMPLEXO DE VIRA-LATAS AO HOMEM GENIAL: O
FUTEBOL COMO ELEMENTO CONSTITUTIVO DA IDENTIDADE
BRASILEIRA NAS CRÔNICAS DE NELSON RODRIGUES, JOÃO
SALDANHA E ARMANDO NOGUEIRA

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação do Departamento de
História da Universidade de Brasília,
vinculada à área de concentração de
História Cultural, como requisito para
obtenção do título de Mestre em História.
1º/2006.

Autor: Luiz Henrique de Azevedo Borges

Brasília, Agosto de 2006

Luiz Henrique de Azevedo Borges

**DO COMPLEXO DE VIRA-LATAS AO HOMEM GENIAL: O FUTEBOL COMO
ELEMENTO CONSTITUTIVO DA IDENTIDADE BRASILEIRA NAS CRÔNICAS DE
NELSON RODRIGUES, JOÃO SALDANHA E ARMANDO NOGUEIRA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Departamento de História da Universidade de Brasília, vinculada à área de concentração de História Cultural, como requisito para obtenção do título de Mestre em História. 1º/2006.

Aprovado em: _____

Nota: _____

Banca Examinadora

Profa. Dra. Eleonora Zicari Costa de Brito

Universidade de Brasília

Profa. Dra. Thereza Negrão

Universidade de Brasília

Prof. Dr. Leonardo Affonso de Miranda Pereira

Universidade de Brasília

Aos meus pais, Danilo e Zélia, as minhas irmãs, Ana Beatriz e Ana Luiza, a minha sobrinha, Ana Paula, a minha esposa, Michelle, aos meus amigos Marcelo Reis e Juliano Pirajá, a minha orientadora, Eleonora Zicari e a todos os professores da Universidade de Brasília que me deram as condições e o apoio necessário para galgar mais essa caminhada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais e familiares que sempre enxergaram no estudo a maior riqueza que se pode legar aos filhos.

À minha esposa, Michelle, pela compreensão e inestimável ajuda de ler, reler e pacientemente sugerir alterações no texto que ora se apresenta.

À minha sempre presente, humana e exigente orientadora, Eleonora Zicari, que desde o nosso primeiro encontro, ainda em setembro de 2003, acreditou no meu trabalho.

Aos meus amigos Marcelo Reis e Juliano Pirajá, verdadeiros irmãos, interlocutores, parceiros de Winning Eleven em todas as suas versões e apaixonados pelo futebol, pena que não saibam torcer pelo melhor.

À Universidade de Brasília, que teceu meus caminhos desde o nascimento, instituição na qual meu pai lecionou e que, desde menino aprendi a admirar e almejar. Acolheu-me em duas graduações e no mestrado e a ela devo grande parte de minha formação.

Ao Iphan, sempre preocupado e incentivando a capacitação profissional de seus membros.

À Capes, que me dotou de importantes recursos para a execução da pesquisa.

Para entender a alma de um brasileiro é preciso
surpreendê-lo no instante do gol.

(Armando Nogueira)

RESUMO

O futebol é uma atividade e um discurso que há anos individualiza, identifica e traz orgulho aos brasileiros, dando-lhes uma identidade e marcando seu lugar no mundo. Como artifício identitário ele é um constructo humano, demarcado no tempo e no espaço. Na busca epistemológica da construção representacional do Brasil como país do futebol, as crônicas de três dos maiores cronistas brasileiros de todos os tempos, Nelson Rodrigues, João Saldanha e Armando Nogueira foram analisadas. Eles ajudaram a caracterizar o futebol brasileiro tendo como predicado fundamental a prática do futebol-arte, assinalado pela habilidade, pela criatividade, pela ofensividade e pelo inusitado em contraposição com o futebol-força, praticado, ainda segundo a tríade autoral considerada, pelos europeus, um futebol defensivo e de pouca criatividade. Do homem tímido, inibido e humilde, o “vira-latas” de Nelson Rodrigues, o brasileiro se torna o homem genial, repleto de virtudes e qualidades a partir da campanha vitoriosa na Copa do Mundo de 1958, sensação que se confirma a cada vitória do selecionado nacional nas competições internacionais. Esses discursos não se circunscrevem ao espaço esportivo, adentram outros espaços discursivos e se tornam polifônicos, dialogando e formando imagens do que é ser brasileiro.

Palavras-chave: História, Futebol, Identidade, Representação e Crônicas.

ABSTRACT

Soccer is an activity and a discourse that has for years individualized, identified and brought pride to Brazilians, giving them an identity and marking their place in the world. As an identity artifice, soccer is a human construction, demarcated in time and space. In the epistemological search for the representation of Brazil as the land of soccer, the chronicles written by three of the greatest Brazilian columnists of all times, Nelson Rodrigues, João Saldanha and Armando Nogueira, were analyzed. They helped characterize Brazilian football having as an essential quality the practice of the art-football, distinguished by ability, creativity, daring and the unusual, in contrast with the power-football, practiced, again according to them, by Europeans, a defensive and not much creative football.

From the shy, inhibited and humble man – Nelson Rodrigues' *mongrel* –, the Brazilian man becomes the brilliant man, full of virtues and qualities as from the triumphant campaign in the 1958 World Cup, a sensation that receives confirmation each time the Brazilian national soccer team wins international tournaments.

Those discourses are not limited by the sportive space, they enter other discursive spaces and become polyphonic, dialoguing and forming images about what it is to be Brazilian.

Key words: History, Soccer, Identity, Representation and Chronicles.

SUMÁRIO

Preleção	11
O Aquecimento: entre campos e noções	18
• As novas táticas da História	18
• A crônica esportiva e os cronistas	24
• Futebol, sociedade e identidade	31
Saindo dos Vestiários: dos primórdios do futebol brasileiro à Copa de 1954	51
Vira dois, termina... O início da vitória: Nelson Rodrigues	75
O intervalo: a astúcia do técnico João Saldanha	104
Segundo tempo: é de goleada – vitória confirmada: Armando Nogueira	134
O apito final: o balanço da partida	156
Corpus Documental	166
Bibliografia	168

PRELEÇÃO

Terminado o curso de economia em 1991, me afastei do mundo acadêmico para me dedicar ao trabalho. Naquele momento era um empresário do ramo de alimentação e achava, erroneamente, que o futuro profissional já se encontrava desenhado.

Nos primeiros meses de 1998, Clóvis Serafim Paixão, funcionário da empresa, solicitou-me sua dispensa para que pudesse se inscrever para o vestibular da Universidade de Brasília. Resolvi acompanhá-lo e no caminho tomei a decisão de prestar o vestibular para o curso pelo qual sempre fui apaixonado: História. As provas se realizaram durante a primeira fase da Copa da França: seria já uma predestinação? Fui aprovado e em novembro daquele ano iniciei o curso de graduação tendo minha primeira aula com a jovem e instigante professora que ora é minha orientadora

Desde o início do curso de graduação, em 1998, o mestrado era um sonho a ser realizado, porém sempre esbarrava na escolha do tema. Os anos foram passando e o tema continuava fugidio. Quando, já decidido a trabalhar a história da alimentação no Brasil, em uma das muitas visitas ao meu inestimável amigo e então vizinho, Marcelo Reis, passava na televisão um jogo de futebol, começamos a discutir o assunto e ele, de supetão, declarou enfaticamente que eu deveria trabalhar com o futebol.

Aquela idéia passou a povoar os meus pensamentos, porém os problemas ainda não tinham terminado. Se o grande tema estava definido, o problema que ora se apresentava era o recorte. Nesse momento, “adentrou o gramado” outro amigo especial, Juliano Pirajá, que comentou sobre um trabalho que utilizava as charges para descrever a história de Brasília. Nesse momento o objeto começava a ser recortado, as charges seriam as minhas fontes. O toque final foi dado em uma caminhada matinal com meu pai, quando ele comentou que as charges poderiam ser utilizadas em conjunto com as crônicas esportivas.

Abracei então o mundo das crônicas, e as charges acabaram sendo deixadas de lado.¹ Um novo desafio se delineava, selecionar os cronistas que seriam trabalhados, porém o caminho foi fácil, afinal tinha total identificação com Nelson Rodrigues, João Saldanha e Armando Nogueira.

Obviamente que essa escolha não se deu apenas no campo da subjetividade, afinal os cronistas citados são verdadeiros ícones dentro da crônica esportiva brasileira. Escreveram para jornais de grande circulação, trabalharam nas rádios e até participaram do primeiro programa televisionado que discutia futebol, “Grande Resenha Facit”.

Nesse caminho, aprendi uma lição fundamental, o tema precisa “falar ao coração”, em suma, é fundamental que o pesquisador esteja em sintonia com o seu objeto de trabalho. A trilha a ser seguida em uma pesquisa nem sempre é fácil e confortável. Dificuldades e obstáculos precisam ser constantemente vencidos e a caminhada rumo ao objetivo traçado é facilitada quando o tema não é mais um fardo a ser carregado.

Objeto que suscita paixões e discussões sempre acaloradas, por isso mesmo, ingenuamente classificado fora dos assuntos ditos sérios, o futebol é um elemento marcante da identidade brasileira. Ele cumpre importante papel na formação da consciência de identificação e de diferenciação, na demarcação de um nós e dos outros. Dessa forma, seria impossível ignorar a forte atração que esse esporte exerce sobre grande parte dos brasileiros.

Para Fatima Antunes, o futebol “é uma espécie de língua franca”, no qual são mínimas as possibilidades de encontrar um interlocutor que não saiba, ao menos minimamente, falar sobre ele.²

Até o aparecimento e popularização da televisão, o papel de informar e formar a opinião pública coube especialmente aos jornais e às rádios. Por meio desses dois meios de

¹ Trabalhar com as charges seria, sem dúvida alguma, um trabalho bastante interessante e que pode ser desenvolvido por um outro pesquisador.

² ANTUNES, Fatima Martins Rodrigues Ferreira. “*Com brasileiro, não há quem possa!*”: futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: UNESP, 2004, p. 18.

comunicação, os cronistas de futebol emitiam suas opiniões sobre os acontecimentos e iam construindo suas interpretações não só dos jogos em si, mas também, de forma consciente ou inconsciente, de país.

Pode-se afirmar que as crônicas não se circunscrevem apenas à arena esportiva, mas seus discursos atingem outros espaços de sociabilidade, e nesse sentido, as reflexões acerca do futebol abarcam não só questões identitárias, mas também são portadoras de projetos para a nação brasileira.

Desde o final do século XIX, como será adensado no segundo capítulo, escritores e intelectuais se viram envolvidos em discussões quanto à importância do futebol não só como atividade física, mas também como elemento mobilizador das massas populares.

Mesmo enfrentando posições contrárias de alguns intelectuais, que não percebiam o futebol como um elemento tipicamente brasileiro, como de fato não o era, ou então das elites brasileiras que queriam manter essa prática esportiva restrita aos seus pares, o futebol acabou se alastrando entre as camadas menos favorecidas da sociedade nacional. Paulatinamente, o futebol passou a ser entendido como elemento definidor da própria brasilidade.

Com a adoção do futebol como um esporte popular, as discussões então mudaram de foco, não mais centradas na questão da pertinência da assimilação de um bem cultural estrangeiro. O debate, a partir de então, polarizou-se em duas vertentes, uma delas percebia o futebol não só como uma prática alienadora, mas também uma expressão do atraso e do subdesenvolvimento do país, e a outra vertente, como um elemento positivo e unificador.

Aos poucos, foi sendo construída a idéia do futebol como uma manifestação da cultura brasileira e elemento identitário nacional e nesse processo os cronistas ocuparam um lugar de destaque.

Os nossos três cronistas, Nelson Rodrigues, João Saldanha e Armando Nogueira, mesmo que não tivessem como objetivo consciente formular definições quanto ao caráter

nacional brasileiro, estavam sempre envolvidos com essa temática e obviamente criaram suas próprias interpretações sobre essa questão. É preciso entender que os cronistas esportivos estão imersos no tempo presente e buscam responder, em suas crônicas, a inquietações outras além do futebol. Dessa forma, a crônica é mais um espaço de reflexão sobre a identidade nacional.

O grande ritual do mundo do futebol foi tomado pelos cronistas como momento privilegiado para observar e debater o estilo emocional dos brasileiros sobre o *ethos* nacional. Nessa ocasião, pensavam sua comunidade nacional pelo futebol e interpretavam as diversas reações do brasileiro diante do sucesso e do fracasso no esporte.³

De uma forma geral, as crônicas que abordam as questões relativas à identidade e ao caráter nacional, estão vinculadas as atuações do selecionado nacional, porém, é preciso que se diga, que esses discursos também ecoam quando da participação das equipes brasileiras no exterior. Em todos esses momentos, elas buscam não só explicitar as identidades engendradas por meio do futebol, mas também o processo de aquisição de autoconfiança do homem brasileiro e de seu reconhecimento no âmbito internacional.

Nesse sentido, o ponto alto das disputas futebolísticas se dá durante a Copa do Mundo, momento em que se pode estabelecer, mesmo que temporariamente, uma hierarquia não só entre as seleções, mas também das próprias identidades nacionais. Para alguns países sul-americanos, especialmente o Brasil, a Argentina e o Uruguai, o futebol fornece até mesmo um meio de afirmação identitária e de superação em relação aos europeus.

Os jogos da Copa do Mundo são cruciais na nova configuração da questão da identidade, à medida que ensejam a discussão sobre a imagem do país na Europa e reforçam a idéia de unidade nacional por intermédio dos esportes.⁴

Torcer por um clube ou pelo selecionado do país significa participar ativamente da vida social e da construção de identidades que extrapolam o âmbito privado, tais como a casa e a família. Ao extrapolar o citado espaço privado, vivencia-se concretamente o pertencimento no espaço público.

³ Idem, *ibidem*, p. 40-41.

⁴ HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. *O descobrimento do futebol: modernismo, regionalismo e paixão esportiva* em José Lins do Rego. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2004, p. 59.

O sucesso brasileiro, logo sua característica marcante, seria a prática do futebol-arte, caracterizado pela habilidade, pela improvisação e pela qualidade individual em detrimento da organização coletiva. Como toda identidade é marcada pela diferença, o elemento antagônico da forma de jogar do brasileiro é o denominado de futebol-força, praticado essencialmente pelos europeus, no qual a organização coletiva e o respeito às determinações táticas falam mais alto.

Nos capítulos que formam esse trabalho busca-se perceber as relações criadas por Nelson Rodrigues, João Saldanha e Armando Nogueira entre os brasileiros e o futebol. Pretende-se entender como foi sendo construída a representação do Brasil como país do futebol e as suas diferentes nuances com o passar do tempo. Em suma, como foi engendrada uma identidade para os brasileiros por meio do futebol e como ela foi e é constantemente re-atualizada para continuar respondendo as novas indagações da sociedade brasileira e mantendo, dessa forma, seu *status* explicativo e pleno de sentidos.

O primeiro capítulo, de caráter mais teórico, intitulado “O Aquecimento: entre campos e noções”, busca inicialmente discutir os novos caminhos da história e a sua abertura para um vasto campo de pesquisa, em especial com o advento da História Cultural e a utilização da literatura como fontes a serem exploradas pelo historiador. Segue-se buscando traçar um histórico das crônicas como gênero literário e perceber o papel dos cronistas como construtores e divulgadores de identidades. O foco se encontra nas crônicas e nos cronistas vinculados ao futebol. Finalmente buscou-se entender as ligações entre o futebol e a sociedade e as identidades que são construídas a partir dessas ligações. Busca-se perceber o futebol como um elemento social, componente da cultura brasileira e que por isso mesmo não pode ser entendido apenas pelo viés alienante, mas sim como elemento capaz de criar representações do que é ser brasileiro.

No segundo capítulo, intitulado “Saindo dos Vestiários: dos primórdios do futebol brasileiro à Copa de 1954”, buscou-se entender os primeiros passos do futebol no Brasil até a Copa do Mundo de 1954, disputada na Suíça. Assim sendo, buscou-se entender como ele chegou ao país, como se deu sua apropriação pela elite brasileira, como ocorreu, apesar das resistências, a sua difusão entre as camadas sociais menos favorecidas do país e a difícil transição do amadorismo para o profissionalismo. Essas discussões têm como pano de fundo a participação do

Brasil nos jogos internacionais e nas Copas do Mundo e na junção de todos esses aspectos é possível perceber as construções identitárias que estão sendo engendradas.

O Terceiro Capítulo, “Primeiro Tempo: vira 2, termina... – O início da vitória”, trata das identidades e representações construídas nas crônicas de Nelson Rodrigues. Nelas percebemos uma busca de entendimento para as derrotas do futebol brasileiro, a descoberta rodriguiana do “complexo de vira-latas”, a nova representação, a partir da vitória na Copa de 58, do homem genial e repleto de qualidades, e o movimento pendular, de acordo com as vitórias e derrotas do selecionado nacional, em especial nas Copas do Mundo, do “complexo de vira-latas” ao “homem genial”. Nelson nos legou escritos repletos de saídas geniais e tiradas irônicas. Durante toda a sua vida foi um homem que acreditava no Brasil e em seu desenvolvimento e percebia o futebol como um caminho possível para a afirmação do brasileiro.

“O Intervalo: a astúcia do técnico” é o título do quarto capítulo. Nele se discutirá as concepções de futebol pensadas por Saldanha, que iniciou suas atividades relacionadas a essa prática esportiva como dirigente, tornou-se técnico e finalmente cronista, porém, independente da posição ocupada sempre foi um defensor do craque, síntese do futebol-arte. Grande parte das suas crônicas versa sobre a valorização do futebol-arte, praticado pelos sul-americanos, em especial no Brasil, e o futebol-força, praticado pelos europeus. A partir desses dois pólos, Saldanha procura explicar a superioridade do futebol-arte em relação ao futebol-força. Saldanha, em suas crônicas, adotava uma linguagem clara, direta, objetiva e coloquial o que o transformou em um dos cronistas mais lidos. Suas crônicas também denunciavam as mazelas do futebol brasileiro o que lhe rendeu algumas inimizades, porém Saldanha nunca fugiu da refrega e sempre se orgulhou disso.

O quinto e último capítulo é dedicado ao escultor das palavras, Armando Nogueira. O capítulo é intitulado “Segundo Tempo: é de goleada – vitória confirmada”. Nesse capítulo, Nogueira louva o futebol-arte e suas principais características que determinam a forma de jogar do futebol brasileiro. Sendo um virtuoso na capacidade de unir as palavras, Nogueira nos legou crônicas de grande beleza. Entendia que o cronista deveria buscar uma certa neutralidade em seus discursos e mesmo sabendo da dificuldade de alcançá-la anseava por isso. Como um amante dos

esportes, Nogueira extrapolou o universo do futebol e escreveu sobre as mais variadas modalidades esportivas. Homem antenado ao seu tempo discute com propriedade os atuais caminhos do futebol brasileiro e mundial.

“Apito Final: O balanço da partida” é a conclusão deste trabalho. Nela buscamos destacar os principais pontos que unem os três cronistas, mas também perceber como algumas discussões levadas por cada um deles estão eivadas de historicidade, em suma, como elas reverberam o tempo de suas escrituras.

O AQUECIMENTO ENTRE CAMPOS E NOÇÕES

- **AS NOVAS TÁTICAS DA HISTÓRIA**

Certa aluna do Ensino Médio, em uma aula de História, questionou o professor: “O que o futebol tem a ver com a História?” Esse questionamento feito em sala, reflete ainda os resquícios de uma maneira muito específica de se fazer história, aquela engendrada no decorrer do século XIX, excessivamente preocupada em dar um caráter de cientificidade para a referida disciplina e que apenas considerava como “fatos históricos” as ações dos chefes políticos, dos gênios ou dos heróis, em suma, os considerados grandes acontecimentos.

Porém, a história, no decorrer do século XX, buscou romper com os paradigmas do positivismo e do historicismo rankeano construídos no século anterior. Dessa forma ocorreu um esgotamento dos modelos explicativos globalizantes capazes de nos revelar a verdade. Hoje, existe a consciência de que o historiador não encontra a verdade, mas sim possíveis interpretações do passado.¹

O marxismo e a Escola dos Annales foram importantes linhas historiográficas que propiciaram as primeiras mudanças na forma de se encarar a história, porém no decorrer do século XX elas também passaram por profundos questionamentos. No final da década de 80 e início da década de 90 chegou no Brasil a chamada História Cultural, de herança européia, e que teve como grande mérito abrir espaço para novos objetos, temas e campos de estudo.

Nessa esteira, a cultura, em todas as suas formas de expressão, incluindo o futebol, deixou de ser vista apenas como um elemento de simples diversão e passou a ser entendida como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo.

¹ Sandra Pesavento afirma que é possível “falar de um esgotamento de modelos e de um regime de verdades e de explicações globalizantes, com aspiração à totalidade, ou mesmo de um fim para as certezas normativas de análise da história”. Cf. PESAVENTO, Sandra J. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p. 08.

Como foi ressaltado por Roger Chartier, a História Cultural tem como objeto identificar o modo como, em diferentes lugares e períodos, uma realidade social é construída, pensada e dada a ler.²

Na trilha seguida, o fazer história passou por uma série de pugnas e dentre elas pode-se destacar aquela dos que defendiam um fazer histórico mais restrito às fronteiras disciplinares e outros que buscavam pela interdisciplinaridade, isto é, autorizavam e incentivavam o historiador a recorrer a outras disciplinas acadêmicas. Obviamente, essa segunda vertente produziu grande parte da renovação intelectual entre os historiadores do século XX.

Desta forma, um importante aspecto do fazer história atualmente é o seu caráter interdisciplinar. Ela foi buscar em outras áreas do conhecimento aliados para sua empreitada. Nesse caminho, a história aproximou-se da Psicanálise, da Antropologia, da Literatura, entre outras áreas do conhecimento.

Assim sendo, não é interessante encerrar a história numa caixa hermeticamente fechada, ela não deve ser separada de outros campos do conhecimento ou de outras linguagens disciplinares, ainda que não seja idêntica a outras práticas discursivas. Ao reavaliar as próprias fronteiras das disciplinas estamos não só repensando, mas também ampliando as próprias fronteiras da História. Dessa forma, houve uma multiplicação do universo temático, de objetos e de fontes, o que acaba atualmente conferindo uma grande visibilidade à História Cultural.

(...) um dos aspectos que, contemporaneamente, mais dão visibilidade à História Cultural: a renovação das correntes da história e dos campos de pesquisa, multiplicando o universo temático e os objetos, bem como a utilização de uma multiplicidade de novas fontes. Figurando como recortes inusitados do real, produzidos por questões renovadoras, a descoberta de documentação até então não-visualizada como aproveitável pela História, ou então a revisita de velhas fontes iluminadas por novas perguntas.³

Ao adotar uma posição mais crítica quanto ao engessamento das categorias de compreensão histórica, os historiadores encontraram um campo de pesquisa muito mais amplo, podendo trabalhar com uma série de atores históricos que se estavam até então submersos e o

² CHARTIER, Roger. *História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990, p. 16.

³ Idem, *ibidem*, p. 69.

futebol e os discursos a ele vinculados se encaixam exatamente neste campo até então relativamente omitido. Como nos afirma o historiador português José Mattoso, “desde que a história da humanidade se alargou, tudo tem dimensão histórica”.⁴

Com a referida abertura do campo historiográfico, deixaram de existir certezas, leis e modelos que regem o social, os documentos não significam mais a descoberta da verdade. Isto não denota que a história se encontra em uma era de dúvidas e de um vazio epistemológico. De forma alguma. Percebe-se apenas que um objeto de estudo pode e é interpretado de várias maneiras, que não existe uma verdade absoluta, até mesmo porque elas só são úteis aos ditadores. O discurso, mesmo tido como científico, acerca do passado, não é a sua imagem fiel e sim uma expressão do que o seu autor pensa acerca da Humanidade.

Em suma, a história apresenta versões sobre os fatos que ocorreram, narrativas carregadas de subjetividade a partir de dados escolhidos pelo historiador e legados pelo passado. Cabe a ele selecionar, simplificar, organizar, interpretar os testemunhos oriundos do passado tendo como objetivo responder as suas atuais inquietações, problematizações e questionamentos.

(...) a observação do passado não se destina a um macabro trabalho de desenterrar mortos. Não é uma viagem ao reino das sombras, nem pode resultar de uma predileção bafienta pelo que o tempo esterilizou. O que está morto, está morto. De fato, só me interessam as coisas vivas, que me interpelam, que se metem comigo. Só me interessa o presente e a maneira de me movimentar no espaço e no tempo em que vivo. Quero com isto dizer que só me atrai, no passado, aquilo que me permite compreender e viver o presente. (...) a História não é a comemoração do passado, mas uma forma de interpretar o presente.⁵

Sendo assim, percebe-se não apenas a subjetividade que sempre perpassa o ofício do historiador, mas que os objetos históricos, como foi ressaltado por Michel de Certeau, não são produtos naturais, mas sim produtos discursivos, cabendo ao historiador decifrar as representações contidas no passado.⁶

⁴ MATTOSO, José. *A escrita da história: teoria e métodos*. Lisboa: Editorial Estampa, 1997, p. 17.

⁵ Idem, *ibidem*, p. 21-22.

⁶ CERTEAU, 1982 apud PESAVENTO, Sandra Jatahy. *op. cit.*, p. 35.

Desta forma, o historiador percebeu que é simplesmente impossível descrever uma realidade que existe além da interpretação, sendo assim, não tem fundamento a oposição entre textos e realidades, afinal o próprio passado só nos chega na forma de textos e remanescentes textualizados. Assim sendo, definições que impedem o uso de instrumentais originários de outras áreas não fazem mais sentido, assim como, as velhas distinções entre fato e ficção que tanto impediram a utilização da literatura por parte dos historiadores.

Durante muito tempo, os últimos optavam por não ver o elemento imaginário de suas obras, acreditavam que seriam capazes de transcender a ficção. Porém, a dimensão fictícia e imaginária de todos os relatos de acontecimentos não significa que eles não tenham realmente ocorrido, mas, sim, que qualquer tentativa de descrever os acontecimentos deve levar em conta diferentes formas de imaginação. Sendo assim, ao se escrever a história é impossível prescindir de uma narrativa ficcional e filosófica.⁷

Sendo assim, qualquer explicação histórica terá de se assentar, necessariamente, em uma base meta-histórica, ou seja, em estratégias prefigurativas – tropológicas – , aceitas como corretas em cada época, a partir da qual se pode proceder à interpretação histórica. Portanto, a clássica distinção entre o papel do historiador e o do escritor – um “acharia” suas histórias, outro “inventaria” as suas – não procede, já que também o trabalho historiográfico exige um nível de invenção necessário à construção de uma explicação que dê sentido aos dados trabalhados.⁸

O historiador precisa e vem rompendo com a idéia de encontrar a narrativa do mundo da forma como realmente existiu, inclusive atentando que as suas descrições são apenas parciais e que inúmeras outras informações foram deliberadamente ou não excluídas. Além do mais, também toma consciência de que suas explicações são incapazes de esgotar a descrição ou a

⁷ KRAMER, Llyod S. “Literatura, crítica e imaginação histórica: o desafio literário de Hayden White e Dominick LaCapra”. In: HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 136-137.

⁸ BRITO, Eleonora Zicari Costa de. “A criminologia informa a literatura de Afranio Peixoto”. In: COSTA, Cléria Botelho da & MAGALHÃES, Nancy Alessio (orgs.). *Contar história, fazer história: história, cultura e memória*. Brasília: Paralelo 15, 2001, p. 191.

análise.⁹ Até mesmo porque cada época elabora seus próprios questionamentos e a história deverá respondê-los e isso condicionará a produção das representações sobre o passado.¹⁰

Não há história definitiva, pela simples razão de que a palavra pronunciada, por mais fundadora e fecunda que seja, está, ela própria, sujeita ao tempo, torna-se ela própria passado, objeto, de outras experiências, o que quer dizer que tem de ser constantemente renovada, constantemente pronunciada para se manter viva.¹¹

As interpretações possíveis são, decerto, muitas e variadas. A História constrói um discurso imaginário e aproximativo sobre aquilo que teria ocorrido um dia, o que implica dizer que faz uso da ficção.¹² A História não é a realidade e a sua escrita deve ser entendida como um conjunto de palavras que se pretendem evocadoras de sons capazes de interligar o sujeito e a realidade. Como sons mediadores que pretendem ser, convidam a descobrir a realidade, porém não podem encerrá-la nem dominá-la.

Voltando aos historiadores do século XIX, cabe ressaltar que eles restringiram seus modelos de representação a uma perspectiva realista e à ciência positivista fazendo com que a história se afastasse totalmente da imaginação literária conseqüentemente não enfatizando as semelhanças entre a historiografia e a atividade imaginativa presente nos literatos o que fez com que se estabelecesse uma nítida separação entre história e literatura. Obviamente que esse processo tinha como uma das suas principais finalidades reforçar as reivindicações científicas para a disciplina história. Porém,

Esse processo disciplinador ajudou os historiadores a delimitar suas reivindicações científicas, mas, ao mesmo tempo, foi aos poucos colocando a história à margem de uma cultura criativa, crítica e intelectual, que se volta cada vez mais para uma grande variedade das mais recentes questões lingüísticas, teóricas e experimentais.¹³

⁹ Mattoso afirma que “está-me vedada a descoberta da última e definitiva palavra que resolveria todos os mistérios e contradições”. Cf. MATTOSO, José. op. cit., p. 22.

¹⁰ Essa discussão pode ser aprofundada em um texto escrito por Carr intitulado “O historiador e seus fatos”. Nele, Carr demonstra que a própria definição do que é história depende do momento de sua construção. In: CARR, Edward Hallet Carr. *Que é história?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996, p. 43-65.

¹¹ Idem, ibidem, p. 29.

¹² PESAVENTO, Sandra Jatahy. op. cit., p. 53.

¹³ KRAMER, Llyod S. op. cit., p. 159.

Ao romper com os paradigmas até então vigentes, a História encontrou novos parceiros e dentre os seus novos interlocutores ressalta-se a literatura que, nas suas mais variadas formas, ajuda a alargar a busca da realidade histórica, ampliando as fontes e permitindo que outras formas de pensar sejam apropriadas pelos historiadores.

A aproximação entre História e Literatura já se dá na forma com que o historiador vai narrar o seu objeto de estudo. Ao elaborar a sua escrita, ao construir sua narrativa, o historiador não é muito diferente de um escritor, de um literato, ambos valem-se de estratégias retóricas, “estetizando em narrativa os fatos dos quais se propõem falar”.¹⁴ Assim sendo, a História é uma forma de ficção. Uma ficção controlada. O historiador sempre se encontrará guiado pelo método e pelas fontes, mas ainda sim uma forma de ficção. Somente aqueles que ainda seguem a teoria científica engendrada no decorrer do século XIX, estabelecendo uma distinção clara entre fato e ficção, podem se sentir ameaçados com esse fazer história.

A história não pode, por certo, simplesmente competir com a ficção, pois os historiadores devem lidar com o que de fato aconteceu no passado. Porém, a representação contemporânea desse passado pode e deve transpor as fronteiras metodológicas que nossos antepassados positivistas legaram à profissão histórica.¹⁵

O passado é reconstruído pela escrita do historiador, mas, por não ser mais observável, ele é sim, conforme as palavras de Sandra Pesavento, apenas memorável. Com isso, “o texto da história tem a ambição de que a sua construção seja uma reconstrução, ou seja, a restituição da verdade do acontecido ao leitor”.¹⁶ O passado não está dado, mas é sim constantemente construído e reconstruído.

Nada daquilo que se quer conhecer existe já. Só o podemos apreender por meio de indícios dispersos, que têm de se aproximar mentalmente, e que, uma vez reconstituído, será sempre irredutível ao discurso, que jamais se possa fazer sobre ele. Não é, todavia, este limite imposto pelas mediações a que temos de recorrer que tira pertinência ao trabalho com que a imaginação procura reconstituir o passado.¹⁷

¹⁴ PESAVENTO, Sandra Jatahy. op. cit., p. 81.

¹⁵ KRAMER, Llyod S. op. cit., p. 145.

¹⁶ PESAVENTO, Sandra J. op. cit., p. 36.

¹⁷ MATTOSO, José. op. cit., p. 19.

Não estariam tanto o historiador quanto o cronista utilizando-se da imaginação em suas narrativas e ambos construindo uma ilusão controlada pelas fontes e pela pretensão da verdade? Suas narrativas também não estariam sendo influenciadas pelos locais da fala?¹⁸

No importante entrecruzar da História com a Literatura, o historiador utilizará o texto literário não mais como uma ilustração do contexto em estudo, mas sim como uma outra porta de entrada às sensibilidades de tempos passados. A “ênfase sobre a dimensão literária da experiência social e a estrutura literária da escrita histórica propicia uma nova abertura aos que desejam expandir a erudição histórica para além de suas limitações tradicionais”.¹⁹ Sendo assim, o historiador, ao formular os seus questionamentos, utilizará a literatura como fonte que o ajudará a responder as suas indagações, afinal ela possibilita a captura do clima de uma época, seus valores, medos, preconceitos, sonhos, etc. Em suma, é uma fonte essencial para a percepção do imaginário de um dado período.

E é como uma alternativa de entrada para o entendimento de sensibilidades passadas, para a formação identitária brasileira que estão sendo utilizadas como fontes as crônicas esportivas relacionadas ao futebol, em especial aquelas escritas pelos cronistas escolhidos, isto é, Nelson Rodrigues, João Saldanha e Armando Nogueira.

- **A CRÔNICA ESPORTIVA E OS CRONISTAS**

Nas primeiras décadas do século XX difundiu-se em larga escala a crônica, gênero literário originário do folhetim do século XIX, que, ao contrário do romance²⁰, permitia uma maior aproximação entre o narrador e o leitor. O cronista era e é capaz de intercambiar experiências com a sua forma de comunicação. Segundo Bernardo Buarque de Hollanda:

¹⁸ O uso da imaginação nas crônicas esportivas será melhor detalhado e exemplificado quando se discutir os escritos de cada cronista que compõem esse trabalho.

¹⁹ KRAMER, Llyod S. op. cit., p. 132.

²⁰ O romance, segundo Walter Benjamin, tornava-se, no decorrer do século XIX, um tipo de narração mais introspectiva e solitária. Cf. BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

O cronista moderno não era apenas o *flaneur* ou o repórter de rua (...), mas aquele potencial contador de histórias capaz, amiúde, de sensibilizar seu leitor, de dividir sua sabedoria e de transmitir suas vivências, ainda que no breve relato da crônica escrita.²¹

No Brasil, a crônica moderna teria se consolidado na década de 30²², assim como a própria crônica esportiva, que até então tinha um formato incipiente e distante do que viria a se constituir na referida década²³, quando uma série de transformações no interior do futebol acabaram por levar a uma renovação na própria forma jornalística de se cobrir as partidas. Apesar de existir uma discussão quanto a quem reinventou a crônica esportiva brasileira, alguns defendem Mário Rodrigues Filho outros Max Valentim²⁴. É inegável a importância do primeiro no processo de criação de um campo autônomo para o jornalismo esportivo.

Mesmo sendo um gênero considerado menor dentro da literatura em geral, a crônica afigurou-se como importante instrumento para a afirmação da língua nacional, das expressões literárias brasileiras e, conseqüentemente, da própria identidade nacional.

Assim sendo, a crônica esportiva especializada pode ser entendida como um elemento de intermediação material, tecnológica e simbólica entre torcedores, profissionais ou interessados nas informações do evento, que neste caso é o jogo de futebol. Além disso, a crônica serve como multiplicador do jogo, atingindo inclusive aqueles que não puderam participar do evento, sendo fundamentais para manter e sustentar a emoção entre os aficionados.²⁵ A crônica esportiva pode ser entendida, desta forma, como um espaço de mediação e de interlocução entre cronistas e leitores. Segundo Bernardo Buarque de Hollanda:

(...) tal relação facultava uma espécie de bate-papo, de conversa fiada ou de cumplicidade lúdica, marcas peculiares da crônica como gênero a um só tempo literário e jornalístico, numa postura espontânea, despojada e recreativa que pode encontrar paralelo e termo de comparação na prática esportiva com a idéia de pelada ou de bate-bola informal.

²¹ HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. *O descobrimento do futebol: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2004, p. 129-130.

²² CÂNDIDO, Antônio. "A vida ao rés-do-chão". In: *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 26.

²³ HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. op. cit., p. 140.

²⁴ Cf. TOLEDO, Luiz Henrique de. *Lógicas no futebol*. São Paulo: Hucitec: Fapesp, 2002, p. 162-165.

²⁵ TOLEDO, Luiz Henrique de. op. cit., p. 160.

Esse processo vai ter seus desdobramentos nas décadas de 1940 e 1950 com a fixação da crônica esportiva como um gênero com formato próprio e com feição específica.²⁶

Assistiu-se, a partir de 1930, a substituição da crônica objetiva, fria, impessoal e limitada à informação, que imperou nas primeiras décadas do século, por uma narrativa de cunho pessoal, permitindo a manifestação da subjetividade do cronista.

A descrição, pelo jornal *Gazeta*, da primeira partida disputada pela Seleção Brasileira contra o Chile no Campeonato Sul-Americano de 1919²⁷, disputado no Brasil, exemplifica de forma clara como eram construídas as crônicas esportivas e o quanto eram diferentes daquelas produzidas a partir da década de 30.

O aspecto era sobremado grandioso e deslumbrante: um mar de gente agrupado em torno do quadrilátero gramado, por sobre tudo centenas de bandeiras de nações amigas e de entidades esportivas, e ao longe, circundando este conjunto um círculo de montanhas que, majestosamente, parecia proteger os que ali se achavam vibrantes de vitalidade e entusiasmo, contra qualquer imprevisto que, porventura, pretendesse vir a quebrar a harmonia àquela imponência. Pouco antes de ser iniciada a peleja, dois aeroplanos vieram evoluir por sobre o stadium, praticando proezas de verdadeiros dominadores do ar. Eram campeões de nobres sports, que vieram homenagear o irmão de um outro sport não menos nobre. O início do Campeonato foi honrado com a presença de S. Excia. O Sr. Presidente da República, que chegou ao local do match pouco antes do mesmo principiar só se retirando depois de seu final.²⁸

As características anteriormente destacadas, tais como a preocupação com a descrição, o caráter impessoal, entre outros, são marcantes nessa crônica e, interessante, do jogo em si nada foi dito.

Uma das alterações sofridas pelas crônicas esportivas foi a incorporação de um formato de carta. A crítica paulista Yoshie Barreirinhas afirma inclusive que a adoção deste gênero acabava por proporcionar uma aproximação ainda maior entre o cronista e o leitor. A

²⁶ HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. op. cit., p. 147.

²⁷ O campeonato foi vencido pelo Brasil que derrotou o Uruguai por 1X0 na prorrogação da segunda partida entre as duas equipes. A primeira partida terminou empatada em 0X0.

²⁸ MAZZONI, Tomás. *História do futebol no Brasil*. São Paulo: Edições Leia, 1950, p. 137-138.

crônica esportiva dessa forma possibilitava uma interface como público leitor de jornal e com o público freqüentador de estádios.

Fazer com que a crônica se apresente sob a forma de carta é um recurso que conta, em geral, com a curiosidade e a simpatia do leitor, que se vê assim no limiar do universo da privacidade do cronista ou de quem quer que esteja escrevendo a carta. Pode, desta forma, imaginar-se um pouco íntimo do cronista.²⁹

Segundo Bernardo Buarque de Hollanda,

Como um esporte que suscitava paixões coletivas, o futebol nivelava o cronista com os demais participantes do universo esportivo, ao lado de técnicos e jogadores e juízes, dirigentes e jornalistas.³⁰

Em relação ao futebol, a construção da maneira de jogar dos brasileiros já estava se cristalizando, tomando forma, a partir dos anos 20, com nos lembra Luiz Henrique Toledo: “as disputas por conceitos, doutrinas e concepções de jogar e do gostar do jogo no Brasil podem ser verificadas ao longo de toda a história desta modalidade esportiva, de maneira mais explícita desde os anos 20”³¹ e obviamente os cronistas, como mediadores e multiplicadores do jogo, foram fundamentais para a manutenção da emoção dos torcedores e aficionados.

Nesse sentido e retomando as mudanças que a crônica esportiva passou a sofrer na década de 30, ao lado das alterações visuais e técnicas por que passava o jornalismo esportivo, a crônica também buscou uma forma mais dinâmica e interativa de comunicação, inclusive adotando uma linguagem mais coloquial, mais próxima das expressões usuais dos torcedores.³²

²⁹ BARREIRINHAS, Yoshie S (org.). *Menotti Del Picchia: o gedeão do modernismo (1920-1922)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; São Paulo: Secretaria de Cultura do Estado, 1983, p. 42 apud HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque. op. cit., p. 153.

³⁰ HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque. op. cit., p. 155.

³¹ Idem, *ibidem*, p. 162.

³² Para um aprofundamento em relação às mudanças na escrita das crônicas é interessante proceder à leitura de Bernardo Buarque de Hollanda, ele inclusive afirma que “a modernização da crônica esportiva caracterizava-se pela implantação de uma nova linguagem e de uma nova narrativa, assim como pelo estabelecimento de uma nova relação entre o cronista e o leitor”. Cf. HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque. op. cit., p. 145.

O futebol foi utilizado pelos cronistas como uma possibilidade de observar e discutir o estilo emocional dos brasileiros, que pensavam a sua comunidade nacional por meio do futebol e interpretavam as reações dos brasileiros diante do sucesso e do fracasso no esporte.³³

Mesmo não compondo um grupo homogêneo, afinal as opiniões e representações não são consensuais, as crônicas esportivas apresentam-se como portadoras de um conjunto articulado de representações, fixadas em discursos por aqueles considerados e legitimados como os especialistas e que ocupam uma visibilidade e prestígio ante o imaginário torcedor.³⁴

Trata-se de um tipo de fonte cuja validade nada fica a dever a outros tipos de documento, visto que, como qualquer outra, também ela participa do jogo de representações que procura, pela atribuição de sentidos, definir a realidade vivida.³⁵

Os cronistas são importantes personagens na história do futebol no Brasil. Compreender seus entendimentos, perspectivas, esperanças e projetos de país, presentes em seus escritos permite a ampliação da dimensão explicativa da história, levando-nos ao encontro das representações/imagens do que fomos, somos e do que objetivamos ser. Afinal, as crônicas esportivas não se descuidam de veicular discursos sobre o que é ser brasileiro, discursos estes que acabam por afetar até mesmo outros setores da vida cotidiana do brasileiro, inclusive fora do âmbito esportivo. Entenda-se, elas não estão deslocadas dos momentos históricos vividos pelo Brasil. A busca de afirmação do país nos anos 50 e 60, o ufanismo e nacionalismo dos anos 70, a frustração dos anos 80 e início dos 90 e a esperança dos anos 90 e início do novo milênio, são momentos que informam diferentes maneiras de representar o futebol e sua importância para o país. Como nos lembra Fatima Antunes: “O que se tem, nas crônicas de futebol, são autores tecendo suas opiniões e especulando sobre o caráter nacional”.³⁶

³³ ANTUNES, Fatima M. R. Ferreira. “*Com brasileiro não há quem possa!*”: futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: UNESP, 2004, p. 40.

³⁴ TOLEDO, Luiz Henrique de. op. cit., p. 160.

³⁵ Eleonora Zicari Costa de Brito entende que a literatura, lembrando que a crônica esportiva é um gênero literário, partilha um universo de representação carregado de valores e de normas que procuram reafirmar, divulgar, reproduzir, ou, ao contrário, subverter a realidade. Cf. BRITO, Eleonora Zicari Costa de. op. cit., p. 200.

³⁶ Idem, ibidem, p. 42.

É importante ressaltar que por estarem em conformidade com o seu tempo e sabendo que não existe neutralidade nos discursos, os cronistas estavam e estão totalmente comprometidos com as suas respectivas visões de mundo, ou representações. Sendo assim, acabam por falar de locais específicos e suas palavras, por mais simples que pareçam, estão repletas de sentidos que podem inclusive gerar diferentes tipos de interpretações. Por isso mesmo, é também importante destacar que “uma vez analisado, o objeto permanece para novas e novas abordagens. Ele não se esgota em uma descrição”.³⁷

A crônica, escrita no calor dos acontecimentos e em dia com os fatos, tornou-se depositária das ideologias nacionalistas que tentavam explicar os dilemas do homem brasileiro num processo de aquisição de autoconfiança e de busca de reconhecimento internacional. Com esse intento é que se acompanha a constituição da crônica de futebol, mostrando-a como um espaço de reflexão sobre a identidade e o caráter nacional brasileiros.³⁸

Luiz Henrique Toledo vislumbra três perspectivas presentes na fala dos especialistas. A primeira perspectiva cria um discurso que incorpora, com cores bastante vivas, a emoção, a imponderabilidade e se encontra muito próxima do domínio do torcedor. Sem dúvida alguma Nelson Rodrigues seria um excelente exemplo desta perspectiva.

A segunda perspectiva preocupa-se, sobretudo, com a análise técnica, teoricamente desapixonada e distanciada, mas ainda presa ao jogo. João Saldanha e Armando Nogueira estariam mais alinhados com essa perspectiva. Este último cronista também participa da terceira possibilidade ou perspectiva presente nas crônicas esportivas, aquelas que enfatizam os aspectos políticos do futebol profissional, que buscam mudanças institucionais e que acabam por dialogar diretamente com as elites dirigentes do esporte. Crônicas relacionadas, por exemplo, à Lei do Passe, à Lei Pelé, etc, são exemplos desta terceira perspectiva.³⁹

Cabe ressaltar que um mesmo cronista pode, sem dúvida alguma, transitar pelas três modalidades destacadas. Porém, sempre houve uma disputa entre os cronistas menos preocupados com as questões táticas com aqueles da segunda perspectiva, isto é, com os cronistas

³⁷ ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2001, p. 64.

³⁸ ANTUNES, Fatima Martin Rodrigues Ferreira. op. cit., p. 43.

³⁹ TOLEDO, Luiz Henrique de. op. cit., p. 160-161.

comprometidos com os aspectos mais competitivos e técnicos. Os primeiros eram acusados pelos segundos de carnavalizarem em demasia o futebol, além de adotarem uma postura amadora dado o teor passional contido em suas crônicas tidas como reprodutivas da conduta de torcedores.⁴⁰

Especialmente a partir dos anos 80, em virtude das transformações gerenciais vividas no futebol, os cronistas incorporaram, de maneira preponderante, em seus discursos, a dimensão mais tecnicista e menos encantada a respeito do futebol. Mesmo aqueles especialistas tais como Juca Kfourri ou Milton Neves, que deixam claro suas preferências clubísticas, apontam para a necessidade de isenção. “O estado da arte da crônica demanda por um outro tipo de conduta, não mais carnavalizado, comum em décadas anteriores, explicitamente mais próximo do ideário torcedor, mas, sobretudo engajado na dimensão mais competitiva e profissional”.⁴¹ Porém, assumir essa impessoalidade é possível? Quantos especialistas não resvalam nos fenômenos designados como “clubismo” e “bairrismo”? Quantos não se utilizam da sua posição para tirar algum proveito? Ou ainda, como nos lembra Toledo, “esta especialização sempre resvalou nas dimensões da emoção”.⁴²

Se essas manipulações, demandas e interesses existem é porque elas são viabilizadas pela capacidade de mobilização que se forma em torno do futebol, que no Brasil transcende os limites do ritual esportivo, tornando-se um “fato da sociedade”.

E isso se reflete nas próprias coberturas esportivas diárias. O futebol é tido como o esporte principal, aquele que se evidencia por um jornalismo mais consolidado e onde o interesse mercadológico é muito mais abrangente. Os próprios jornalistas esportivos iniciam a vida profissional cobrindo esportes “amadores” para, só depois de adquirirem experiência, partirem para o futebol. E isso acaba se tornando um grande obstáculo a ser superado pelos outros esportes, que é o desconhecimento por parte do jornalista em relação ao esporte amador a ser coberto.⁴³

⁴⁰ Idem, ibidem, p. 166.

⁴¹ Idem, ibidem, p. 169.

⁴² Idem, ibidem, p. 169.

⁴³ Idem, ibidem, p. 175.

Ao se estudar a forma com que se monta uma reportagem esportiva é possível se perceber a aproximação do repórter com o historiador. Ambos usam da narrativa, da criatividade, com o intuito de prender o leitor. Também trabalham “visões” dos fatos, aquelas que subjetivamente, tanto um quanto o outro, consideram de maior interesse. Dependendo do suporte em que o “trabalho” será divulgado, as estratégias de apresentação também irão variar. Tanto os repórteres, mais precisamente os cronistas, quanto os historiadores possuem uma relativa autonomia para desenvolver os seus respectivos trabalhos, porém, os dois estão limitados pelo documento, pelo fato.

Nos períodos de Copa do Mundo todos os especialistas envolvidos com o futebol adotam uma posição ufanista e isso obviamente se reflete nas crônicas esportivas. Nesses períodos ressalta-se, de forma ainda mais clara, a maneira de jogar “à brasileira”. Sendo assim, as crônicas que compõem o atual estudo foram escolhidas por expressarem momentos especiais, destacando aquelas que abordam as discussões relativas à construção da identidade nacional. Assim sendo, serão privilegiadas aquelas crônicas relativas ao selecionado nacional e às viagens internacionais das equipes brasileiras.

Porém, cabe destacar que, dependendo dos resultados obtidos, em especial pela seleção brasileira, as crônicas podem manter o já referido tom ufanista como também podem adotar um tom completamente pessimista. Tal afirmação se tornará muito clara quando forem tratadas as crônicas, em especial da década de 60. Isso porque, mesmo após o bi-campeonato mundial conquistado pelo Brasil (1958 – 1962), a derrota em 1966, na Copa da Inglaterra, fez com que os escritos voltassem a destacar os “defeitos” do brasileiro.

- **FUTEBOL, SOCIEDADE E IDENTIDADE**

O futebol é o esporte mais popular do planeta. Só para se ter uma idéia de sua dimensão, existem mais países filiados a FIFA (*Federation Internacionl of Football Association*) do que associados à ONU (Organização das Nações Unidas).⁴⁴ No Brasil, esse esporte passou a

⁴⁴ AQUINO, Rubim Santos Leão de. *Futebol: uma paixão nacional*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002, p. 11.

ser jogado cotidianamente há pouco mais de um século e tornou-se uma das nossas maiores riquezas como nação, uma das nossas principais caixas de ressonância social e um elemento que nos identifica como brasileiros, tanto aqui, como no exterior.

Apesar de sua importância, em meados dos anos 60, depois de o Brasil já ter vencido duas Copas do Mundo (1958 e 1962), os jornais ainda noticiavam com parcimônia as questões relativas ao futebol. Tal fato demonstra que o futebol não era um objeto de grande interesse por parte de artistas e intelectuais e quando o mencionavam costumavam fazê-lo de forma pejorativa. Para aqueles ligados ao discurso oficial, nossa principal prática esportiva era vista como uma coisa do povo e que deveria ficar limitada nesse espaço, isto é, no interior desse mesmo povo. Como nos lembra Ugo Giorgetti “o máximo de atenção que as elites dedicavam ao futebol era lançar olhares assombrados e às vezes apreensivos para o entusiasmo e o fanatismo que ele suscitava”⁴⁵. Interessante posição, afinal o futebol iniciou-se como um esporte da elite e que seria capaz de engendrar diferenciações sociais. Como nos lembra Leonardo Pereira, para ele o futebol era tido como :

Uma solução perfeita: afirmando a superioridade “natural” dos indivíduos adeptos de uma boa educação física sobre aqueles que mantivessem seu apego à preguiça e ao marasmo que seriam uma das marcas do caráter nacional, dava aos jovens elegantes a oportunidade de buscar, nos campos, a justificativa moral para sua superioridade que se perdera no final do século XIX. Excluídos desses clubes, os trabalhadores continuariam condenados à degeneração física e mental, distanciando-se cada vez mais dos corpos bem-educados e fortes dos jovens *foot-ballers*.⁴⁶

O futebol foi visto, por muito tempo, dentro das ciências sociais⁴⁷, como um instrumento capaz de distanciar o povo das “verdadeiras preocupações”, dos seus “problemas mais urgentes”.⁴⁸ Dessa forma, ele estaria se prestando ao processo de alienação das massas,

⁴⁵ GIORGETTI, Ugo. “Arte e futebol”. In: COSTA, Márcia Regina da (et. Al.). *Futebol: espetáculo do século*. São Paulo: Musa Editora, 1999, p. 15.

⁴⁶ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro: 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, p. 87.

⁴⁷ Essa visão, segundo DaMatta, está intimamente vinculada a teorias utilitaristas que estiveram muito em voga nas Ciências Sociais. De acordo com essa tese, se o futebol existe socialmente é porque ele tem algum papel para desempenhar e nesse caso é desviar a atenção e mistificar o povo, ou seja, só quem sabe e tira proveito do verdadeiro papel do futebol na sociedade é a camada dominante e os críticos da sociedade, enquanto a massa da população brasileira permanece em seu sistemático engano. Cf. DaMATTÁ, Roberto. op. cit., p. 21-24.

⁴⁸ Cabe ressaltar que essa posição de desprezo pelo futebol já era adotada desde o início do século XX especialmente pelos sindicalistas, afinal as assembleias tinham seu quorum reduzido na mesma proporção que aumentavam as

sendo entendido até mesmo como o “ópio do povo”, expressão usada e combatida por Roberto DaMatta.⁴⁹ Como o futebol foi introduzido no Brasil pela elite do país, a sua “democratização” era entendida, pelos defensores do papel alienante que caberia ao futebol, como um “engodo forjado pelas classes dominantes e repassado ao proletariado com o fim último de entretê-lo, domesticá-lo e desviá-lo da luta de classes”.⁵⁰ Tal afirmativa deixa a impressão que o futebol seria algo exógeno, isto é, que existiria fora da sociedade e o “*establishment* teria a subserviência dos grupos com menor poder econômico e prestígio social”.⁵¹ Porém, como afirma Arlei Damo:

O futebol não foi inventado pelas classes altas com fins espúrios, se é que se pode pensar em termos de finalidade, e tampouco foi assimilado passivamente pelas classes trabalhadoras.⁵²

De fato, a relação entre o futebol e a sociedade está culturalmente demarcada, não é algo evidente e natural, mas sim construída. Há uma relação de interdependência envolvendo o esporte e a sociedade, sendo um parte integrante do outro. O esporte é uma das formas pela qual a própria sociedade se expressa. Além disso, cabe uma reflexão, o futebol, assim como qualquer outra atividade praticada pelo ser humano, seria em si algo alienante ou não seria a forma com que ele é apropriado que traria este caráter alienador? Essa discussão supera o futebol e pode ser pensada para as novelas, a religião, etc.

O futebol seria entendido como uma das possibilidades do brasileiro sair da posição de mero objeto da ordem para se tornar um sujeito social, “de ninguém se tornar alguém”, desta forma, o indivíduo alcança sua ascensão e afirmação dentro da sociedade transformando-se em um ator ativo no direito de ordenar o mundo. Inclusive, como nos lembra Luís Cláudio Figueiredo: “(...) a carreira de jogador de futebol é atualmente uma das vias régias para uma passagem das condições de mero indivíduo para a condição de pessoa (...)”.⁵³ O futebol no Brasil

aglomerações em torno do campo. Dessa forma, os anarquistas e comunistas logo perceberam e construíram a idéia de que o futebol era um esporte burguês e que estaria alienando e conseqüentemente minando a organização de classe. Cf. DAMO, Arlei Sander. *Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002, p.46.

⁴⁹ DaMatta, Roberto e outros. *Universo do futebol: esportes e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1982, p. 21-23.

⁵⁰ DAMO, Arlei Sander. *Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002, p.28.

⁵¹ Idem, ibidem, p. 28.

⁵² Idem, ibidem, p. 28.

⁵³ FIGUEIREDO, Luís Cláudio. *Modos de subjetivação no Brasil*. São Paulo: Escuta: Educ, 1995, p. 66.

não deve ser considerado apenas como uma evasão da vida real, afinal as práticas lúdicas por ele engendradas ultrapassam esses limites invadindo o tempo “sério” da vida. Ele opera conexões estruturais complexas, que abrangem desde as camadas mais humildes da população brasileira até as mais altas.

Ora, num país onde a massa popular jamais tem voz e quando fala é através dos seus líderes, dentro das hierarquizações do poder, a experiência futebolística parece permitir uma real experiência de “horizontalização do poder”, por meio da reificação esportiva. Assim, o povo vê e fala diretamente com o Brasil, sem precisar dos seus clássicos elementos intermediários, que, sistematicamente, totalizam o mundo social brasileiro para ele e em seu nome.⁵⁴

Ou já dando voz a João Saldanha,

Penso que o futebol em nosso país é um fator básico para as classes populares em sua cultura e auto-afirmação, com características que nenhum outro esporte possui. Mas, como qualquer fenômeno da vida social, é contraditório, e suas contradições estão relacionadas com a nossa sociedade. Afinal, não jogamos futebol na Lua.⁵⁵

O filósofo tcheco Vilém Flusser também combateu a idéia simplista de que o futebol cumpriria apenas um papel evasivo da realidade. Segundo ele, o futebol no Brasil passou da alienação para o engajamento, uma vez que a realidade do jogo aqui se tornou dominante, absorvente e extravasou seus domínios originais para todas as redes da vida social, e não o inverso. Dessa forma, o futebol brasileiro não deve ser entendido como uma mera válvula de escape, capaz de consumir o potencial revolucionário das massas oprimidas; mas foi, sim, por meio dele que o homem se apercebeu da possibilidade de forjar uma outra realidade, a realidade do jogo, onde ele também se sente parte ativa, dentro de um universo complexo e dinâmico.⁵⁶

Já de início cabe ressaltar que Nelson Rodrigues, João Saldanha e Armando Nogueira sempre criticaram as posições que simplesmente ignoravam o futebol, afinal eles entendem que por intermédio do futebol o mais comum dos brasileiros sentia-se parte da nação, de uma comunidade maior à qual pertencia, uma comunidade imaginada, e estava a ela indubitavelmente

⁵⁴ DaMATTA, Roberto. op. cit., p. 34.

⁵⁵ SALDANHA, João. “Futebol e zona do agrião”. In: MILLIET, Raul (org.). *Vida que segue: João Saldanha e as copas de 1966 e 1970*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006, p. 264.

⁵⁶ FLUSSER, Vilém. “Alienação”. In: *Fenomenologia do brasileiro: em busca de um novo homem*. Rio de Janeiro: UERJ, 1998.

ligado. Por comunidade imaginada entende-se o conceito elaborado por Benedict Anderson. Para este autor, não existiram “comunidades naturais”, ou “comunidade de sentimento”.

Como definiria Weber,⁵⁷ para se reunirem, as pessoas teriam que criar elementos de identificação, de pertencimento, em suma, que essa comunidade fosse inventada ou imaginada⁵⁸, mesma linha de pensamento defendida por Hobsbawm que percebeu, desde o final do século XIX, a prática esportiva e as competições internacionais como elementos de construção de uma identidade nacional e de uma comunidade artificial. A promoção do esporte, ainda segundo Hobsbawm, proporcionou novas expressões de nacionalismo que se refletiram na invenção de esportes nacionalmente específicos e que acabavam por unir todos os habitantes do Estado nacional, independente das diferenças locais e regionais.⁵⁹

Não se deve esquecer que, em especial a partir da Revolução Industrial, no final do século XVIII, ocorreu um êxodo crescente da população rural para as cidades, formando assim imensos conglomerados urbanos, que logo se tornaram verdadeiras metrópoles. Todos aqueles que se viram envolvidos no processo do êxodo rural eram oriundos de outras regiões, perderam suas raízes e não tinham ainda formado laços de pertencimento com a cidade que agora habitavam. Desta forma, deixaram nas terras de origem suas famílias, suas práticas culturais, sua história. Assim sendo, segundo Sevchenko, o futebol teria ajudado a preencher este vazio.

Na busca de novos traços de identidade e de solidariedade coletiva, de novas bases emocionais de coesão que substituíssem as comunidades e os laços de parentesco que cada um deixou ao emigrar, essas pessoas se vêem atraídas, dragadas para a paixão futebolística que irmana estranhos, os faz comungarem

⁵⁷ O conceito de nação elaborado por Max Weber é bastante interessante e pode ser facilmente extrapolado para o futebol. Segundo Weber, o conceito de nação significa “que podemos arrancar de certos grupos de homens um sentimento específico de solidariedade frente a outros grupos. Assim, o conceito pertence à esfera dos valores. Não obstante não há acordo sobre como esses grupos devem ser delimitados ou sobre que ação concertada deve resultar dessa solidariedade.” Cf. WEBER, Max. “A nação”. In: GERTH, H. H. & MILLS, W. (orgs.). *Ensaio de sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1974, p. 202 apud DAMO, Arlei Sander, op. cit., p. 52. Para Arlei Damo, é possível identificar, a partir da definição de Weber, quatro premissas que podem ser remetidas ao contexto futebolístico: a) a idéia de solidariedade grupal em torno de um sentimento específico (pertencimento clubístico); b) a incerteza em relação às ações decorrentes desta solidariedade (violência física / violência simbólica); c) a segmentação e fluidez grupal (torcidas organizadas / outros torcedores); e d) as disputas em torno de valores (“raça”, “classe social”, etc). Cf. Idem, ibidem, p. 52.

⁵⁸ ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989.

⁵⁹ HOBBSAWM, Eric & RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p. 309.

ideais, objetivos e sonhos, consolida gigantescas famílias vestindo as mesmas cores.⁶⁰

Segundo o sociólogo Richard Giulianotti,

O futebol é uma das grandes instituições culturais, como a educação e os meios de comunicação de massa, que formam e consolidam identidades nacionais do mundo inteiro. A difusão internacional do futebol durante o final do século XIX e o início do século XX ocorreu quando a maior parte das nações na Europa e na América Latina estava negociando suas fronteiras e formulando suas identidades culturais. (...) Uma linguagem compartilhada, um sistema educacional e meios de comunicação de massa tornaram-se instrumentos culturais vitais para disseminar sentimentos de nacionalidade. Cada nação produziu uma “história oficial”, celebrando figuras heróicas que haviam lutado para defender “o povo” contra forças hostis. De maneira mais influente, a cultura popular fornecia esses recursos com componentes estéticos e ideológicos. Eventos esportivos, principalmente partidas de futebol, tornaram-se os colaboradores mais importantes. Times de futebol de diferentes partes do país podem representar localidades rivais, mas dentro de uma estrutura unificadora de um sistema de liga nacional. Nos internacionais, o time incorpora a nação moderna⁶¹.

No processo de construção da identidade nacional, além da língua, dos costumes, entre outros, os símbolos nacionais tornam-se elementos centrais na construção deste sentimento de pertencimento e o futebol permite que a população tenha um contato mais íntimo com esses símbolos.

É pelo futebol, então, que se permite à massa uma certa intimidade com os símbolos nacionais. (...) Nestes momentos de “carnaval cívico”, criados pelo futebol, os símbolos sagrados da pátria (que, no Brasil, são cercados de regras em termos do seu uso), deixam de ser propriedade das camadas dominantes e, sobretudo, do “governo” e das “autoridades”, para se disseminarem pelo meio da massa anônima, que com eles celebra uma relação de franca e desinibida intimidade.⁶²

Cabe aqui uma indagação: não teria o próprio futebol se tornado um símbolo nacional? Acreditamos que sim, afinal, como nos lembra o sociólogo Richard Giulianotti, “a dimensão nacionalista de identidade dos torcedores intensificou-se nas partidas realizadas no

⁶⁰ SEVCENKO, Nicolau. “Futebol, metrópoles e desatinos”. *Revista USP*: dossiê futebol. São Paulo, n. 22, jun.-ago., 1994, p. 35.

⁶¹ GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2002, p. 42.

⁶² DaMATTA, Roberto. op. cit., p. 34.

exterior”⁶³, logo, o futebol, é mais um elemento identitário do povo brasileiro e as crônicas esportivas ajudaram na construção desta imagem do Brasil como o país do futebol. Afinal, o jogo, mais do que uma disputa desportiva, também evidencia o “confronto” de culturas e de identidades.

Para aqueles que fizeram do futebol seu esporte nacional, a Copa do Mundo, no entanto significa, no nível simbólico, o momento em que se estabelece uma hierarquia entre as próprias identidades nacionais. É uma questão de vida ou morte, e o que acaba sendo colocado em jogo, por vezes, é a própria honra.⁶⁴

Para a população brasileira, a comunidade de origem e a nação são dados tão importantes quanto a filiação futebolística. Como nos lembra Arno Vogel, é do berço que o brasileiro recebe não apenas o seu nome e sua religião, mas também o seu clube de futebol.⁶⁵

É possível perceber que o discurso supera os aspectos meramente desportivos e o futebol é uma das formas discursivas que caracteriza / individualiza o Brasil. O nosso “futebol alegre” ou “futebol moleque”, cujo ícone são os dribles de Garrincha, que, segundo Nelson Rodrigues, “ateava gargalhadas por todo o estádio”⁶⁶, passou a ser, nas palavras de Hugo Lovisoló, “uma poderosa metonímia da representação da identidade brasileira: o povo que enfrenta as adversidades com alegria”.⁶⁷

Os esportes em geral, o futebol em particular, não podem ser percebidos como atividades em competição ou oposição à sociedade, mas sim como pertencentes a ela. Em suma, são formas pelas quais os indivíduos sociais, consideradas suas singularidades identitárias, acabam por se expressar. Desta forma, o futebol pode e deve ser compreendido exatamente por ser um meio de cultura, como um objeto capaz de fornecer explicações para o país.

⁶³ GIULIANOTTI, Richard. Op. cit., p. 75.

⁶⁴ ANTUNES, Fatima M. R. Ferreira. op. cit., p. 41.

⁶⁵ VOGEL, Arno. “O momento feliz. Reflexões sobre o futebol e o ethos nacional”. In: DaMATTA, Roberto. op. cit., p.77.

⁶⁶ RODRIGUES, Nelson. *A pátria de chuteiras: novas crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 79.

⁶⁷ HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge; LOVISOLO, Hugo. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001, p. 10.

O esporte é uma das mais ricas manifestações de vida que eu conheço. Contém todas as virtudes e todos os pecados da criatura humana, dos mais sublimes aos mais subalternos. A coragem é, entre os melhores dons, o que mais se deve celebrar no esporte. É dela que nasce o herói.⁶⁸

Sendo assim, a sociedade não se mostra apenas nos seus aspectos políticos, econômicos ou religiosos, mas também pelo esporte. Cada um desses elementos são prismas por meio dos quais as sociedades podem ser analisadas, onde a ordem social se faz e refaz. É papel do historiador cultural filtrar os matizes que esses prismas apresentam.

É também preciso lembrar que a crítica ou o simples descaso por parte de uma série de intelectuais brasileiros em relação ao futebol não impedia que vários deles discutissem a pertinência ou não da introdução deste esporte no Brasil. Afinal, desde os seus primórdios no país, nos fins do século XIX, o futebol chamou a atenção dos escritores brasileiros, seja de forma negativa, como para Graciliano Ramos e Lima Barreto, ou de forma positiva, como para Monteiro Lobato, Olavo Bilac e Alcântara Machado. Cabe ressaltar que estes escritores e intelectuais não estiveram atentos apenas para a importância do futebol como atividade física e lúdica, mas também como espaço de socialização e de mobilização das pessoas. Eles eram, no entanto minoria. De uma forma geral, o esporte não era compreendido a partir de uma perspectiva cultural, como atividade de formação e transformação do real, mas sim a partir de conceitos simplistas relacionados apenas à Educação e a Saúde.⁶⁹

Na medida em que o futebol foi se integrando de forma indelével à nossa cultura, essa postura negativa existente em alguns escritores acabou desaparecendo e o futebol passou a ser encarado como elemento de singularidade do homem brasileiro, capaz de nos diferenciar de outros povos. Afinal, uma identidade é sempre produzida em relação a uma outra.⁷⁰ O futebol tornou-se então um elemento pelo qual as pessoas não só podem como fazem afirmações sobre si próprias e sobre o(s) outro(s). Como nos lembra Habermas, a identidade comum, neste trabalho aquela engendrada pelo futebol, ultrapassa os limites familiares e acaba por galgar o espaço

⁶⁸ NOGUEIRA, Armando. *A ginga e o jogo: todas as emoções das melhores crônicas de Armando Nogueira*. Rio de Janeiro: Objetiva, p. 81.

⁶⁹ Leonardo Pereira, em obra citada, aprofunda a discussão em relação aos intelectuais e como o esporte não só era compreendido, mas também como ajudaria na formação do brasileiro.

⁷⁰ WOODWARD, Kathryn. "Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual". In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000, p. 46.

público, fornecendo, desta forma, a base de um padrão de sociabilidade própria, de um código de integração a um determinado sistema social.⁷¹

A importância dos esportes é crescente nas sociedades contemporâneas e os eventos esportivos podem ser entendidos como fatores que ajudam na formação das identidades coletivas. Eles, os eventos esportivos, “têm-se revelado lugares propícios à constituição de identidades coletivas, sejam elas de grupos sejam mesmo nacionais”.⁷² Além disso, o delírio dos torcedores em torno de uma partida de futebol, a atração e a fascinação que o jogo exerce na platéia e nos próprios jogadores e dirigentes precisam ser explicados também em função da cultura.

A partir do que já foi exposto, o futebol foi e é um importante espaço de sociabilidade no Brasil, e é interessante notar que ele é capaz de criar inclusive referências simbólicas que foram utilizadas em outros acontecimentos, inclusive políticos, como, por exemplo, no Movimento Diretas-Já. Segundo Marcos Napolitano de Eugênio, a utilização do referencial simbólico do futebol para traduzir uma experiência política reafirmou

a capacidade de articulação histórica de representações simbólicas diferentes, que geram novos significados conforme seu arranjo e seu contexto. Haja vista, neste caso, que o binômio ‘futebol-política’ sempre foi visto de maneira auto-excludente. Mas as representações construídas em função das ‘Diretas-Já’ colocavam em cheque estas concepções tradicionais.⁷³

Hoje, aceita-se o futebol como um elemento de pertencimento e que nos oferece uma identidade. O futebol é capaz de produzir relações de proximidade e identificação e também de diferenciação, afinal a identidade é, consoante já mencionei, um conceito relacional, isto é, marcado e sustentado pela diferença⁷⁴ entre pessoas que se encontram separadas espacialmente, fornecendo as bases de um padrão de sociabilidade específico, formando uma linguagem comum. É interessante notar que a identidade não deve ser entendida como o oposto da diferença, mas sim, ambos, como elementos complementares. Em síntese, para ser construída a identidade, esta

⁷¹ HABERMAS, J. *Para a reconstrução do materialismo histórico*. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 54.

⁷² ANTUNES, Fatima M. R. Ferreira. op. cit., 18.

⁷³ EUGÊNIO, Marcos F. Napolitano de. “Representações políticas do movimento de Diretas-Já”. In: *Revista Brasileira de História – Representações*. Vol. 15, nº 29, São Paulo: Contexto/ANPUH, 1995, p. 216.

⁷⁴ Segundo Tomaz Tadeu da Silva, um mundo marcado pelo homogeneidade, onde as pessoas partilhassem a mesma identidade, faria com que as afirmações de identidade não tivessem sentido. Cf. SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000, p. 75.

depende da diferença, que, por sua vez, deve ser entendida como aquilo que estabelece distinções entre uma e outra(s) identidade(s). Segundo Bhabha, “a demanda da identificação implica a representação do sujeito na ordem diferenciadora da alteridade”.⁷⁵

Torcer é o mesmo que pertencer, o que significa, literalmente, fazer parte, tomar partido, assumir certos riscos e vivenciar excitações agradáveis ou frustrações.

(...)

Torcer por um clube de futebol é participar ativamente da vida social, construindo identidades que extrapolam o indivíduo, a casa e a família. Vivencia-se concretamente o pertencimento na rua, no estádio, em pleno domínio público.⁷⁶

Pelo visto, seria impossível continuar ignorando a forte atração que esse esporte exerce sobre os brasileiros. O depoimento da socióloga Fatima Martin Antunes é bastante significativo e vai ao encontro do que foi dito acima:

A experiência de união, de compartilhar o amor por uma mesma camisa, pelas mesmas cores, de respeitar uma mesma tradição de glórias passadas e presentes permitia que cada um de nós se reconhecesse na multidão de são-paulinos.⁷⁷

É importante perceber que o futebol, considerado como um elemento de nossa identidade, uma manifestação típica da cultura brasileira, é o resultado de uma construção simbólica que foi elaborada no decorrer do tempo e que ajuda a produzir a coesão social, permitindo a integração da parte com o todo. E dentre as possíveis fontes de análise, a literatura, nos seus mais variados campos, tornou-se um importante elemento na formação dessa consciência nacional.

Não é possível encontrar um conceito geral de futebol capaz de agregar as especificidades de cada cultura e país. O futebol do Brasil é a recriação e a atualização do “jogo de futebol a partir das intencionalidades características da cultura popular e do jogador de futebol

⁷⁵ BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003, p. 76.

⁷⁶ DAMO, Arlei Sander. op. cit., p. 12.

⁷⁷ ANTUNES, Fatima M. R. Ferreira. op. cit., p. 16.

no Brasil”⁷⁸ e as crônicas acabam por reverberar não só as relações dos cronistas escolhidos com o mundo, mas também os valores que os constituíram como sujeitos sociais.

O Brasil como o país do futebol é um discurso e um sistema de representação, lembrando que a identidade e a diferença, segundo os estudos culturais, estão intimamente vinculadas aos sistemas de representação⁷⁹, que possibilitam a individualização do brasileiro e posicionam o seu local de fala. A partir dos significados construídos pelas representações damos sentido à nossa experiência e podemos responder indagações tais como: Quem sou? Quem desejo ser?

A representação deve ser entendida como uma forma de atribuição de sentido e é a partir dela que os homens percebem e pautam a sua existência. As representações são “matizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade”.⁸⁰ Em suma, é exatamente por meio das representações, dado que o passado é inapreensível, que esse chega ao historiador.⁸¹

O futebol, sendo capaz de produzir significados, também não está isento das relações de poder, afinal “quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar a identidade”.⁸² Os discursos identitários provenientes deste esporte também refletem a experiência das desigualdades sociais. Afinal, como já foi explicitado, o futebol não pode ser separado da sociedade, uma vez que está a contribuir com a definição dos grupos que serão incluídos e aqueles que serão excluídos ou estigmatizados. Em suma, ocorre uma clara demarcação de fronteiras. Como afirmou Tomaz Tadeu da Silva:

A afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais. A identidade e a diferença estão, pois, em estreita conexão com relações de poder. O poder de definir a identidade e de marcar a

⁷⁸ Idem, *ibidem*, p. 122.

⁷⁹ WOODWARD, Kathryn. *op. cit.*, p. 17.

⁸⁰ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *op. cit.*, p. 39.

⁸¹ Idem, *ibidem*, p. 39-42.

⁸² SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *op. cit.*, p. 91.

diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes.⁸³

Porém, não se pode esquecer que estas significações, identidades e sistemas de representações não são unificadas e fixas e além de se alterarem no decorrer do tempo, as contradições presentes em seu interior precisam ser negociadas. Como afirmou Kathryn Woodward, as identidades, ou algumas delas, podem sofrer alterações ao longo do tempo e as formas como nos representamos também sofrem e estão sofrendo modificações, algumas delas até mesmo radicais.⁸⁴

Além disso, reforçamos que a identidade e a diferença não são elementos naturais, preexistentes, presentes desde sempre e que apenas esperam por suas revelações. São sim, construções sociais e culturais e é dentro destes sistemas de significação que precisam ser entendidas. Para Homi Bhabha, “a questão da identificação nunca é a afirmação de uma identidade pré-dada, nunca uma profecia auto-cumpridora – é sempre a produção de uma imagem de identidade e a transformação do sujeito ao assumir aquela imagem”.⁸⁵

Exemplifique-se: parte da imprensa esportiva do país, especialmente depois da derrota na Copa de 1950, representou o homem brasileiro como inferior e incapaz. Porém, Nelson Rodrigues, João Saldanha e Armando Nogueira buscaram romper com essa construção. A força das representações, a sua validade, está diretamente ligada a sua capacidade de produzir reconhecimento e legitimidade, afinal, se a representação não é uma cópia do real, sua imagem perfeita é uma construção feita a partir dele e que precisa se inserir em regimes de verossimilhança e credibilidade.⁸⁶ Os cronistas aqui destacados, ao alterarem a forma de representar o brasileiro, tiveram o trabalho facilitado com as vitórias obtidas não só pelo selecionado nacional, em especial a partir da vitoriosa campanha na Copa da Suécia em 1958, como também pelos sucessos obtidos pelos clubes brasileiros que excursionavam pelo exterior. Isso demonstra que os discursos destes cronistas eram pronunciados, em primeiro lugar, em uma situação legítima.

⁸³ Idem, *ibidem*, p.81.

⁸⁴ WOODWARD, Kathryn. *op. cit.*, p. 31.

⁸⁵ BHABHA, Homi K. *op. cit.*, p. 76.

⁸⁶ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *op. cit.*, p. 40-41.

Em segundo lugar, os três cronistas destacados eram porta-vozes autorizados, pois, como tão bem ressaltou Pierre Bourdieu, a eficácia do discurso depende diretamente da adequação do locutor e do discurso que ele pronuncia. O locutor precisa ter autoridade para emitir as palavras que enuncia, caso contrário, seu discurso estará condenado ao fracasso.⁸⁷ Sendo assim, além de serem indivíduos autorizados para pronunciarem o discurso da valorização do homem brasileiro pelo futebol tinham autoridade para fazê-lo. Realizavam este papel na situação e nas formas legítimas e eram percebidos e reconhecidos como tais.⁸⁸

Cabe exemplificar a importância de Nelson Rodrigues, João Saldanha e Armando Nogueira na crônica esportiva brasileira e ao mesmo tempo justificar a escolha deles para compor o atual trabalho. As inúmeras crônicas publicadas pelos três cronistas possuem, além da constância na temática, alta qualidade literária. Além disso, cumpre fazer referência, em especial, a um programa promovido pelo novo meio midiático que se integrava à sociedade brasileira, a televisão.⁸⁹ A partir de 1960, começara a ser apresentado na televisão brasileira, na noite de domingo, a “Grande Resenha Facit”, que, segundo Ruy Castro, talvez tenha sido a primeira “mesa-redonda” sobre futebol apresentada regularmente no mundo.⁹⁰ Esperava-se que a discussão em torno do futebol, que já era um dos grandes assuntos nacionais, fosse capaz de trazer audiência na noite de domingo que era, naquele período, considerada morta para a televisão. Dentre os integrantes da mesa-redonda encontravam-se Nelson Rodrigues, Armando Nogueira e João Saldanha, demonstrando não só a importância, a repercussão, mas a legitimidade dos discursos que produziam.

⁸⁷ BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas lingüísticas*. São Paulo: Edusp, 1998, p. 89.

⁸⁸ Não basta, ao discurso de autoridade ser compreendido, é também preciso que ele seja reconhecido como tal. Para isso ele precisa ser, segundo Bourdieu, pronunciado pela pessoa autorizada a fazê-lo, precisa ser pronunciado numa situação legítima e enunciado nas formas legítimas. Idem, *ibidem*, p. 91-95.

⁸⁹ A televisão foi uma das grandes novidades da década de 1950, que ajudou a mudar os hábitos dos brasileiros nos anos que se seguiram. A TV Tupi, dos Diários Associados de Assis Chateaubriand, foi a primeira emissora de televisão instalada no país, primeiro em São Paulo, em 1950, e em seguida no Rio de Janeiro, em 1951. A influência da televisão na mudança dos hábitos brasileiros pode ser aprofundada no texto de Verena Alberti intitulado: “O século do moderno: modos de vida e consumo na República”. In: GOMES, Ângela de Castro; PANDOLFI, Dulce Chaves; ALBERTI, Verena (orgs.). *A República no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: CPDOC, 2002, p. 260-337.

⁹⁰ CASTRO, Ruy. *O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 332.

A partir, em especial, da vitória brasileira na Copa de 1958, na Suécia, legitimou-se os discursos que valorizavam o homem brasileiro. Segundo Roberto Sander:

Éramos um povo que convivia com uma necessidade atávica de afirmação. Tínhamos pressa em livrar-nos de um assolador complexo de inferioridade; da síndrome de país colonizado, escravizado e sem identidade.⁹¹

Emergiu, daí, um novo imaginário em relação a este homem,⁹² não mais inferiorizado pelo ‘complexo de vira-latas’, expressão cunhada por Nelson Rodrigues⁹³, mas como um homem genial, repleto de virtudes e qualidades, afinal a identidade é construída em torno de elementos de positividade, elementos estes que são valorizados pelas pessoas, sendo assim capazes de agregar, de gerar reconhecimento social e sentimento de pertencimento.

As músicas ou *jingles* que desde 1938 acompanharam os selecionados nacionais nas Copas do Mundo retratam a identidade construída a partir do futebol. Os cânticos ajudam no despertar do sentimento patriótico e na sensação de envolvimento com a Seleção Brasileira de Futebol. Em relação à superação do ‘complexo de vira-latas’, o *jingle* que embalou a conquista da Copa de 58 e depois da Copa de 62, “**A Taça do Mundo é Nossa**”, é bastante significativo.

A taça do mundo é nossa
Com o brasileiro
Não há quem possa
E, eta, esquadrão de ouro
É bom no samba
É bom no couro.
O brasileiro lá no estrangeiro
Mostrou o futebol
Como é que é
Ganhou a taça do mundo
Sambando com a bola no pé
Gooooooooooooooooo!⁹⁴

⁹¹ SANDER, Roberto. *Anos 40: viagem à década sem Copa*. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2004, p. 284.

⁹² Entendendo o imaginário como “um sistema de idéias e imagens de representação coletiva que os homens, em todas as épocas, construíram para si, dando sentido ao mundo. Cf. PESAVENTO, Sandra Jatahy. op. cit., p. 43.

⁹³ A expressão ‘complexo de vira-latas’ foi construída na última crônica antes da estréia do Brasil na Copa de 1958. Por ela, Nelson afirmava que o brasileiro tinha pudor de acreditar em si mesmo e que se colocava, voluntariamente, numa posição de inferioridade em relação ao resto do mundo. Cabe ainda ressaltar que o Brasil iniciou a campanha da Copa de 1958 vencendo a Áustria por 3 X 0. Cf. RODRIGUES, Nelson. *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 51-52.

⁹⁴ Cf. LIMA, Marcos Paulo Souza. *Imprensa e Copa do Mundo. Vencer o Morire: Nelson Rodrigues e uma teoria do jornalismo em chuteiras nas páginas do diário esportivo Lance!*. 2002. 88 f. Monografia (Graduação em

Os cronistas destacados ajudaram a construir **uma** representação do que é ser brasileiro e não **a** representação. As representações não são necessariamente partilhadas por toda a sociedade, elas são partilhadas por membros de um determinado grupo, que pode ser bastante extenso e criam uma visão consensual da realidade para esse grupo.⁹⁵ Como nos lembra Roger Chartier, as representações do mundo social embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as criam.⁹⁶ A nova representação do homem brasileiro, marcada, como já foi ressaltado, por elementos de positividade, presentes nas crônicas de Armando Nogueira, João Saldanha e Nelson Rodrigues, entravam em conflito com as representações de outros grupos e isto demonstra, além da própria dinâmica social das representações, a luta pelo poder, o poder de transformar a representação do seu grupo em representação hegemônica.

No Brasil, a mobilização popular em torno de uma partida de Copa do Mundo, por exemplo, é tanta que há uma suspensão do cotidiano, isto é, de todas as atividades nos horários dos jogos. Dessa forma, entendemos, por isso, que o futebol, mais do que apagar a oposição entre incluídos e excluídos, constitui-se, seguindo as idéias de Bakhtin, como prática que permite que todos se misturem, uma inter-relação entre a cultura popular e a cultura erudita.⁹⁷

O *jingle* da Copa de 70, “Pra frente Brasil”, exemplifica de forma clara a mobilização popular em torno do selecionado nacional.⁹⁸ Sem distinções entre classes, todos são um só coração.

Noventa milhões em ação
Pra frente Brasil
Do meu coração

Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo) – Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2002, f. 23. (grifos nossos).

⁹⁵ JODELET, Denise. “Representações sociais: um domínio em expansão”. In: JODELET, Denise (org.). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p.21.

⁹⁶ CHARTIER, Roger. *História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990, p. 17.

⁹⁷ Refere-se aqui ao apagamento de certas diferenças, que são claras no dia-a-dia, mas que nos jogos, se reduz em vista a comunhão entre os torcedores dos mais variados níveis sociais, formando uma comunidade imaginada ou uma comunidade de sentimento. O carnaval, objeto de estudo de Bakhtin, é outro exemplo de fenômeno que produz esse apagamento Cf. BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Brasília: Edunb; Campinas: Hucitec, 1993.

⁹⁸ Vale a pena ressaltar que a representação presente na letra desse *jingle* procurou “apagar” a realidade de luta e repressão pela qual passava o Brasil à época, marcado por um momento extremamente autoritário do regime militar.

Todos juntos vamos
Pra frente Brasil
Salve a Seleção
De repente
É aquela corrente pra frente
Parece que todo o Brasil deu a mão
Todos ligados na mesma emoção
Tudo é um só coração
Todos juntos vamos
Pra frente Brasil! Brasil!
Salve a Seleção!⁹⁹

Cabe ressaltar que nos anos 30 o futebol já era visto como uma manifestação cultural tipicamente brasileira que teve importante participação nas discussões em torno da formação da unidade nacional ocorridas entre as décadas de 1930 e 1940, inclusive os brasileiros começaram a se considerar os melhores do mundo no futebol a partir, em especial, da Copa da França de 1938, quando a vitória era tida como possível. Mesmo sendo derrotado na semi-final para a Itália¹⁰⁰, que iria se sagrar campeã do mundo naquela competição¹⁰¹, os brasileiros não perderam a fé em seu futebol e a imprensa ajudou na construção da idéia de que o Brasil teria sido a melhor equipe da Copa de 1938 e que não teríamos chegado ao título devido aos erros, ou “roubos”, cometidos pela arbitragem a favor dos italianos.¹⁰² O Brasil acabou vencendo a Suécia, alcançando a terceira colocação na Copa de 1938, na França.¹⁰³ Tal vitória, ao menos para a imprensa brasileira, seria uma prova cabal da superioridade brasileira, garantindo a manutenção do orgulho nacional, como nos afirma Leonardo Pereira.

A vitória alcançada na partida final contra os suecos parecia, para os cronistas brasileiros, a confirmação do roubo que ofuscara a superioridade brasileira sobre os europeus, mostrando que ‘o Brasil nunca precisa de pênalti para vencer’. Mais do que o terceiro lugar na competição, o triunfo garantia a manutenção do orgulho nacional e da certeza da supremacia do futebol brasileiro sobre os demais.¹⁰⁴

⁹⁹ LIMA, Marcos Paulo Souza. op. cit., f. 24. (grifos nossos).

¹⁰⁰ Derrota brasileira para a Itália pelo placar de 2 X 1.

¹⁰¹ Vitória Italiana na final contra a Hungria pelo placar de 4 X 2.

¹⁰² O lance mais polêmico da partida foi um pênalti que o árbitro marcou contra o Brasil, aos 15 minutos da etapa final, de Domingos da Guia em Piola. O zagueiro teria chutado Piola, que o provocara, dentro da área, quando a bola se encontrava longe. A discussão entre os cronistas brasileiros e europeus era se a bola estaria ou não em jogo. Os brasileiros afirmavam que ela estava fora de jogo e os europeus, por sua vez, que estava em jogo. O gol brasileiro foi marcado a apenas três minutos do fim do jogo. Já era tarde demais para uma reação.

¹⁰³ Brasil 4 X2 Suécia.

¹⁰⁴ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. op. cit., p. 339.

A partir desse momento, buscou-se reinventar o futebol praticado no Brasil, buscando criar uma maneira própria do brasileiro jogar, valorizando, em especial, a presença negra neste esporte e para isso foi fundamental o respaldo intelectual de Gilberto Freyre e os debates suscitados por ele quanto às vantagens da miscigenação racial. Assim sendo, estava sendo construída, de forma muito clara, uma identidade para o futebol praticado no Brasil e que singulariza os brasileiros.

Reforçando a associação do jogo da bola praticado no país com os movimentos de outras práticas culturais negras, como a capoeira e o samba, dava forma a um processo a partir do qual era forjada para o futebol praticado no Brasil uma nova tradição – mostrando como o jogo fora reinventado no país, ganhando uma originalidade que não tinha em seus locais de origem.¹⁰⁵

Essa construção positiva da identidade brasileira afirmava que o nosso futebol não apenas igualava o futebol praticado na Europa, mas chegava mesmo a superá-lo. “De aprendizes, os jogadores brasileiros tornavam-se, aos seus olhos, verdadeiros mestres da arte da bola, transformando o futebol em uma das expressões legítimas da nacionalidade”.¹⁰⁶

O papel desempenhado pelo futebol nas discussões relativas à formação de nossa identidade não terminaram na década de 40. Nas duas décadas seguintes, continuava-se a discutir a identidade nacional brasileira, num período inclusive marcado por um intenso nacionalismo. Inclusive, a própria presença negra e a miscigenação brasileira, louvadas na Copa de 1938, foram duramente criticadas, em especial, a partir da derrota brasileira frente aos uruguaios na final da Copa de 1950, disputada no Brasil.¹⁰⁷

Obviamente, como já foi ressaltado, a crônica esportiva acabou sofrendo a influência das diferentes conjunturas vividas, afinal a escrita reverbera o momento histórico em que ela está sendo produzida, contribuindo, por sua vez, para a constituição desse contexto. E por isso mesmo

¹⁰⁵ Idem, *ibidem*, p. 334.

¹⁰⁶ Idem, *ibidem*, p. 334.

¹⁰⁷ O Brasil perdeu o jogo por 2 X 1 para os uruguaios no dia 16 de julho de 1950, no recém inaugurado Maracanã. Para sagrar-se campeão o Brasil precisava apenas empatar a partida e logo no início do segundo tempo chegou a fazer 1 X 0, mas acabou permitindo a virada e a vitória uruguaia. Dois jogadores negros foram responsabilizados pela derrota, o goleiro brasileiro Barbosa e Bigode, um dos defensores do Brasil. Cf. NETO MORAES, Geneton. *Dossiê 50: os onze jogadores revelam os segredos da maior tragédia do futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000, p. 40.

veiculou em seus discursos diversas interpretações e imagens do que é ser brasileiro e do que podemos ser. Os cronistas esportivos acabavam criando, mesmo que não tivessem como objetivo específico formular definições sobre o caráter nacional, suas próprias representações ao tentarem explicar o Brasil e o seu povo tendo como referencial o futebol. É exatamente por intermédio dessas representações, desses sinais mediadores da realidade, aqui expressos nas crônicas esportivas, que se pode fazer um exame do passado, afinal a História é incapaz de fazer um exame direto na própria realidade.

A busca da positividade em História não deve, porém, fazer esquecer que ela só alcança o passado por intermédio de sinais e representações mediadoras da realidade e não por um exame direto da própria realidade. Esses sinais são marcas da passagem do Homem, mas são também as próprias representações verbais ou mentais que permitem escolher entre eles os que são considerados representativos. A História é, portanto, uma representação de representações. É um *saber*, e não propriamente uma *ciência*.¹⁰⁸

Os cronistas aqui destacados defendiam que o Brasil tinha uma maneira própria de jogar futebol, algo que nos identificava, isto é, o futebol jogado ofensivamente e valorizando o jogador diferenciado, o chamado craque. Mesmo no plano da competição esportiva, mesmo disputando uma Copa do Mundo, o brasileiro só se sente plenamente identificado quando sua equipe ou selecionado pratica o chamado “futebol-arte”, alcançando não apenas a vitória, mas também o espetáculo. O “futebol-arte”, para os três cronistas, deveria ser entendido como manifestação de um modo de ser brasileiro. Sendo assim, um dos elementos centrais nas crônicas de Nelson Rodrigues, João Saldanha e Armando Nogueira é a contraposição do “futebol-arte” com o “futebol-força”.

Um dos *jingles* mais famosos e de maior sucesso embalou a Seleção Brasileira em três mundiais, nos quais o Brasil se sagrou campeão em dois deles (1994 e 2002) e foi vice-campeão no outro (1998). O título do *jingle* é Coração Verde Amarelo e ele enaltece e demarca a nossa forma de jogar, o futebol arte, além é claro da já tão decantada identidade dos brasileiros com a Seleção.

¹⁰⁸ MATTOSO, José. op. cit., p. 38.

Na torcida são milhões de treinadores
 Cada um já escalou a Seleção
 O verde e o amarelo são as cores
 Que a gente pinta no coração.

A galera vibra, canta, se agita
 E ainda grita “É tetracampeão!”
 O toque de bola
 É nosso de escola
 Nossa maior tradição.

Eu sei que vou
 Vou do jeito que sei
 De gol em gol
 Com direito a replay
 Eu sei que vou
 Com o coração batendo a mil
 É taça na raça
 Brasil.¹⁰⁹

O “futebol-arte” não era entendido, para os nossos cronistas, como um mero exibicionismo individual, mas sim como a utilização do potencial individual de cada um para construir uma obra de criação coletiva.

É interessante perceber que apesar de vários cronistas atuais entenderem que existe uma homogeneização do futebol mundial, usando termos atuais, um “futebol globalizado”, onde o futebol sul-americano teria importado o pragmatismo e a disciplina tática dos europeus e estes, por sua vez, teriam assimilado bastante da habilidade e da criatividade sul-americana, ainda sim, assinalam que elementos característicos de uma e de outra “escola de futebol” não são antagônicos; em suma, criatividade / talento e disciplina tática não são elementos contraditórios. O que diferenciaria o “futebol-arte” do “futebol-força” seria a hierarquia, o peso dado a cada um desses elementos no modo de jogar da equipe.

Indubitavelmente, é de grande importância a abertura, no campo acadêmico, para as discussões que abarcam os diversos significados do futebol. O que se fala e o que se escreve sobre ele, invariavelmente, ganham grandes dimensões, ainda mais quando se percebe que o

¹⁰⁹ LIMA, Marcos Paulo Souza. op. cit., f. 26.

futebol é a “representação social mais indicativa dos modos de ver e sentir, da identidade cultura [sic] popular brasileira”.¹¹⁰

Ao torcer, comentar e analisar as atuações de nossos clubes e dos nossos jogadores, o cidadão comum e os especialistas significam o imaginário e o ideológico advindos do processo civilizatório constitutivo da sociedade e do Estado no Brasil no cenário futebolístico, enfim, reconstroem nossa formação ou contexto discursivo, nas discussões de rua, no noticiário e nas crônicas diariamente veiculadas pelas mais diversas mídias.¹¹¹

Finalmente, cabe destacar que as crônicas que abordavam as questões relativas à identidade e ao caráter nacionais estavam normalmente mais relacionadas com as atuações da seleção brasileira e dos clubes contra adversários estrangeiros, sejam em amistosos ou em campeonatos internacionais. Sendo assim, um dos momentos mais privilegiados para observar a construção identitária entre a seleção brasileira, futebol e sociedade é, incontestavelmente, durante as Copas do Mundo, que a partir de agora irão adentrar o gramado.

¹¹⁰ MANHÃES, Eduardo. op. cit. p. 20.

¹¹¹ Idem, ibidem, p. 21.

SAINDO DOS VESTIÁRIOS: DOS PRIMÓRDIOS DO FUTEBOL BRASILEIRO À COPA DE 1954

Quando o futebol foi introduzido no Brasil? Quem o teria introduzido? Como foi sua evolução nas terras tupiniquins? Quando e como o Brasil foi se tornando o “país do futebol”? Essas são algumas questões que se pretende discutir nesse capítulo. Em relação à introdução do “esporte bretão” no Brasil, apesar de existirem referências de partidas de futebol ocorridas nas praias e praças desde a segunda metade do século XIX, o futebol passou a ser regularmente jogado no final do século XIX e a ser praticado continuamente por clubes que a ele se dedicaram.

Porém, as origens do jogo são consideradas bem mais remotas. Segundo Aquino, estudos realizados no Egito e na Babilônia já apontavam para a prática de um jogo semelhante ao futebol. Na China se praticava, por volta de dois mil e trezentos anos atrás, o *tsutchu*, palavra chinesa que significa “golpe na bola com o pé”. Dentre as modalidades de *tsutchu* encontradas em baixos-relevos, uma delas opunha duas equipes que tinham por objetivo lançar a bola em algo semelhante a gols colocados em cada canto do campo. Algo parecido com *tsutchu* era praticado no Japão com o nome de *Kemari*.¹

Ainda seguindo Aquino, os gregos praticavam uma modalidade de esporte que também era jogado com os pés, chamado *epyskiros*, porém são poucas as informações relativas às regras do jogo, não se sabe nem como se fazia a contagem de pontos. Inspirados no *epyskiros*, os romanos criaram o *harpastum*.²

No *harpastum*, popular entre os legionários romanos, o jogo era com uma bola de couro semelhante à atual, inclusive em dimensões. Uma capa de couro – chamada de *follis* – envolvia uma bexiga de boi cheia de ar. O campo tinha forma retangular, com uma linha divisória no meio e duas linhas de meta nas extremidades. (...) A bola tinha de ser passada de jogador a jogador, cabendo a

¹ AQUINO, Rubim Santos Leão de. *Futebol: uma paixão nacional*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002, p. 11-12.

² Idem, ibidem, p. 12.

um deles arremessá-la através da linha de meta adversária, marcando assim um ponto.³

Também existem informações de que um jogo praticado com bola já existia na América Pré-Colombiana. Em Copán, cidade da civilização maia, utilizava-se uma bola de borracha maciça, assim como entre os astecas. Para eles, as disputas eram práticas ritualísticas de suas religiões. O interessante é que os jogos entre os astecas “tinham como objetivo comemorar as vitórias obtidas em batalhas contra eventuais adversários. Portanto, não causa espanto que o jogo fosse jogado com cabeças dos jogadores de uma das equipes”.⁴

Na Itália medieval praticava-se um jogo de bola denominado *cálcio*, nome ainda hoje usado para designar o campeonato italiano de futebol. Na Inglaterra havia um jogo de grande violência, disputado com uma bola de couro. As partidas eram verdadeiras batalhas campais, onde centenas de jogadores de cada equipe precisavam arremessar a bola através da meta adversária. Socos e pontapés não eram apenas válidos como abundantemente utilizados durante o enfrentamento. Apesar das repetidas proibições reais quanto à prática do referido jogo, as disputas prosseguiram.⁵ Cabe ressaltar que invariavelmente pernas eram quebradas, dentes arrancados, vidraças partidas e por vezes aconteciam acidentes fatais, mas não raro os assassinatos eram resultantes da própria rivalidade do jogo. Ilustrando o que foi dito, “em 1608, em Manchester, uma bola estilhaçou a vidraça de uma biblioteca, que foi invadida e destruída por uma multidão”.⁶

As proibições acabaram surtindo efeito e a partir de 1700 o jogo mudou suas características. Em 1710, algumas escolas inglesas, mais especificamente a Covent Garden, Strand e Fleet Street passaram a adotá-lo como atividade física que logo ganhou adeptos entre os jovens ingleses. A preocupação agora era criar regras comuns para a prática esportiva, pois cada colégio jogava de acordo com suas próprias normas.

³ Idem, *ibidem*, p. 12-13.

⁴ Idem, *ibidem*, p. 14.

⁵ Idem, *ibidem*, p. 14-17.

⁶ UNZELTE, Celso. *O livro de ouro do futebol*. São Paulo: Ediouro, 2002, p. 47.

Segundo Celso Unzelte:

A partir de 1823, com a maciça adesão dos colégios públicos, duas escolas de jogo ganham destaque: uma, representada pelos colégios Charterhouse, Westminster, Eton, Harrow, Oxford e Winchester, usava somente os pés. A outra, da qual faziam parte os colégios Cheltenham, Shrewsbury e Rugby, utilizavam mãos e pés. O *football*, o *rugby* e também uma forma unificada dos dois esportes, chamada *football rugby*, passaram então a ser atividades obrigatórias nas escolas inglesas.⁷

A partir de 1848 procurou-se unificar as regras do *football*, fato que só ocorreria em 26 de outubro de 1863.

Reunidos, na Taberna Freemason, em Great Queen Street, Londres, representantes de 11 clubes e escolas instituíram as bases para as regras que regem o esporte até hoje. Oficialmente, o jogo só seria codificado alguns meses mais tarde, em 1º de dezembro de 1863, depois de as nove regras estabelecidas por Cambridge terem sido aprovadas em uma reunião realizada em 24 de novembro. Em 8 de dezembro, diante de 11 adeptos da utilização exclusiva dos pés, decidiu-se separar o *football* do *rugby*. Para difundir as 11 regras básicas oficiais da época, foram produzidos livros e cartilhas, distribuídos em clubes, escolas, livrarias e bancas de jornais.⁸

A primeira Copa da Inglaterra, torneio de futebol mais antigo do mundo, passou a ser disputada a partir de 1871 e em 1872 ocorreu a considerada primeira partida internacional da história entre Inglaterra e Escócia que terminou empatada sem gols.⁹ O futebol, praticamente da forma como é jogado hoje, estava devidamente inventado.

Segundo Aquino, uma das primeiras menções em relação ao jogo com bola no Brasil refere-se a sua proibição e consta dos anais de 1746 da Câmara Municipal da cidade de São Paulo. Porém, não se sabe nada em relação à forma com que o jogo era praticado.¹⁰

Franceses, holandeses e particularmente os ingleses, na segunda metade do século XIX, foram os primeiros a jogar bola no Brasil, os jogadores eram tripulantes dos navios mercantes e de guerra ancorados no Brasil.

⁷ Idem, *ibidem*, p. 48.

⁸ Idem, *ibidem*, p. 48-49.

⁹ Idem, *ibidem*, p. 49.

¹⁰ AQUINO, Rubim Santos Leão de. *op. cit.*, p. 24.

Não existe, porém, qualquer dúvida de que os ingleses foram os primeiros a jogar bola nas praias e capinzais existentes no vasto litoral brasileiro. Segundo esparsas e sucintas informações, os jogadores eram tripulantes de navios mercantes e de guerra da marinha inglesa e essas “peladas” ocorreram possivelmente desde 1864.

Novas referências indicam a praia da Glória, na cidade do Rio de Janeiro, como local de jogos durante o ano de 1874. Quatro anos depois, tripulantes do navio inglês *Criméia* teriam disputado uma partida em terreno baldio, no bairro de Laranjeiras, na então capital federal.¹¹

A introdução oficial do futebol no Brasil se deu em São Paulo e coube, segundo vários estudiosos, a Charles Miller.¹² Em abril de 1895 foi disputada a primeira partida de futebol no país, evento organizado por Miller.¹³ No Rio de Janeiro essa honra coube, dois anos depois, a Oscar Cox.

Tanto Charles Miller quanto Oscar Cox eram oriundos de famílias abastadas e que tiveram a oportunidade de estudar na Europa. Miller estudou na Inglaterra e Cox na Suíça. Na Europa, começaram a praticar o futebol e quando retornaram ao Brasil trouxeram na bagagem além da bola, um manual de regras do jogo, fato fundamental, afinal se o futebol já era conhecido por Miller e Cox antes mesmo deles terem ido estudar no Velho Continente, foi a partir deles que se introduziu de forma sistemática as regras do jogo e assim começou-se a definir o que conhecemos por futebol.

Junto com a bola, portanto, Cox provavelmente trouxera em sua mala as regras de um jogo que, décadas depois, estaria consolidado como um grande fenômeno na cidade – o que permitiu a alguns caracterizá-lo como um grande “pioneiro”. (...) De simples estudante em busca de diversão, Cox transformava-se assim, aos olhos da posteridade, no marco inicial da história do jogo da bola nas terras cariocas.¹⁴

Tanto Miller quanto Cox, como foi referido acima, são provenientes de famílias ricas, estudaram na Europa e essas semelhanças já sinalizam para uma das características que marcaram o início do futebol no Brasil, isto é, um jogo praticado pela elite brasileira. Curiosamente, o futebol inglês do final do século XIX já era praticado por membros das classes trabalhadoras

¹¹ Idem, ibidem, p. 24.

¹² Conferir, entre outros, Tomaz Mazoni, Anatol Rosenfeld, Waldenyr Caldas, Rubim Aquino e Celso Unzelte.

¹³ As equipes dos trabalhadores do The Team Gaz e do The São Paulo Railway enfrentaram-se no campo da Cia. Paulista de Viação.

¹⁴ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. op. cit., p. 22.

ficando muito distante do refinamento com que foi entronizado no Brasil. Em terras brasileiras, o futebol, de esporte praticado por operários das mais diversas procedências, transformou-se em símbolo de elegância, sofisticação e capaz de gerar o interesse e a curiosidade nos círculos mais requintados. Inclusive, cabe ressaltar, que a “falta de popularidade nem de longe preocupava os adeptos do novo esporte”¹⁵ no Brasil.

Segundo Waldenyr Caldas, o caráter elitista do futebol brasileiro era algo bem natural, afinal foram os ingleses que introduziram esse esporte no Brasil, além do que eles formavam uma parte da elite brasileira juntamente com os brasileiros mais afortunados que podiam estudar no exterior e que retornavam trazendo as novidades do Velho Mundo.

Há que se destacar, porém, que boa parte da trajetória inicial do futebol no Brasil possui um caráter elitista e, dificilmente poderia ser de outra forma. Os ingleses, precursores desse esporte em nosso país, faziam parte da elite da sociedade paulista e carioca; além deles, somente os brasileiros ricos tinham acesso à prática do futebol.¹⁶

Outro ponto importante a ser destacado é que sendo as duas maiores cidades do país, Rio de Janeiro e São Paulo, em especial a primeira, tinham o privilégio de ditar as normas, os comportamentos e de introduzir as novidades no Brasil. E o futebol também não fugiu à regra.¹⁷

Por essa mesma época, final do século XIX, chegavam ao Brasil declarações de cientistas e políticos europeus que defendiam os exercícios físicos como fundamentais para a melhoria da raça. Assim sendo, tais práticas eram tidas como fundamentais para o desenvolvimento de sociedades miscigenadas, tais como a brasileira, que ainda se via negativamente acrescida pelo fato de ter como territorialidade um país tropical.

(...) a residência em um país quente e úmido coloca-nos em pé de inferioridade relativamente aos habitantes dos países temperados, sem dúvida melhor guiados e sustentados pela regular variedade das estações e pela tonacidade [sic] do clima.

Os elementos, pois, de que dispomos, cumpre reconhecê-lo, para a grande função – superposta às preexistentes do nosso ser orgânico – a ‘função social’,

¹⁵ Idem, *ibidem*, p. 30.

¹⁶ CALDAS, Waldenyr. *O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro*. São Paulo: IBRASA, 1990, p. 24.

¹⁷ Idem, *ibidem*, p. 24.

são de inferior quilate, aferidos pelo valor relativo dos respectivos climas, aos de que dispõe os habitantes de um clima temperado.

Sob este aspecto eles ficaram melhor aquinhoados que nós (...).¹⁸

Desta forma:

Os defensores da higiene passaram então a fazer da luta em favor do desenvolvimento físico dos brasileiros uma de suas principais bandeiras. Tal cuidado estaria na base de uma educação completa e saudável, pois ela geraria no indivíduo “um robusto equilíbrio físico e mental”. O alvo principal seria, neste sentido, a juventude e a infância (...).¹⁹

Além dos aspectos físicos, os adeptos do futebol também ressaltavam que esse esporte estimulava o espírito de disciplina e de solidariedade entre os atletas.

A prática do futebol também se viu favorecida pela pequena quantidade e simplicidade de suas regras. Qualquer um, inclusive indivíduos menos abastados, poderia praticá-lo seguindo suas regras. Para isso bastava dispor de uma bola, que não necessariamente precisaria ser de couro, mas poderia ser de pano, e um terreno baldio, rua ou praça que se transformaria no campo.

Mas, nos primeiros anos do século XX, o futebol ainda permanecia sujeito à distinção de classe, tanto que foram criadas, no Rio de Janeiro, duas ligas de futebol, a Liga Metropolitana (1905), reunindo os clubes pertencentes à elite, e a Liga Suburbana de Futebol (1907). As elites lutavam para manter o futebol afastado das camadas populares.

Em seus primórdios, o futebol no Brasil era uma prática esportiva marcada pelo elitismo e também pelo racismo, sendo praticado, ao menos nos clubes, exclusivamente por brancos, fossem eles brasileiros ou estrangeiros. Não era admitida a participação nos jogos por eles organizados de negros, mestiços e brancos pobres.

Nas arquibancadas, os torcedores estavam sempre bem trajados, de ternos, coletes, chapéus e até bengalas. As mulheres também assistiam aos jogos, usando longos vestidos, belos

¹⁸ MAGALHÃES, Eduardo de apud PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. op. cit., p. 43.

¹⁹ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. op. cit., p. 43.

chapéus e sombrinhas. O futebol era um verdadeiro encontro social e as “arquibancadas pareciam um salão de festas”.²⁰

No Rio de Janeiro,

O jogo da bola passava a empolgar rapazes e moças da mais rica sociedade carioca que, embora não fossem sócios dos clubes esportivos, transformavam o futebol em um elemento importante de seu cotidiano. Reunidos em torno da devoção aos clubes da Liga Metropolitana, sem demonstrar o menor interesse pelo futebol jogado em outras associações, esses jovens começavam a fazer do jogo uma grande moda.²¹

No Rio Grande do Sul, o Grêmio Foot-Ball Porto-Alegrense chegou a lançar em sua própria revista, as “11 máximas para jogadores”: uma orientação de como deveriam se portar os gremistas em relação ao clube, aos demais atletas, aos adversários e até mesmo diante do juiz, enfim, o mínimo necessário para que um jogador pudesse ser chamado de *sportman*. Segundo Arlei Damo, as “11 máximas” devem ser percebidas como um verdadeiro manual de *civilité*.²²

Porém, o futebol acabou por interessar não só à elite brasileira, mas também aos outros segmentos sociais. Jovens negros, crianças e brancos pobres mostravam grande interesse pelo futebol e se não podiam entrar no estádio para assistir às partidas, procuravam encontrar lugares, como morros próximos ao estádio, árvores, entre outros artificios, para acompanharem os jogos. Considerando o manifesto interesse pelo jogo, não tardou muito para que sua prática se estendesse a essas camadas menos favorecidas, que buscaram espaço próprio para realizarem tal atividade, afinal, as mensalidades cobradas pelos clubes esportivos restringiam o acesso a esses espaços.

A popularização do futebol não foi percebida de forma positiva pela elite brasileira, “para os *sportmen* a popularização do jogo significava não uma dádiva, mas um problema a ser enfrentado”.²³ Afinal, o esporte, e em particular o futebol, enquanto criador de uma identidade marcada pela elegância e refinamento, não poderia incluir em suas fileiras as classes

²⁰ Idem, ibidem, p. 74.

²¹ Idem, ibidem, p. 73.

²² Cf. DAMO, Arlei Sander. op. cit., p. 106-107.

²³ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. op. cit., p. 60.

trabalhadoras. Os primeiros clubes de futebol buscaram criar mecanismos visando impedir a entrada de pessoas de classes menos favorecidas em seus quadros e isso era obtido por meio dos altos valores cobrados no ato de se associar ao clube, pelas mensalidades também elevadas ou até mesmo por medidas restritivas que compunham seus respectivos estatutos.

Era, portanto, proposto pela diretoria o exorbitante valor de 50\$000 – valor mais de 15 vezes superior, por exemplo, à mensalidade paga pelos trabalhadores que quisessem associar-se à União Caixeiral. Embora os próprios sócios tenham considerado o aumento excessivo, fixando o novo valor em 25\$000, o episódio explicita de maneira cabal a lógica que movia os membros do Fluminense – que, no ano seguinte, ainda aumentariam o valor da mensalidade de 5\$000 para 8\$000. Em outras associações, como o Botafogo, esse impulso apareceria de maneira ainda mais clara: embora cobrasse 10\$000 de jóia dos novos sócios e uma mensalidade de 5\$000, o clube ainda definia diretamente, em seus estatutos, que um dos requisitos para a aceitação de novos sócios seria o de “não ser nem ter sido profissional de qualquer serviço braçal”. (...) Fazendo dos centros esportivos espaços de reunião de estudantes endinheirados, altos funcionários e de capitalistas em geral, esses *sportmen* faziam de seus clubes um meio de constituir associações restritas, que tinham no caráter selecionado de seus associados uma de suas marcas principais.²⁴

Cabe aqui relembrar que a segregação social foi acrescida da segregação racial.

À segregação social, que afastava os trabalhadores manuais, somava-se afora a exclusão racial – que tentava fazer do esporte um monopólio de jovens rapazes brancos e endinheirados, em que não haveria lugar para trabalhadores recém-egressos da escravidão.²⁵

Porém, tais medidas não foram capazes de impedir a proliferação do futebol entre os segmentos menos favorecidos da sociedade brasileira. Mesmo contra os desejos dos *sportmen*, o futebol foi consolidando sua presença nas principais cidades do país e acabou por ser praticado por grupos de diversos perfis sociais.

A sociedade brasileira passou por uma série de mudanças no início do século XX, advindas das alterações por que o país passava naquele momento, tais como o crescimento das cidades e da população, o aparecimento de novas indústrias, melhoria nos transportes públicos com o surgimento de novas linhas de bonde, entre outros. Obviamente que as classes sociais

²⁴ Idem, ibidem, p. 62-63.

²⁵ Idem, ibidem, p. 66.

também se alteraram, inclusive com o aumento do número de assalariados. Tais alterações também se refletiram no futebol, pois um número crescente de pessoas eram atraídas pelos campos de futebol, que assim foi se transformando em um poderoso evento de massas.

O problema agora enfrentado pela elite brasileira não era mais impedir que outras esferas sociais praticassem o futebol, tal pugna já se encontrava perdida, o desafio agora era fazer com que cada estrato social ocupasse o seu lugar segundo as diferenças sociais. Em outras palavras, cada segmento social jogaria entre os seus pares. Dessa forma, a elite estaria preservando o seu espaço, evitando a entrada dos “outros” em seu meio. Porém, no decorrer da década de 10, o fosso entre o futebol praticado pelos jovens da elite e os demais grupos sociais estava visivelmente se estreitando e a proliferação de clubes levou ao surgimento de novas ligas e campeonatos, aproximando ainda mais o trabalhador do futebol. “Essas novas entidades diminuíam progressivamente os obstáculos que tentavam separar do jogo da bola os muitos grupos de trabalhadores espalhados pela cidade”.²⁶

Leonardo Pereira, a partir de relatos de estrangeiros que estiveram no Brasil durante a década de 10, mais especialmente na segunda metade, demonstra que eles já reconheciam o futebol como o nosso principal e mais importante esporte.²⁷

Simultaneamente à ampliação da prática do futebol aconteceu o alargamento e a mudança nos perfis das torcidas. Inicialmente os torcedores eram os sócios dos clubes acompanhados de senhoritas. Agora, os torcedores eram provenientes das mais diversas classes sociais, “admiradores de origens sociais diversas passavam a fazer da torcida por um dos clubes da liga um hábito freqüente”.²⁸

Essa disseminação do futebol acarretou, entre outras conseqüências, a flexibilização em relação às exigências para se tornar um sócio, abrindo, assim, definitivamente o espaço para trabalhadores negros e brancos. O futebol revelou-se claramente um fenômeno de ilimitado alcance social.

²⁶ Idem, ibidem, p. 122.

²⁷ Idem, ibidem, p. 122.

²⁸ Idem, ibidem, p. 124.

De elemento de diferenciação, o futebol transformava-se assim em uma prática que, admirada por todos, ganharia uma força social somente experimentada até então por eventos como o carnaval (...). Longe de poder ser definido nesse momento como um símbolo de identidade de classe, fosse ela qual fosse, ele transformara-se então, a partir das apropriações e ressignificações feitas por membros dos mais diversos segmentos sociais, em um grande fenômeno de massas.²⁹

A popularização do futebol foi criando no decorrer da década de 10 uma nova imagem para o jogo: de esporte refinado e restrito, o futebol transformava-se em um jogo de negros e pobres. Assim sendo, nessa mesma década tornou-se ainda mais comum a associação cada vez mais freqüente entre o futebol e a marginalidade.

Em 1916, Rui Barbosa, chefiando uma comissão de diplomatas em viagem de navio para a Argentina, soube que o selecionado brasileiro de futebol estaria embarcado naquele mesmo vapor, avisou então a Lauro Muller que nem ele e nem sua família iriam viajar com “essa corja de malandros”. Resultado, a delegação de futebol teve de viajar de trem até Buenos Aires.³⁰

Dessa forma, jogar futebol para a elite deixava de ser um esporte nobre. Passava a ser uma atividade grosseira, da qual ela se distanciaria irreversivelmente, a partir daquele momento. E, assim, a imagem do jogador de futebol vai mudando. O prestígio que até então as classes dominantes lhe emprestaram vai sumindo rapidamente.³¹

Um outro campo de disputa entre a elite e as demais classes sociais relacionava-se à profissionalização do futebol. O “bicho”³² já era uma prática corriqueira desde 1915 no Brasil,³³ porém era vista de forma negativa pelos chamados “puristas” que pretendiam reservar à elite do

²⁹ Idem, *ibidem*, p. 127.

³⁰ AQUINO, Rubim Santos Leão de. *op. cit.*, p. 34.

³¹ CALDAS, Waldenyr. *op. cit.*, p. 52. Segundo Caldas, o preconceito nasce justamente do desejo das elites em não ter qualquer identidade com os outros segmentos da sociedade. Fenômeno que, segundo ele, mais do que um fato sociológico seria um fato histórico. Afinal, jamais, a classe dominante desejou identidade com as demais classes sociais.

³² Gratificação distribuída aos jogadores e ao técnico em virtude de um resultado favorável. O termo começou a ser empregado quando o futebol estava num período de transição de amador para profissional e os dirigentes, na intenção de manterem o jogador no seu clube, passaram a dar galinhas, cabras, vacas ou seja, animais como prêmios aos jogadores. Daí surge a expressão ‘bicho’ no futebol. Cf. PIMENTA, Carlos Alberto M. “As transformações na estrutura do futebol brasileiro: o fim das torcidas organizadas nos estádios de futebol”. In: COSTA, Márcia Regina da (et. al.). *op. cit.*, p. 134.

³³ AQUINO, Rubim Santos Leão de. *op. cit.*, p. 45.

país os prazeres do futebol. Entretanto, como foi ressaltado, a popularização do futebol fez com que esse espaço até então restrito aos jovens pertencentes às famílias mais abastadas se visse ocupado por jovens de classes menos favorecidas. O futebol brasileiro passou a viver então uma fase denominada de “amadorismo marrom”. Os jogadores aparentemente seriam amadores, porém acabavam recebendo pagamentos dos seus respectivos clubes.

Durante o “amadorismo marrom” muitos jogadores, na véspera dos jogos, se sentiam mal, ficavam doentes, machucavam, porém ao receberem algum tipo de gratificação por parte do clube entravam em campo na sua melhor forma física. Os jogadores também recorriam aos clubes quando precisavam de algo e se o pedido não fosse aceito logo arrumavam um outro clube que atendia o pedido e os jogadores passavam, assim, a defender uma nova camisa. Esse foi o caso, por exemplo, do jogador Penaforte que em 1927 trocou o Flamengo pelo América por um jogo de mobília de quarto.

Penaforte ia casar, não tinha mobília de quarto. O que o Flamengo não deu, o América deu logo, sem regatear, um jogador como Penaforte valia mais do que uma mobília de quarto. O América mobiliou a casa de Penaforte, Penaforte trocou Paissandu por Campos Sales.³⁴

Já no final da década de 20, a profissionalização do futebol era amplamente discutida no Brasil. Além disso, o profissionalismo manteria uma distância entre os jogadores, que seriam empregados do clube, e os sócios. A antiga diferenciação, isto é, o futebol como prática esportiva da elite brasileira, já não fazia mais sentido, logo um novo mecanismo foi criado e ele foi a profissionalização. A própria tensão racial seria acomodada agora.

A regulamentação do profissionalismo aparecia, nesse contexto, como uma solução perfeita para essa crescente tensão racial. Ao diferenciar claramente jogadores de sócios, ele permitira que fossem respeitados os critérios técnicos de escolha das equipes sem que se dissipassem o preconceito e as discriminações raciais que se faziam presentes em torno de jogadores como Leônidas e Gradin.³⁵

A década de 30 assistiu a importantes modificações nas estruturas políticas, sociais e econômicas do Brasil. A antiga elite agro-exportadora passou a dividir espaço com uma nova

³⁴ RODRIGUES FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003, p. 156.

³⁵ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. op. cit., p. 325.

elite, a industrial. O incremento na industrialização se deu simultaneamente ao desenvolvimento urbano do país. Segundo Aquino, era interessante para a população urbana, assim como para qualquer outra, a existência de distrações e o futebol se prestava muito bem para essa finalidade. Logo nada mais natural do que sua profissionalização.³⁶ Segundo Arlei Damo:

Para os operários e a comunidade forjada a partir das fábricas, a oferta de lazer em geral e do futebol em particular era extremamente valorizada. Os clubes de fábrica eram indissociáveis desses novos aglomerados urbanos, em grande parte constituídos por imigrantes campesinos, cumprindo um importante papel de coesão e produção de identidades sociais.³⁷

Outra mudança importante foi a preocupação do Estado em regulamentar as relações de trabalho no Brasil, e o “futebol, como arte e distração popular, não poderia fugir ao controle do Estado”.³⁸

A profissionalização se mostrava inevitável, especialmente em decorrência do êxodo dos jogadores brasileiros para o exterior, de onde eram atraídos por luvas, salários e prêmios. “Ora, nenhum jogador, por mais amor que tivesse à camisa da sua agremiação e do seu país, continuaria no Brasil após receber propostas irrecusáveis do exterior”.³⁹

(...) a partida dos primeiros jogadores brasileiros para o exterior, serviria de ponto de apoio e incentivo para a ala progressista insistir na profissionalização. O que não poderia era permanecer o mesmo quadro: o surgimento de grandes craques nacionais e a conseqüente transferência para times europeus ou argentinos.⁴⁰

Fazia-se, como se pode perceber, urgente implantar a profissionalização no futebol brasileiro, caso contrário, além das equipes perderem os jogadores para o exterior, os clubes nada recebiam, afinal, se eram jogadores amadores, não tinham nenhum tipo de vínculo ou contrato que impedisse suas saídas das equipes que defendiam. O profissionalismo acabou sendo positivo tanto para jogadores quanto para os clubes.

³⁶ AQUINO, Rubim Santos Leão de. op. cit., p. 48.

³⁷ DAMO, Arlei Sander. op. cit., p. 47.

³⁸ Idem, ibidem, p. 48.

³⁹ CALDAS, Waldenyr. op. cit., p. 68.

⁴⁰ Idem, ibidem, p. 68.

Se para os clubes a mudança mostrava-se positiva, não menos vantajosa seria para aqueles jogadores já submetidos havia anos ao regime do profissionalismo marrom, que mascarava sua remuneração. Legalizada uma situação existente, esportistas como Domingos e Leônidas teriam, a partir de então, maior liberdade de buscar uma remuneração mais próxima do grande destaque que adquiriram.⁴¹

A partir de 1933, os dois principais centros desportivos do país, Rio de Janeiro e São Paulo, implantaram o profissionalismo no futebol⁴² e tal fato ajudou ainda mais na popularização do esporte, afinal permitiu, sem nenhum tipo de restrição, a entrada de negros, mestiços e brancos pobres nas equipes, transformando o futebol em uma forma de ascensão social. “Assegurou a significativo número de elementos discriminados e menos favorecidos da sociedade um trabalho remunerado e com gratificações legalizadas”.⁴³

Além disso, mesmo que o profissionalismo ainda não existisse até então de forma explícita, ele começava a existir implicitamente. Nos dias de jogos foram criadas duas partidas, a preliminar em que jogavam os amadores declarados, “os jovens elegantes, grã-finos, que não queriam se profissionalizar e tinham até acanhamento de receber salário do clube para jogar”⁴⁴, e o segundo jogo, também denominado “jogo de fundo”, onde atuavam os melhores jogadores, que se não eram oficialmente profissionais, já o eram de fato. O mais interessante é que a torcida já não se importava com a preliminar, ela só chegava aos estádios para assistir ao “jogo de fundo”.

Tanto preferia que não ia ver mais o jogo de amador. A não ser como preliminar. O amador, com todo o chiquê, fora relegado para um segundo plano, virara jogador de preliminar, enchendo o tempo que faltava para começar o jogo principal.

Aos poucos o estádio ia se enchendo. Quanto mais enchia, pior para o amador. O amador correndo em campo, molhando a camisa, se matando, o torcedor nem prestando atenção. Querendo que aquilo acabasse depressa, logo de uma vez, não respeitando ninguém. Nem mesmo os ídolos de ontem. Outros jogadores tinham tomado o lugar deles.⁴⁵

⁴¹ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. op. cit., p. 326.

⁴² Formalmente é possível datar o início do profissionalismo no Brasil, isto é, 23 de janeiro de 1933. Porém, na prática, é impossível precisar a data, afinal mesmo na época do amadorismo, havia jogadores que recebiam salários normalmente dos clubes. Cf. CALDAS, Waldenyr. op. cit., p. 57-63.

⁴³ AQUINO, Rubim Santos Leão de. op. cit., p. 55.

⁴⁴ CALDAS, Waldenyr. op. cit., p. 70.

⁴⁵ RODRIGUES FILHO, Mário. op. cit., p. 203-204.

A década de 30 assistiu ao início das Copas do Mundo. Infelizmente divergências entre os nossos dirigentes impediram que a seleção brasileira estivesse presente em 1930, no Uruguai⁴⁶, e em 1934, na Itália⁴⁷, com o que tinha de melhor. Obviamente que os resultados acabaram por refletir essa realidade e nas duas competições o Brasil foi desclassificado ainda na primeira fase.⁴⁸ Enfim, um verdadeiro selecionado nacional foi montado para a Copa de 1938, que foi disputada na França, já sem as divisões causadas pela presença de negros no time, pelo bairrismo, ou ainda pelas divergências decorrentes do amadorismo ou da profissionalização.

Pela primeira vez o Brasil passou da primeira fase, vencendo em seu jogo de estréia a seleção polonesa pelo placar de 6 a 5. Passando para as quartas de final, teve que enfrentar a Tchecoslováquia por duas vezes. O primeiro jogo terminou empatado em 1 a 1 e um novo jogo foi marcado no qual a seleção brasileira venceu pelo placar de 2 a 1. O Brasil passou então para a semifinal. Partida em que o adversário era a então campeã do mundo, a seleção italiana. Apesar de apresentar um bom futebol, o Brasil acabou derrotado por 2 a 1 e teve que se contentar em jogar e vencer a Suécia pela disputa de terceiro lugar da Copa.

A partir de 1938, o brasileiro começou a acreditar em seu futebol e a derrota para a Itália, na semifinal, não foi capaz de afetar tal convicção. Inclusive, construiu-se com a ajuda da imprensa a idéia de que o Brasil teria sido a melhor equipe da Copa de 1938. Segundo Leonardo Pereira, os brasileiros acreditavam que tinham deixado “de ser aprendizes para se tornarem os grandes mestres da bola”.⁴⁹

⁴⁶ A seleção foi formada por 15 jogadores de São Paulo e 9 do Rio de Janeiro. O problema surgiu quando a CBD montou a comissão técnica sem nenhum paulista e tal fato desagradou a Associação Paulista de Esportes Atléticos (APEA), que acabou se atritando com a CBD e proibindo a presença de jogadores de São Paulo no selecionado nacional que jogaria a Copa de 1930, no Uruguai.

⁴⁷ Em 1934, o problema foi devido à profissionalização dos jogadores brasileiros no ano anterior, 1933. A CBD, filiada a FIFA e responsável pela montagem da seleção nacional, não tinha aderido ao profissionalismo e a maioria dos jogadores, bons valores não faltavam, já eram profissionais. Logo, o Brasil não foi representado pelo que tinha de melhor. Para aprofundar a questão cf. SOTER, Ivan. *Enciclopédia da seleção: as seleções brasileiras de futebol: 1914 – 2002*. Rio de Janeiro: Folha Seca, 2002.

⁴⁸ Em 1930 o Brasil realizou duas partidas na primeira fase. No primeiro jogo, a seleção foi derrotada pela Iugoslávia pelo placar 2 a 1 e no segundo jogo venceu a Bolívia por 4 a 0, mas como só uma equipe do grupo continuava na competição, a Iugoslávia, por ter vencido as suas duas partidas continuou na competição enquanto o Brasil foi desclassificado. Em 1934, em jogo único, o Brasil foi derrotado e desclassificado pela Espanha pelo placar de 3 a 1.

⁴⁹ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. op. cit., p. 339.

A década de 30 marcou a valorização do negro no futebol brasileiro e o início da identificação brasileira com o futebol-arte.

A importância que Mário Filho atribuía aos jogadores negros desde o início de sua atividade na imprensa esportiva ganhava, durante a disputa do torneio mundial na França, contornos nítidos. Mais do que fazer a propaganda de jogadores de qualidade, tratava-se de criar símbolos que pudessem personificar uma forma própria de se jogar o futebol no Brasil (...). Como ele, outros cronistas iam naqueles anos centrando suas atenções sobre o incipiente surgimento de uma técnica, caracteristicamente brasileira, de rapidez extrema no lance e de improvisação fulminante nos momentos mais apertados – que ia diferenciando o modo de jogar dos atletas brasileiros da técnica e disciplina aprendida com os europeus.⁵⁰

A década de 40, em decorrência da II Guerra Mundial, não assistiu a novas competições mundiais de futebol. Foi a década sem copa. Mas foi nela que começamos a superar o nosso sentimento de inferioridade em relação ao selecionado argentino. Porém, o início não parecia muito promissor.

Embalados pela Copa de 1938, com grande confiança, a seleção brasileira recebeu, para a disputa da Copa Roca,⁵¹ a visita da seleção da Argentina, em janeiro de 1939. O primeiro jogo foi disputado em São Januário e terminou com a acachapante vitória dos visitantes por 5 a 1.

Esse resultado gerou um trauma que acompanhou a seleção por boa parte da década de 40. Tínhamos um colossal complexo de inferioridade. Víamos os argentinos como europeus.⁵²

Apesar dos fracassos freqüentes frente aos argentinos, os brasileiros tinham plena consciência que a causa desses reveses poderiam ser atribuídas a infinitos fatores, menos à falta de qualidade técnica e individual. A década de 40 assistiu ao surgimento de grandes jogadores e o futebol não só se integrava de forma definitiva ao contexto da sociedade como um todo, como se transformou em um importante meio para se veicular mensagens de propaganda. O jogador Leônidas da Silva, por exemplo, ganhou o apelido de “Diamante Negro” e virou garoto-

⁵⁰ Idem, ibidem, p. 331.

⁵¹ A Copa Roca foi uma competição criada em 1913 pelo general argentino Júlio Roca, ministro das Relações Exteriores, visando aproximar esportivamente Brasil e Argentina.

⁵² SANDER, Roberto. op. cit., p. 28.

propaganda de um chocolate ainda existente que tem o mesmo nome. Nesse caminho, o rádio teve importância fundamental, afinal as transmissões, que já aconteciam desde a década de 20, levaram o interesse pelo futebol a grupos até então alheios a ele e o sucesso alcançado fez com que os principais jogadores deixassem de ser simples atletas para se tornarem grandes astros do cenário esportivo brasileiro.⁵³

Claramente, nesse período que antecedeu a implantação da televisão no país, já se via o quanto o futebol era um produto viável. Seja lá o que fosse associado a ele ganhava visibilidade e passava a vender mais. O rádio viveu seu apogeu na década de 1940, especialmente depois do fim da Grande Guerra, contribuindo para que o futebol tivesse esse *status* e ampliasse cada vez mais a sua influência, até se tornar a grande paixão dos brasileiros.⁵⁴

O futebol, como um fenômeno de massas, já se encontrava em um processo acelerado de consolidação e, segundo Roberto Sander, foi na década de 40 que os torcedores assumiram definitivamente o compromisso de proporcionar estímulo aos seus times, de serem o décimo segundo jogador. Tanto as derrotas quanto as vitórias agora são compartilhadas, não pertencem mais apenas aos jogadores.⁵⁵

O futebol, num processo crescente, vai se transformando num grande canal de alívio de tensões sociais, de realização de desejos reprimidos. A arquibancada, nesse sentido, legítima; permite que seja dito tudo o que na vida real não pegaria bem. Nela não haverá censura.⁵⁶

Desde o início da década o Brasil tinha enfrentado a Argentina por sete vezes. Foram cinco derrotas, um empate e apenas uma vitória e se somarmos os placares dos jogos perderíamos por 23 a 9.⁵⁷ Porém, a disputa da Copa Roca no final de 1945 começaria a mudar essa situação. Na primeira partida, a história se repetiria. Brasil começou perdendo por 2 a 1, conseguiu virar o jogo para 3 a 2, porém acabou sendo finalmente derrotado por 4 a 3. Viria então o segundo confronto e o pior é que o chefe da delegação argentina, Santiago García, afirmava que a seleção

⁵³ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. op. cit., p. 316.

⁵⁴ SANDER, Roberto. op. cit., p. 58.

⁵⁵ Idem, ibidem, p. 84.

⁵⁶ Idem, ibidem, p. 84.

⁵⁷ Brasil 2 X 2 Argentina (18/02/1940); Brasil 0 X 3 Argentina (25/02/1940); Brasil 1 X 6 Argentina (05/03/1940); Brasil 3 X 2 Argentina (10/03/1940); Brasil 1 X 5 Argentina (17/03/1940); Brasil 1 X 2 Argentina (18/01/1942); Brasil 1 X 3 Argentina (14/02/1945).

de seu país não tinha jogado nem 50 por cento da sua real capacidade, pois os jogadores chegaram a São Paulo muito em cima da hora, não tendo tempo para o repouso necessário.⁵⁸

O segundo confronto ocorreu em São Januário, no Rio de Janeiro e a Argentina abriu a contagem... seria mais uma derrota... O Brasil empatou, fez o segundo gol, mas no jogo anterior o selecionado nacional não cedeu a virada? A Argentina empatou em 2 a 2. A história se repetiria mais uma vez? A dúvida perdurava, até que o Brasil fez o terceiro, quarto, quinto e sexto gols. Placar final, Brasil 6 a 2, a maior goleada já aplicada pelo selecionado brasileiro sobre o seu rival. E o melhor ainda estaria por vir: o jogo de desempate para saber quem ganharia a Taça Roca. O Brasil tornou a vencer a Argentina, agora por um placar menos elástico, 3 a 1, mas jogando um belo futebol. Depois de vinte e três anos, o Brasil conquistava novamente a Copa Roca e de quebra demonstrava que os platinos não eram mais tão soberanos no continente.

Essa Copa Roca, logo depois das eleições, seria um marco, um divisor de águas desse confronto. Era o fim do trauma de perder sempre, e algumas vezes de forma humilhante. O complexo de vira-latas, de “macaquitos”, como nos chamava os argentinos, fora arrefecido. Dessa disputa em diante, o clássico entre as duas seleções passava a ser sinônimo de equilíbrio, até com vantagem do Brasil. Nas quatro edições seguintes da Copa Roca, por exemplo, a seleção venceria todas – em 1957, 1960, 1963 e 1971.⁵⁹

No decorrer do século XX, o futebol foi ganhando um novo interesse pelas populações no mundo afora e esse interesse era sempre acompanhado pela construção de estádios que pudessem atender uma demanda em constante crescimento. No Brasil, os jogos passaram a ser freqüentados por um número crescente de pessoas, representando os mais distintos segmentos da sociedade e os nossos estádios foram paulatinamente aumentando sua capacidade. Porém, ainda faltava o estádio de proporções monumentais, que rivalizasse com os dos argentinos e uruguaios.

Desde o final da década de 30, quando o Brasil lutava para sediar a Copa de 1942, que acabou não ocorrendo devido a II Guerra Mundial, já se defendia a idéia da construção de um estádio de grandes proporções. Em 1946, numa sessão do congresso anual da Fifa, a delegação

⁵⁸ SANDER, Roberto. op. cit., p. 185.

⁵⁹ Idem, ibidem, p. 188-189.

brasileira reafirmou o intuito de promover o Mundial de 1949 na cidade do Rio de Janeiro.⁶⁰ Por unanimidade, a proposta foi aceita. A partir de então era necessário não apenas sonhar, mas construir o monumental estádio.

Pensou-se, inicialmente, em ampliar São Januário, mas o projeto não vingou. Novo local, depois de muita discussão, foi escolhido. Ele era central, ficaria numa área que pertencia ao Derby Club e se chamaria Maracanã.

Em tempo recorde, dois anos, o estádio estava pronto para receber a Copa do Mundo, como seu formato oval tendo 312,32 metros no eixo maior e 279,48 no menor, um gramado de 110 por 75 metros, que depositava toda a esperança de uma geração que se viu privada de disputar um mundial em virtude da II Guerra Mundial.⁶¹ Tudo parecia conspirar a favor da seleção brasileira, o estádio estava construído, os nossos jogadores estavam jogando o “fino da bola”, porém, havia um risco, o otimismo desmedido que ia tomando conta de todos. Fato até compreensível nas palavras de Roberto Sander:

(...) pois éramos um povo que convivia com uma necessidade atávica de afirmação. Tínhamos pressa em livrar-nos de um assolador complexo de inferioridade; da síndrome de país colonizado, escravizado, sem identidade.⁶²

O Brasil iniciou a Copa de 50 vencendo, no dia 24 de junho, um sábado, o México pelo placar de 4 a 0. O jogo seguinte seria em São Paulo e o técnico brasileiro, provavelmente desejando conquistar as boas graças da torcida paulista, resolveu mudar a equipe e entrar com todos os paulistas de que dispunha no elenco. O problema é que o time jamais tinha jogado junto e acabou apenas empatando com a fraca seleção da Suíça por 2 a 2. Além das vaias, o Brasil poderia ser desclassificado ainda na fase classificatória. Para se manter na copa teria que vencer a seleção da Iugoslávia que jogava por um simples empate.

⁶⁰ Idem, ibidem, p. 234.

⁶¹ Idem, ibidem, p. 283.

⁶² Idem, ibidem, p. 284.

Brasil e Iugoslávia jogaram no Maracanã, para um público até então recorde, cerca de 160.000 pessoas⁶³. O Brasil venceu o jogo pelo placar de 2 a 0 e passou para as finais do campeonato, um quadrangular formado por Brasil, Uruguai, Suécia e Espanha, no qual todos jogavam contra todos e aquele país que obtivesse o maior número de pontos se sagraria campeão mundial.

O Brasil estreou no quadrangular final contra a Suécia e venceu com extrema facilidade, pelo placar de 7 a 1. No outro jogo Uruguai e Espanha tinham empatado. A liderança do quadrangular já era brasileira. O jogo seguinte era contra a seleção espanhola, nova acachapante goleada, Brasil 6 a 1. Nessa partida, 150 mil espectadores entoaram a marcha carnavalesca, de autoria de João de Barro, “Touradas em Madri”.

Eu fui às touradas de Madri
 Parará tim bum bum bum
 Parará tim bum bum bum
 E quase não volto mais aqui... i... i
 Pra ver Peri... i... i
 Beijar Ceci
 Parará tim bum bum bum
 Parará tim bum bum bum

Segundo Aquino:

Foi um espetáculo maravilhoso! A multidão alegre! Cantando! Sorrindo! Pulando! Acenando lenços brancos para os espanhóis! Feliz da vida, via balões verde-amarelos subindo aos céus! Tão humilhada ficou a “Fúria”, como era chamada a seleção espanhola, que por muitos anos times espanhóis recusaram-se, sob várias desculpas, a jogar no Brasil.⁶⁴

O Uruguai, por sua vez, venceu os suecos pelo apertado placar de 3 a 2. Faltava apenas o último jogo, a grande e tão sonhada final. O adversário seria exatamente a seleção uruguaia. Apesar da antiga rivalidade entre os dois selecionados, a euforia dos brasileiros era imensa, afinal bastava um empate para que a sua seleção conquistasse o título de campeã do mundo de futebol.

⁶³ AQUINO, Rubim Santos Leão de. op. cit., p. 67.

⁶⁴ Idem, ibidem, p. 68.

Todos tinham certeza da vitória brasileira no jogo final. O Brasil tinha surrado a Suécia e a Espanha enquanto os uruguaios apenas empataram contra os espanhóis e tiveram grande dificuldade para vencer os suecos. A euforia era tamanha que torcedores de todo o país afluíram para o Rio de Janeiro. Desde o meio-dia o estádio já estava lotado e o jogo só começaria às 15 horas. Segundo Aquino, havia no Maracanã, 210.000 espectadores⁶⁵, sendo 173.850 pagantes⁶⁶. A diferença no número de pessoas no estádio se deu decorrente, entre outros motivos, porque as catracas de acesso haviam sido estouradas.

Infelizmente a euforia desmedida tomou conta também dos dirigentes brasileiros. Em outubro haveria eleições e a agitação política acabou envolvendo a seleção nas vésperas da final. O Brasil abandonou a tranqüila concentração no Joá pela agitada concentração de São Januário. “Nem treinar direito o time conseguia, tal o assédio, a adulação inoportuna dos pedidos de autógrafos, dos nocivos e oportunistas tapinhas nas costas”.⁶⁷

Ainda segundo Sander:

Na verdade, o objetivo nítido dessa mudança era capitalizar o prestígio dos craques. Nos dois dias que antecederam a partida contra o Uruguai, eles foram submetidos a um ritual de sobe-e-desce dos quartos para ouvir as ladainhas de políticos em busca de votos para as eleições que se realizariam no dia 3 de outubro. São Januário mais parecia palco de uma convenção de partido político.⁶⁸

O dia do jogo, 16 de julho de 1950, não foi menos confuso para a seleção brasileira. Antes de seguirem para o Maracanã, por exemplo, os jogadores tiveram sua refeição interrompida pelo menos duas vezes para que ouvisse discursos políticos.

A manhã de 16 de julho alcançou os jogadores mal dormidos e irritados. Teriam que atender a compromissos políticos. Sucediavam-se as caravanas para visitas e ninguém mais conseguia conter os *penetras*.⁶⁹

⁶⁵ Idem, *ibidem*, p. 69.

⁶⁶ UNZELTE, Celso. *op. cit.*, p. 128

⁶⁷ SANDER, Roberto. *op. cit.*, p. 285.

⁶⁸ Idem, *ibidem*, p. 285.

⁶⁹ HEIZER, Teixeira. *O jogo bruto das copas do mundo*. Rio de Janeiro: Mauad, 1997, p. 71.

Na concentração adversária o foco na partida era total. Ondino Vieira, técnico uruguaio radicado no Brasil havia mais de dez anos, visitou a seleção uruguaia e, excelente conhecedor das características dos jogadores brasileiros traçou, junto com o técnico uruguaio, a estratégia para anular os meias-de-ligação da seleção brasileira, Zizinho e Jair Rosa Pinto, considerados a alma do time. Para completar, foram mostrados aos jogadores da celeste olímpica os jornais do dia que davam como certa a vitória do Brasil. Obviamente que tais previsões, que se mostraram totalmente errôneas, acabaram mexendo com o brio dos jogadores uruguaio, fato que foi amplamente aproveitado pelo capitão da seleção uruguaia, Obdúlio Varela.

Ao que parece os brasileiros se esqueceram da força da celeste olímpica e contaram com uma nova vitória extremamente fácil. O interessante é que meses antes da Copa, o Brasil enfrentou o Uruguai pela Copa Rio Branco,⁷⁰ no Rio de Janeiro, e venceu de forma apertada as duas partidas⁷¹. Ora, se vencer o Uruguai⁷² nunca tinha sido, como não continua sendo, uma tarefa fácil, por que o seria logo numa final de Copa do Mundo?

O jogo foi iniciado no horário marcado e a seleção brasileira começou a partida determinada a repetir as goleadas anteriores, porém, ao terminar o primeiro tempo, o placar continuava marcando o empate sem gols, o que daria o título para o selecionado nacional.

A torcida brasileira continuava eufórica, afinal o domínio do seu selecionado fora patente. “Tanto assim que os uruguaio concederam dezenove escanteios”.⁷³ O início do segundo tempo não poderia parecer mais auspicioso, afinal o Brasil abriu o placar logo no primeiro minuto. Se o empate já nos dava o título, a vitória seria a consagração final. A multidão que se apinhava no Maracanã encontrava-se em êxtase, cantando, dançando, gritando...

E o Maracanã como que se desintegrou. A multidão pipocava, enlouquecida. Desconhecidos se abraçavam e beijavam. Namorados, noivos, casados, mesmo à beira de um desquite, amavam às escâncaras. Inimigos se estendiam as mãos,

⁷⁰ A Copa Rio Branco foi criada em 1916 para ser disputada entre o Brasil e o Uruguai, mas só passou a ser realizada 15 anos depois, em 1931.

⁷¹ Os dois jogos foram disputados no Estádio de São Januário, no Rio de Janeiro.. No primeiro jogo, dia 14/05/1950, o Brasil venceu por 3 a 2 e no segundo jogo, quatro dias depois, 18/05/1950, a vitória brasileira se deu pelo placar mínimo, isto é 1 a 0

⁷² Cabe ressaltar que além de Campeão do Mundo em 1930, o Uruguai era bi-campeão olímpico.

⁷³ AQUINO, Rubim Santos Leão de. op. cit., p. 70.

uns para os outros. Aquela era a hora do amor. **Não podia haver um brasileiro de mal com o outro.** O Brasil era campeão do mundo.⁷⁴

O pesadelo iniciou-se aos 20 minutos do segundo tempo quando o Uruguai empatou o jogo. O Maracanã mergulhou em um grande silêncio.

Lá embaixo, no gramado, como um pesadelo, os jogadores brasileiros sentiram o peso esmagador daquele silêncio. E foi em meio do silêncio mortal de duzentos e vinte mil brasileiros que Gigghia fez o segundo gol.⁷⁵

Aos 34 minutos veio o pior, o segundo gol uruguaio. A partir daí o nervosismo tomou conta da seleção nacional e apesar da pressão exercida pelo Brasil o gol de empate não ocorreu e o Uruguai se sagrou bi-campeão do mundo. Nelsonrodriguianas lágrimas de esguicho no meio-fio seriam choradas por todos os brasileiros. “A de 50 foi a mãe de todas as derrotas. A primeira derrota sofrida pela Seleção Brasileira no Maracanã continua a ser a maior de todas”.⁷⁶

Em silêncio e cabisbaixa, a multidão deixou o Maracanã. Parecia que o mundo tinha acabado e o sonho acalentado por todos os brasileiros tornou-se um imenso pesadelo. Para muitos “era a comprovação de constituirmos uma sociedade de incompetentes e fracassados”.⁷⁷ Mário Filho nos lembra que eram brasileiros contra brasileiros, todos procurando por um culpado, que se viu transubstanciado na figura do negro, segundo ele, vários cronistas afirmavam que o Brasil era “uma raça de mestiços. Uma raça inferior. Na hora de agüentar o pior, a gente se borrava todo. Enquanto dependermos do negro vai ser assim”.⁷⁸

O naufrágio brasileiro diante do Uruguai, vizinho pequenino e incômodo, deixou de ser um acontecimento meramente esportivo. Virou uma lenda, um trauma mal resolvido. O ex-técnico da Seleção Brasileira João Saldanha reagia com alguma irritação ao culto à tragédia de 50. Para ele, a derrota foi apenas uma derrota. Mas, dessa vez, João Saldanha estava errado. A derrota de 50 não foi apenas uma derrota de um time de futebol diante de outro. Porque, no Brasil, futebol não é apenas um esporte.⁷⁹

⁷⁴ RODRIGUES FILHO, Mário. op. cit., p. 288. (grifos nossos).

⁷⁵ Idem, ibidem, p. 288.

⁷⁶ MORAES NETO, Geneton. *Dossiê 50: os onze jogadores revelam os segredos da maior tragédia do futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000, p. 39.

⁷⁷ AQUINO, Rubim Santos Leão de. op. cit., p. 71.

⁷⁸ RODRIGUES FILHO, Mário. op. cit., p. 290.

⁷⁹ MORAES NETO, Geneton. op. cit., p. 39.

Segundo os racistas, era isso o que dava montar uma seleção com um número maior de mulatos e negros do que brancos. Porém, o interessante é que esses mesmos algozes dos negros e mulatos convenientemente se esqueciam que o ídolo uruguaio, Obdúlio Varela, era mulato.⁸⁰

A derrota em nada afetou o prestígio da seleção brasileira na Europa. A imprensa do velho continente continuava elogiando o futebol brasileiro e até a nossa maturidade esportiva, “estranha, quase insólita, num povo sul-americano”.⁸¹ Desde o início da década de 1950, os europeus também foram aderindo à representação do Brasil como o país do futebol, ou melhor, o país do futebol-arte.⁸² Porém, a dor dos brasileiros em nada se aplacava.

Que é que adiantava mostrar que o futebol brasileiro era superior ao uruguaio? Quem não sabia que o Brasil tinha o melhor futebol do mundo? Era o que doía mais. O Brasil tinha o melhor futebol do mundo, mas o campeão do mundo era o Uruguai. E ia continuar a ser até 54, na Suíça.⁸³

Em 1954, na Copa da Suíça, um novo fracasso da seleção brasileira, frente à poderosa seleção da Hungria, que vinha aplicando goleadas inapeláveis em todos os seus adversários.⁸⁴ O Brasil entrou extremamente nervoso para a partida e acabou perdendo por 4 a 2. Jogadores como Nilton Santos, chamado de “Enciclopédia do Futebol”, chegou mesmo a trocar socos e pontapés como jogador húngaro Boszic. No final do jogo, o conflito se tornou generalizado e até o técnico brasileiro, Zezé Moreira, acabou agredindo o Ministro dos Esportes da Hungria, Gusztav Sebes, com golpes de chuteira no rosto.⁸⁵

Parecia realmente que o homem brasileiro não tinha as condições psicológicas para enfrentar situações de pressão. Sendo assim, jamais alcançaria a vitória e continuaria sofrendo

⁸⁰ Idem, *ibidem*, p. 290.

⁸¹ Idem, *ibidem*, p. 291.

⁸² Cf. HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque. *op. cit.*, p. 264.

⁸³ Idem, *ibidem*, p. 296.

⁸⁴ A Hungria foi a primeira seleção a vencer a Inglaterra em casa, em pleno Estádio de Wembley. O jogo foi disputado no ano de 1953 e terminou com a vitória húngara por inapeláveis 6 a 3. Pior ainda foi a “revanche” no ano seguinte, maio de 1954, em Budapeste, quando a Hungria simplesmente destruiu os ingleses por 7 a 1. Durante a Copa de 1954, as goleadas continuaram acontecendo: 9 a 0 na Coreia do Norte e 8 a 3 na Alemanha Ocidental.

⁸⁵ Em relação às confusões do jogo, também denominado como “Batalha de Berna” cf. AQUINO, Rubim Santos Leão de. *op. cit.*, p. 73-76 e UNZELTE, Celso. *op. cit.*, p. 137-138.

com seu complexo de inferioridade, tão bem denominado por Nelson Rodrigues como “complexo de vira-latas”.

A partir de agora será dada voz aos cronistas aqui escolhidos para continuarem contando não só a história do futebol brasileiro, mas em especial a confirmação de que o Brasil era e é o país do futebol, afinal nas próximas 12 Copas do Mundo que ocorreram, isto é de 1958 até 2002, o selecionado brasileiro foi quarto colocado em 1974, terceiro colocado em 1978, vice-campeão em 1998 e venceu cinco Copas: 1958, 1962, 1970, 1994 e 2002.

PRIMEIRO TEMPO
VIRA 2, TERMINA ... O INÍCIO DA VITÓRIA
NELSON RODRIGUES

Nelson Falcão Rodrigues nasceu em Recife em 23 de agosto de 1912, filho do jornalista Mário Rodrigues e de Maria Esther, filha da bem sucedida família Falcão.¹ Mário Rodrigues formou-se em direito em 1909, mas sempre se dedicou a atividade jornalística. Também esteve muito envolvido com a política. Aliou-se ao então líder político de Pernambuco: Emídio Dantas Barreto. A guerra política travada em Pernambuco naquele momento, primeira década do século XX, era bastante violenta e os partidários das duas facções² desejavam e faziam força para trucidarem-se mutuamente. Um dos grandes desejos dos adversários de Dantas Barreto era poder silenciar Mário Rodrigues, um “panfletário impertinente” e que, em 1911, tornou-se deputado estadual.³

Mário Rodrigues, depois de formado, visitou a Argentina onde entrou em contato com os jornais e jornalistas portenhos, trazendo dos pampas uma série de idéias que logo colocou em prática fundando o “Jornal da República”. Porém, a partir de 1915, a maré parecia virar contra Mário Rodrigues. No referido ano, um dos mais importantes aliados políticos de Dantas Barreto, Manoel Borba, não apenas rompeu com ele como se lançou candidato à sua sucessão ao governo pernambucano. Obviamente que Mário Rodrigues, assim como os demais partidários de Dantas Barreto, o consideraram um traidor e passaram a travar uma verdadeira guerra contra Borba. Este, porém, conhecia muito bem o funcionamento do dantismo e passou a atacar as principais figuras que apoiavam o atual governador, dentre elas Mário Rodrigues.

¹ Segundo Ruy Castro, a família de Maria Esther não considerava Mário Rodrigues o partido mais adequado para se casar com sua filha, porém ele, Mario Rodrigues, soube vencer as resistências familiares e casou-se com Maria Esther em 1904. Cf. CASTRO, Ruy. op. cit., p. 16.

² As duas facções que se digladiavam pelo poder em Pernambuco eram: de um lado, a dos chefes políticos Rosa e Silva e Estácio Coimbra, que tinham sido recém alijados do poder pelo marechal Hermes da Fonseca, e do outro, a do novo governador, o general Emídio Dantas Barreto.

³ CASTRO, Ruy. op. cit., p. 12-13.

Com a provável vitória de Manuel Borba, Mário Rodrigues e Maria Esther tomaram a decisão de que ele deveria tentar a sorte na capital do país, o Rio de Janeiro. Ele partiu em 1915, porém, no ano seguinte, em 1916, retornou ao Recife e reassumiu seu lugar na Assembléia pernambucana. Contudo, as alianças políticas no estado muito desagradaram Mário Rodrigues. Dantas Barreto aliou-se ao seu antigo desafeto, Estácio Coimbra, que Mário Rodrigues tanto atacou, visando combater Manuel Borba. Em virtude da desconfortável situação e dos apelos de Maria Esther para que ele retornasse ao Rio de Janeiro e lá buscasse emprego, Mário Rodrigues embarcou novamente para a capital federal.

Ali, ele foi trabalhar no jornal de Edmundo Bittencourt, “Correio da Manhã”, porém, meses depois de contratado acabou sendo demitido por ter se desentendido com o secretário geral do jornal, o alagoano Costa Rego. O pior talvez não tenha sido o desemprego, mas o telegrama que acabara de receber informando que o resto da família estava embarcando para encontrá-lo no Rio. Cabe ressaltar, que naquele momento Mário Rodrigues e Maria Esther já tinham seis filhos e que o sétimo já estava a caminho.

Graças a um artigo enviado para o “Jornal de Recife”, em que Mário Rodrigues elogiava Edmundo Bittencourt, artigo escrito antes da sua demissão, ele acabou retornando à sua antiga função no jornal “Correio da Manhã”. De imediato, buscou encontrar uma residência para ele e sua família e encontrou-a na Aldeia Campista, na Zona Norte do Rio de Janeiro, mudando-se para lá em agosto de 1916.

Ao que parece, a vida na Aldeia Campista marcou profundamente Nelson Rodrigues e seus escritos, afinal “as vizinhas eram mesmo gordas e patuscas (...). Seus maridos eram magros, asmáticos, espectrais (...). Era também uma vizinhança de solteironas ressentidas, de adúlteras voluptuosas e, não se sabe por que, de muitas viúvas”.⁴

Em 1919, Nelson Rodrigues conheceria uma das maiores paixões da sua vida, o Fluminense. Esse foi o ano em que o tricolor sagrou-se tricampeão do campeonato carioca. Porém, é importante que se diga que Nelson já era um aficionado pelo futebol, torcia inclusive

⁴ Idem, *ibidem*, p. 21.

para o Andaraí. Mas o que ele gostava mesmo de fazer era de jogar futebol. Na proximidade da rua Alegre, onde Nelson morava, havia dois times de futebol, o Tiradentes e o Black and White, Nelson jogava no Tiradentes e sua posição era a meia-direita.⁵

Ao entrar na adolescência Nelson ficava constantemente depressivo e para que ninguém o incomodasse, refugiava-se num dos quartos da casa na Quinta da Boa Vista, onde agora a família Rodrigues morava, lendo ou então praticando sua nova paixão, que era escrever.

Enchia resmas de papel com o que, olhando de esguelha, pareciam ser crônicas. Não se sabe ao certo o que eram, porque Nelson não mostrava uma linha a ninguém. Nem a Roberto, seu primeiro irmão em admiração.⁶

No final de dezembro de 1925, Mário Rodrigues lançou o primeiro número do seu jornal, “A Manhã”. Nelson, por sua vez, convencera o pai a deixá-lo trabalhar como repórter de polícia, fato que marcou toda a sua trajetória futura. Cabe aqui fazer uma ressalva, o Rio de Janeiro da época era uma cidade tranqüila, uma “cidade lindamente sem assaltos, em que a captura de um ladrão de galinhas era uma sensação”⁷ e os crimes que mais seduziam Nelson eram aqueles relacionados com paixão, traição ou vingança e em especial os pactos de morte entre jovens namorados, todos os colegas já sabiam da fixação de Nelson por esses casos.

Maridos matavam mulheres por uma simples suspeita, sogras envenenavam genros porque estes não lhes tinham dado bom-dia aquela manhã e casais de namorados faziam pactos de morte como se estivessem marcando um encontro no ‘Ponto Chic’.⁸

No início, o trabalho mais simples foi dado a Nelson, isto é, o de fazer por telefone a ronda das delegacias, porém ele logo demonstrou todo o seu talento emprestando grande carga de dramaticidade para os simples e toscos relatórios que recebia. Dependendo do material que recebia, Nelson era capaz de prolongar a história por dias, como no caso do pacto de morte em Paquetá.

⁵ Idem, ibidem, p. 32.

⁶ Idem, ibidem, p. 41.

⁷ Idem, ibidem, p. 47.

⁸ Idem, ibidem, p. 47.

Muito depois que o casal já estava enterrado e quase esquecido, a imaginação delirante de Nelson continuava fabricando ingênuas subtramas sobre o caso, com cenas de amor fremente, beijos arrebatados e de uma volúpia sexual que ele conhecia intimamente do cinema ou dos folhetins (...).⁹

Em 1928, Nelson fora promovido no jornal de seu pai, agora ele escreveria uma vez por semana artigos assinados na desejada página três. Ainda nesse ano, Mário Rodrigues acabou perdendo o jornal “A Manhã” para o seu sócio Antônio Faustino Porto, porém, aproximadamente um mês e meio depois, Mário Rodrigues lançava seu novo jornal, “Crítica”. Nele, a página de esportes, dirigida por Mário Filho (irmão de Nelson Rodrigues), era um espetáculo à parte. Nesse período, os jornais dedicavam míseras colunas ao futebol, porém Mário Filho resolveu investir nesse esporte, alcançando, dada à infra-estrutura gráfica adotada, grande sucesso. “O futebol, que ainda era amador, passou a vender jornais e transformou atletas dos outros esportes em potências de segunda classe”.¹⁰

Em 1929 nuvens cinzas rondavam os Rodrigues. Os problemas se desencadearam quando Roberto Rodrigues foi assassinado na sede do jornal devido a um artigo publicado no mesmo. O pai, Mário Rodrigues, jamais se recuperou da morte do filho e Nelson, aos dezessete anos e quatro meses, assistiu pela primeira vez a uma cena de violência brutal. Tal assassinato marcou-o indelevelmente Nelson Rodrigues, inclusive, segundo Ruy Castro, “ninguém conseguirá penetrar no teatro de Nelson Rodrigues sem entender a tragédia provocada pela morte de Roberto”.¹¹

O pai, Mário Rodrigues, ficou extremamente abalado com a morte do filho e acabou falecendo poucos meses depois de trombose cerebral.¹² Mário Rodrigues, antes de falecer, ainda apaixonado pela política, acabou se posicionando contra Getúlio Vargas e apoiando Washington Luís e, depois de sua morte e mesmo com a revolução nas ruas, a “Crítica” continuava contrário a

⁹ Idem, ibidem, p. 48.

¹⁰ Idem, ibidem, p. 80.

¹¹ Idem, ibidem, p. 94.

¹² Roberto morreu na madrugada de 29 de dezembro de 1929 e Mário Rodrigues em 15 de março de 1930. Cf. CASTRO, Ruy. op. cit., p. 89-100.

ela e a Vargas.¹³ As conseqüências foram trágicas para a família, afinal o jornal foi empastelado e fechado.

De repente, já não existiam nem Mário Rodrigues, nem Roberto, nem palacete, nem “Crítica”, nem amigos no poder, nem consolidação e muito menos futuro. Nem mesmo esperança e ânimo. Por quais desígnios fosse, eles tinham sido feridos, mortos, humilhados, destroçados e finalmente destituídos.¹⁴

Nos anos seguintes, os Rodrigues enfrentaram grandes problemas financeiros, chegando inclusive a passar fome o que acarretou sérios problemas de saúde para Nelson Rodrigues. Ele acabou, em 1934, tuberculoso.¹⁵ “Os três anos de pobreza e má alimentação, que haviam tornado Nelson vulnerável ao bacilo, finalmente vinham cobrar-lhe a conta”.¹⁶ Foi o início de suas viagens para a cidade de Campos do Jordão.

Depois de se recuperar, Nelson retornou a trabalhar nas redações dos jornais, inclusive seu irmão, Mário Filho, tornou-se, em 1936, proprietário do “Jornal dos Sports”. Na década de 40, Nelson Rodrigues passou a se dedicar também a escrever peças de teatro. A partir daí, até a sua morte em 21 de dezembro de 1980, Nelson foi não apenas um escritor e cronista de grande popularidade, escrevendo inúmeras crônicas em vários jornais e revistas, tais como o “Jornal dos Sports”, “Última Hora”, “O Globo” e “Manchete Esportiva”, mas tornou-se um dos maiores autores de peças teatrais do país.

Nelson, segundo Fatima Antunes, não escrevia para um público específico, mas escrevia o que achava que devia escrever.¹⁷ Em relação ao futebol, encantava o público masculino, inclusive pelo seu jeito desbocado e irreverente. Criticava de forma ácida setores de intelectuais, estudantes e a esquerda de modo geral, em especial todos aqueles que designavam o

¹³ Os Rodrigues acabaram “atirando” para o alvo errado, afinal, em 24 de outubro, o presidente Washington Luís demitiu-se do cargo e o candidato vencedor nas eleições (Júlio Prestes), apoiado por Washington Luís, não teve como assumir a presidência. Getúlio Vargas tornou-se o novo presidente do país, cargo que só deixaria em 1945. O pior é que a turba, logo na manhã de 24 de outubro, saiu às ruas para acertar as contas com os jornais que apoiaram os derrotados. Redações e oficinas foram invadidas e empasteladas e uma delas foi o jornal “Crítica”.

¹⁴ CASTRO, Ruy. op. cit., p. 108.

¹⁵ A doença começou com uma tosse seca e uma febre baixa, porém persistente. O pior é que antes de terem certeza quanto ao diagnóstico da doença de Nelson, o haviam imposto a costumeira solução para casos de febre persistente e não identificada: a extração dos dentes. Ele arrancou todos os dentes, que por sinal estavam quase perfeitos, e colocou dentadura. A febre, como era de se esperar, continuou.

¹⁶ Idem, ibidem, p. 125.

¹⁷ ANTUNES, Fatima Martin Rodrigues Ferreira. op. cit., p. 209.

futebol como o “ópio do povo”: “O intelectual brasileiro que ignora o futebol é um alienado de babar na gravata”.¹⁸ Dentre os intelectuais, como já foi ressaltado, as críticas mais ácidas eram dirigidas para os de esquerda, encarnados, em especial, na figura dos sociólogos. Para Nelson, o sociólogo não conseguia enxergar o quanto o futebol emancipava o povo brasileiro. Seria pelo futebol que o mais comum dos brasileiros sentia-se parte da nação.

Há três dias, aconteceu no Maracanã a batalha entre o Brasil e a Bélgica. Todos os brasileiros vivos e mortos estavam lá. Defuntos de algodão nas narinas atravessaram as borboletas. Tinham pulado os muros do além para torcer. Só um brasileiro faltou: – o sociólogo. Entre cento e tantos mil patrícios, não vi uma única e escassa flor da sociologia.¹⁹

Ressalte-se que a tensão existente entre os intelectuais, em especial os de esquerda e Nelson Rodrigues, que se considerava um defensor da cultura popular, fez-se presente em toda a sua obra e não apenas nas crônicas de futebol. Nessas últimas, Nelson sempre buscou discorrer sobre o significado desse esporte no Brasil e de como o país se identificava com o referido jogo. Segundo Fatima Antunes, “mesmo sem pretensão de formular teorias sobre o assunto, Nelson construiu uma interpretação da brasilidade pelo futebol”.²⁰

Nelson não se preocupava realmente com o fato em si. Este só teria importância se estivesse de acordo com as posições do cronista. Cabe ressaltar que, segundo Benjamin, o cronista é o narrador da história. Para ele, o historiador terá que explicar os episódios com que lida, enquanto o cronista está liberado do ônus da explicação verificável.²¹ Sua parcialidade fazia com que o objetivo se curvasse diante do subjetivo. Tal fato também se verificava em relação ao recurso do videoteipe. Nosso cronista não obedecia necessariamente à lógica desse recurso imagético, ele assumia uma dupla posição em relação ao videoteipe ou a outros componentes tecnológicos. Se as imagens eram coincidentes com sua leitura do jogo, da partida de futebol, elas

¹⁸ RODRIGUES, Nelson. “A copa do apito”. In: *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 134.

¹⁹ RODRIGUES, Nelson. “Os guizos radiantes de Garrincha”. In: *A pátria de chuteiras: novas crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 97.

²⁰ ANTUNES, Fatima Martin Rodrigues Ferreira. op. cit., p. 210.

²¹ BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 209.

serviam como comprovação, e Nelson elogiava o videoteipe, porém, se as imagens fossem divergentes da leitura do jogo, ele contestava o videoteipe.²²

E o patético é que, quinta-feira, o vídeo-tape de Brasil X Inglaterra nos dera uma versão deprimente do escrete. O povo não sabia como conciliar as duas coisas: – o delírio dos locutores e a exata veracidade da imagem. Após a batalha de ontem, eu vi tudo. A verdade está com a imaginação dos locutores. E repito: – a imaginação está sempre muito mais próxima das essências. Ao passo que o vídeo-tape é uma espécie de lambe-lambe do Passeio Público, que retira das pessoas toda a sua grandeza humana e esvazia os fatos de todo o seu patético. Disseram os locutores que o Brasil fizera, contra a Inglaterra, uma exibição deslumbrante. Pura imaginação e, por isso mesmo, altamente veraz. O vídeo-tape demonstrou o contrário. Azar da imagem.²³

O outro aspecto que deve ser destacado e que acaba por criar uma nova aproximação de Nelson Rodrigues com a figura do narrador tratada por Walter Benjamin, é que Nelson Rodrigues, um dos nossos maiores cronistas em todos os tempos, em decorrência de uma tuberculose, tinha graves problemas de visão,²⁴ porém não admitia sequer a possibilidade de usar óculos – não queria ser chamado de *caixa d'óculos*.²⁵ Apesar dessa deficiência, Nelson nunca deixou de ir aos estádios. Para ele era suficiente perceber os vultos correndo, as manifestações das torcidas, afinal elas apresentam um código coletivo, de uhs e ohs, além é claro dos gritos de gol, e ter alguém ao lado que lhe irradiasse o jogo. A partir dessas informações e da sua imaginação, Nelson compunha o quadro do que havia sido a peleja. Em relação à decisão de ter alguém ao seu lado durante as partidas ele acabou por tomá-la depois de levar pela primeira vez sua esposa, Elza, ao estádio, quando ela o flagrou torcendo contra o seu Fluminense, obviamente em decorrência da perda parcial da visão.²⁶

²² É interessante perceber que de certa forma Nelson Rodrigues tinha razão, afinal a imagem apresentada por ângulos diferentes pode levar a interpretações também distintas da mesma jogada.

²³ “O Eichmann do apito”. In: RODRIGUES, Nelson. *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 90.

²⁴ Nelson tivera uma cório-retinite ou uma uveíte aguda, como seqüela da tuberculose. Era uma infecção em um período que não existiam ainda os antibióticos. O doutor Paulo Filho receitou-lhe antiinflamatórios e passou-lhe uma dieta estrita. Os antiinflamatórios cumpriram seu papel fazendo com que a infecção regredisse e a visão de Nelson parcialmente se restabelecesse, porém com uma perda da ordem de trinta por cento. Cabe ainda ressaltar que a doença afetou os seus dois olhos. Cf. CASTRO, Ruy. op. cit., p. 150.

²⁵ ANTUNES, Fatima Martin Rodrigues Ferreira. op. cit., p. 211.

²⁶ Como já foi ressaltado, Nelson perdeu parte da visão e na primeira vez que levou sua esposa ao estádio foi para assistir a uma partida entre o seu time do coração, o Fluminense, enfrentando o Bangu. Nesse jogo, o Fluminense entrou em campo de branco enquanto o Bangu utilizou sua tradicional camisa listrada, por volta dos quinze minutos do tempo inicial, percebendo Nelson torcer por uma arrancada do Bangu em direção ao gol da equipe das

Indo em direção às características presentes no narrador benjaminiano, para Nelson, o fato em si, a jogada tal como ocorrera, não era o que realmente importava; ele não estava interessado em “transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada como uma informação ou um relatório”.²⁷ A partida de futebol era o elemento detonador de uma narrativa que normalmente superava o acontecido, ultrapassava o simples objetivo de informar os acontecimentos da semana e que estava repleta da presença do narrador.

Vejam vocês em que dá a mania da justiça e da objetividade! Um cronista apaixonado havia de retocar o fato, transfigurá-lo, dramatizá-lo. Daria à estúpida e chata realidade um sopro de fantasia. Falaria com os arreganhos de um orador canastrão. Em vez disso, os rapazes cingiram-se a uma veracidade parva e abjeta. Ora, o jornalista que tem o culto do fato é profissionalmente um fracassado. Sim, amigos, o fato em si mesmo vale pouco ou nada. O que lhe dá autoridade é o acréscimo da imaginação.²⁸

Em suma, Nelson imprimia “na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. (...) Seus vestígios estão presentes de muitas maneiras nas coisas narradas, seja na qualidade de quem as viveu, seja na qualidade de quem as relata”.²⁹ As suas crônicas são verdadeiras narrativas épicas, que chegavam a levar o futebol a uma dimensão de eternidade. Nos escritos rodriguanos encontra-se a valorização dos registros sensoriais, visuais e táteis e, segundo José Carlos Marques, “o que vemos em Nelson é a composição do texto escrito em confluência (e divergência) com diversos elementos gráfico-visuais do jornal (meio em que suas crônicas eram divulgadas)”.³⁰

Prevalece a imprecisão do relato que procura acompanhar o imaginário de nosso ficcionista quando este constrói suas reminiscências biográficas ligadas ao futebol. Assim como Benjamin, Nelson Rodrigues também busca suas reminiscências de infância como, por exemplo,

Laranjeiras, sua esposa questionou: “Bebeu, Nelson? Torcendo contra o Fluminense?” Cf. CASTRO, Ruy. op. cit., p. 150.

²⁷ BENJAMIN, Walter. op. cit., p. 205

²⁸ RODRIGUES, Nelson. “O passarinho”. In: *A pátria em chuteiras: novas crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 11-12.

²⁹ BENJAMIN, Walter. op. cit., p. 205.

³⁰ MARQUES, José Carlos. *O futebol em Nelson Rodrigues*. São Paulo: Educ/Fapesp, 2003, p. 88.

na crônica em que relata seu encontro com um jogador de futebol quando ainda era criança, dando um tom memorialista para o seu relato.

Eu me lembro, uma vez andava na rua, era um garoto de calças curtas, tinha cinco anos, quando passou um jogador de futebol. Eu não sei, devia ser Lais ou Manga, que morreria em 22, ou Welfare. Eu sei que aquilo foi um espanto, eu corri para dentro de casa como se estivesse sendo ungido de glória, de glórias fantásticas.³¹

Para José Carlos Marques, os personagens, as peças, as crônicas de Nelson Rodrigues estavam repletas da nostalgia da Velha República, a nostalgia dos tempos da “gripe espanhola”, como um desejo de recuperação mítica de sua infância.³²

Nelson Rodrigues deu um novo brilho à crônica futebolística com seu estilo inconfundível, despojado, irônico, engraçado e repleto de imagens. Sua escrita não apresentava uma expressão linear. Suas crônicas diárias discutiam, entre outros aspectos, o caráter nacional e a criação de imagens o auxiliava nas definições e análises do homem brasileiro. Sem dúvida alguma, seus escritos transcendiam as fronteiras dos textos jornalísticos, estabelecendo, segundo José Carlos Marques, “relações típicas da ‘estética neo-barroca’, isto é, uma estética que provoca, entre muitos outros mecanismos, sintaxe visual de relações inéditas”.³³ O neobarroco é um conceito que definiria as características de uma cultura miscigenada (extremamente valorizada nas crônicas de futebol de Nelson Rodrigues), sempre pronta a criar novas significações e até mesmo opor-se às hegemonias dominantes no continente. Além disso, ele também pode ser caracterizado como espaço da polifonia: assim como Benjamin, Nelson dava voz às classes mais variadas da sociedade.

Para Benjamin, “o primeiro indício da evolução que vai culminar na morte da narrativa, é o surgimento do romance no início do período moderno. (...) A tradição oral, patrimônio da poesia épica tem uma natureza fundamentalmente distinta da que caracteriza o

³¹ RODRIGUES, Nelson apud MARON FILHO, Oscar & FERREIRA, Renato (orgs.). *Fla-Flu... e as multidões despertaram!* Rio de Janeiro: Edição Europa, 1987, p. 187.

³² MARQUES, José Carlos. op. cit., p. 139.

³³ Idem, ibidem, p. 95-96.

romance”.³⁴ Sendo a tradição oral e o caráter épico características próprias do narrador, encontraremos claramente esses aspectos na escrita de Nelson Rodrigues. Os jogos eram vistos e descritos por ele como verdadeiros espetáculos épicos.

O trabalho do nosso cronista também se circunscreve no campo da oralidade da crônica esportiva, em suma, sua escrita está precedida e também sucedida pela oralidade.³⁵ Os seus textos se encontram, por vezes, na fronteira da narração de rádio e da escrita, percebida, por exemplo, no uso abundante de adjetivos valorativos, norma corrente entre os locutores esportivos radiofônicos e que Nelson utilizará largamente em suas crônicas.

Sua escrita “folhetinesca” (...) transborda daquilo que Zumthor chama de “índices de oralidade”, ou seja, percebemos em Nelson a vibração de um discurso que fala a própria voz que o carrega. Sua escritura é precedida (e sucedida!) pela oralidade. É a consciência de que o texto escrito, em certo momento, existiu como elemento oral, e mais: a certeza de que se trata de uma obra que deveria ser lida em voz alta (ou representada no palco!) para dar conta de todos seus elementos vocais.³⁶

Um elemento característico da literatura oral, é o processo de repetição, que está presente em toda a obra rodriguiana. “Frasas, personagens e expressões suas não aparecem apenas nas narrativas de futebol, mas igualmente em suas peças de teatro, crônicas domésticas, memórias, etc”.³⁷

Algumas frases se tornaram célebres tais como: “é para sentar no meio fio e chorar lágrimas de esguicho”; “a grossa baba elástica e bovina”; “sem alma não se chupa nem um chica-bom”, entre outras. Elas, como já foi ressaltado, estavam presentes em várias obras rodriguianas, além, é claro, nas crônicas esportivas. Lembrando Tomaz Tadeu da Silva, “a eficácia produtiva dos enunciados performativos ligados à identidade depende de sua incessante repetição”.³⁸ Desta forma, a possibilidade da repetição, nas crônicas rodriguianas, do desastre da Copa do Mundo de 1950 e a comparação com as vitórias obtidas pelo selecionado brasileiro em outras

³⁴ BENJAMIN, Walter. op. cit., p. 201.

³⁵ MARQUES, José Carlos. op. cit., p. 88.

³⁶ Idem, ibidem, p. 88.

³⁷ Idem, ibidem, p. 120.

³⁸ SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). op. cit., p. 94.

oportunidades, em especial nas vitoriosas campanhas de 1958-1962-1970, acabaram por ajudar na construção de uma imagem e de uma identidade muito própria para o homem brasileiro.

As crônicas de Nelson Rodrigues também apresentam uma dimensão utilitária, estão repletas das suas experiências e procuram oferecer conselhos. Todos esses elementos são características inerentes ao narrador benjaminiano, afinal a verdadeira narrativa apresenta sempre uma dimensão utilitária, sendo o narrador aquele que sabe dar conselhos.³⁹

As reminiscências estão sempre presentes nas crônicas de Nelson, como já foi afirmado, fazendo com que o tempo da história não seja vazio e homogêneo, mas sim repleto de agoras, se fosse vazio e homogêneo estaria, para Benjamin, auxiliando na legitimação dos vencedores.⁴⁰ Por exemplo, na crônica “O Drama das Sete Copas”, de 1966:

O primeiro Campeonato Mundial foi em 1930. Ora, naquele tempo, o brasileiro era um vira-lata entre os homens e o Brasil um vira-lata entre as nações. Tínhamos futebol, tínhamos talento, tínhamos gênio. Mas nenhum de nós acreditava em nós mesmos. (...)

Bem me lembro do nosso escrete. Dizer que era mau, não é verdade. Era bom. O brasileiro, porém, não se sabia genial. Diante do estrangeiro, tremia nos seus alicerces. (...)

Eu me lembro da volta. Não havia tristeza, mas um fatalismo bovino. No fundo, no fundo, só estávamos preparados para perder.

(...) Bem me lembro do dia em que Leônidas fez, pela primeira vez no mundo, um gol de bicicleta.

Se ganharmos na Inglaterra, a Copa será eternamente brasileira. E vamos admitir a santa e límpida verdade: – temos o melhor futebol do mundo. Nunca apareceu na terra nada que se comparasse a um Pelé, a um Garrincha. Qualquer brasileiro, vivo ou morto, já deu botinada. Ninguém merece mais a posse da Jules Rimet do que a seleção brasileira.⁴¹

Nesta crônica, Nelson analisou o que deveria ser a participação do Brasil na Copa de 1966, na Inglaterra, sempre levando em conta as características do homem brasileiro, a partir das Copas do Mundo já disputadas. A análise de Nelson está repleta das suas preocupações presentes no momento de sua escritura, tanto quanto de suas experiências. Em suma, o passado tem uma íntima relação com o presente, afinal, segundo Willi Bolle, “o ponto de fuga da construção

³⁹ BENJAMIN, Walter. op. cit., p. 200-201.

⁴⁰ Idem, ibidem, p. 229.

⁴¹ RODRIGUES, Nelson. “O drama das setes copas”. In: *A pátria de chuteiras: novas crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 112-114.

histórica se localiza no presente”.⁴² Nelson também trabalha a superposição de épocas distintas e com imagens comparativas, permitindo que “o póstero ‘desperte’ e conheça sua própria época”,⁴³ característica da imagem alegórica.

Nosso cronista sempre criticou, muitas vezes de forma ácida, o pessimismo presente na imprensa brasileira no que se referia ao selecionado nacional. Para ele, esses jornalistas acabavam por reproduzir o discurso de vários ideólogos que retratavam o homem brasileiro como inferior, incapaz, devido às sucessivas miscigenações. Ressaltava também que esses jornalistas tinham uma tendência em apontar apenas para os defeitos do selecionado e nunca para as suas virtudes. Essa tendência, à desvalorização do futebol e ao jogador brasileiro, esse ufanismo às avessas, usando as palavras do próprio Nelson Rodrigues, estaria relacionado ao fracasso do Brasil na Copa de 1950, quando fomos derrotados, em pleno Maracanã, pela seleção do Uruguai⁴⁴, perdendo assim a final da Copa do Mundo. Em relação ao já referido ufanismo às avessas, Nelson Rodrigues escreveu, em janeiro de 1957, as seguintes palavras:

O brasileiro gosta muito de ignorar as próprias virtudes e exaltar as próprias deficiências, numa inversão do chamado ufanismo. Sim, amigos: – somos uns Narcisos às avessas, que cospem na própria imagem.⁴⁵

Nelson inclusive ressaltava que os brasileiros não se reconheciam nem mesmo nas vitórias, como, por exemplo, a ocorrida em 19 de janeiro de 1957, quando o Flamengo derrotou, com um time misto, uma das melhores equipes do futebol mundial, o Honved, da Hungria⁴⁶, base da seleção húngara que encantou os torcedores na Copa da Suíça em 1954, terminando com o vice-campeonato.⁴⁷

⁴² BOLLE, Willi. *Fisiognomia da metrópole moderna: representação da história em Walter Benjamin*. São Paulo: Edusp, 1994, p. 412.

⁴³ Idem, *ibidem*, p. 412.

⁴⁴ Para Nelson Rodrigues, o “complexo de vira-latas” teria se cristalizado com a perda da Copa de 1950, que significou uma catástrofe nacional. A superação desse complexo, obviamente, só poderia dar-se a partir das vitórias do selecionado e clubes brasileiros, quando o ufanismo nacional desabrochava.

⁴⁵ RODRIGUES, Nelson. “Irresistível Flamengo”. In: *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 30.

⁴⁶ O Flamengo venceu o Honved pelo placar de 6X4. Cabe ressaltar, que na semana seguinte, o Honved devolveria o resultado, vencendo o Flamengo no Pacaembu, São Paulo.

⁴⁷ A Copa de 1954 foi discutida no segundo capítulo desse trabalho.

Quando o serviço de audiodifusão anunciou a equipe do Flamengo, o público ficou sem saber se ria, se chorava. De fato, a formação rubro-negra era, a um só tempo, cômica e pungente. Que espécie de chance poderiam ter os Babás, os Henriques, os Moacir, contra os Puskas do Honved? O Flamengo atirava garotos contra o *métier*, a classe, o virtuosismo dos húngaros.

(...)

Tratei de ler os jornais de domingo. Verifiquei o seguinte: – cada cronista apresentou uma imagem própria da partida. Segundo uns, o Honved está “gordo”, segundo outros “desambientado”, ou, então, com “saudades da família”. O que ninguém se lembrou foi de atribuir o resultado ao mérito do Flamengo. Sim, o *match* foi o que foi, e não o que se esperava, porque demonstramos uma devastadora superioridade.⁴⁸

Um outro exemplo desse ufanismo invertido ocorreu nos jogos preparatórios para a Copa de 1958, o Brasil venceu e depois empatou com o Paraguai.⁴⁹ A imprensa atribuiu a vitória mais ao fracasso paraguaio do que às virtudes apresentadas pela seleção brasileira. Nelson repudiava as demonstrações das emoções trocadas, acreditava inclusive que o brasileiro se comprazia com as derrotas e empates, o que para Nelson era a confirmação do sentimento de inferioridade do brasileiro.

Em qualquer outro país, uma vitória assim límpida e líquida do escrete nacional teria provocado uma justa euforia. Aqui, não. Aqui, a primeira providência do torcedor foi humilhar, desmoralizar o triunfo, retirar-lhe todo o dramatismo e toda a importância. Atribuía-se a vitória não a um mérito nosso, mas a um fracasso paraguaio. Os guaranis passavam a ser pernas-de-pau natos e hereditários. Dir-se-ia que, por uma prodigiosa inversão de valores, sofremos com a vitória e nos exaltamos com a derrota.

E, no entanto, vejam vocês: – o escrete visitante, que nos parecia de vira-latas, acabara de vencer e desclassificar a “Celeste”,⁵⁰ e bater a enfática Argentina. Mas, para cuspir na vitória brasileira, o nosso torcedor fingiu ignorar a real capacidade, a indiscutível classe do adversário.

(...)

Há uma relação nítida e taxativa entre a torcida e a seleção. Um péssimo torcedor corresponde a um péssimo jogador. De resto, convém notar o seguinte: – **o escrete brasileiro implica todos nós e cada um de nós**. Afinal, ele traduz uma projeção de nossos defeitos e de nossas qualidades. Em 50, houve mais que o revés de onze sujeitos, **houve o fracasso do homem brasileiro**.⁵¹

⁴⁸ RODRIGUES, Nelson. “Irresistível Flamengo”. In: *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 30.

⁴⁹ Em 04/05/1958 o Brasil venceu o Paraguai no Maracanã pelo elástico placar de 5X1 e três dias depois, no dia 07/05/1958, em jogo realizado no Pacaembu, em São Paulo, o Brasil empatou sem gols com a mesma seleção paraguaia.

⁵⁰ Assim é chamada a seleção uruguaia.

⁵¹ RODRIGUES, Nelson. “O quadrúpede de 28 patas”. In: *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 50. (grifos nossos).

Nos anos posteriores à Copa de 1950, grande parte da imprensa esportiva relacionou a derrota brasileira a uma suposta instabilidade emocional dos jogadores, que acabou por atingir, por extensão, a própria nação e o povo brasileiro. Essa instabilidade emocional teria suas raízes na mestiçagem nacional.

Se Nelson concordava com outros jornalistas na questão da instabilidade emocional como motivo da derrota brasileira na Copa de 1950, as causas, para ele seriam outras, não estariam vinculadas à miscigenação, e sim a um arraigado sentimento de inferioridade que indubitavelmente minava qualquer possibilidade de realização e vitória do selecionado brasileiro.⁵² Tal fato se verificou, segundo Nelson Rodrigues, também na Copa de 1954, na Suíça, quando da nossa derrota frente à poderosa seleção da Hungria.⁵³

Para nós, o futebol não se traduz em termos técnicos e táticos, mas puramente emocionais. Basta lembrar o que foi o jogo Brasil X Hungria, que perdemos no Mundial da Suíça. Eu disse ‘perdemos’ e por quê? Pela superioridade técnica dos adversários? Absolutamente. Creio mesmo que, em técnica, brilho, agilidade mental, somos imbatíveis. Eis a verdade: – antes do jogo com os húngaros, estávamos derrotados emocionalmente. Repito: – fomos derrotados por uma dessas tremedeiras obtusas, irracionais e gratuitas.⁵⁴

Contra o Uruguai, faltara-nos um mínimo de medo. Contra os húngaros tivemos inversamente, medo demais. Há uma fotografia de nossa entrada em campo que é um lúgubre documento. O escrete está de cabeça baixa e com a cara, exatamente, a cara de derrota prévia e consentida.

Perdemos e voltamos. E não sabíamos, nem desconfiamos, que o jogo com a Hungria fora o adeus à derrota. Imperceptivelmente começamos a crescer para 1958. A Copa da Suécia foi a ressurreição do futebol brasileiro.⁵⁵

Dessa forma, Nelson Rodrigues entendia que enquanto os brasileiros não superassem a humildade, o medo e especialmente o trauma da Copa de 1950 seria difícil, senão impossível, alcançar o sucesso e não apenas no futebol, mas em todos os outros setores e atividades.⁵⁶

⁵² Nelson Rodrigues concluiu que o brasileiro era humilhado porque era extremamente humilde e passou a buscar as raízes dessa humildade.

⁵³ Hungria 4 X 2 Brasil. Essa partida ficou conhecida como A Batalha de Berna. Para maior detalhes retornar ao segundo capítulo.

⁵⁴ RODRIGUES, Nelson. “Freud no futebol”. In: *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 26.

⁵⁵ RODRIGUES, Nelson. “O drama das sete copas”. In: *A pátria de chuteiras: novas crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 117.

⁵⁶ A partir de 1958, antes mesmo da disputa da Copa do Mundo, Nelson Rodrigues passou a atribuir o fracasso do futebol brasileiro não mais à fragilidade emocional do jogador, mas à falta de organização do nosso futebol.

Nosso cronista era um nacionalista convicto e para ele, vencendo esse ufanismo invertido, aceitando suas próprias qualidades, reconhecendo e superando os seus defeitos, o jogador e o homem brasileiro se tornariam imbatíveis. Ele ressaltava também que os jogadores brasileiros não deveriam abrir mão de suas características próprias, pois o sucesso do futebol brasileiro estaria na manutenção das suas particularidades.

Nelson sempre associava o homem brasileiro à seleção nacional, por isso, a vitória de um seria também o triunfo do outro. Em suma, a seleção seria um elemento de resgate da nossa auto-estima e ao lançar mão de uma série de símbolos nacionais, tais como o hino e a bandeira, representaria a pátria, sendo capaz, por isso mesmo, de acentuar o sentimento de união nacional. Nelson Rodrigues entendia que as manifestações populares, após as vitórias da equipe brasileira, eram fundamentais na formação da unidade e de uma identidade nacional.

Meus Deus, não sejamos cegos. O escrete tem outras dimensões vitais decisivas. Por exemplo: – o gol contra a Inglaterra. Um lance perfeito, irretocável. Tostão driblou três ingleses. E naquele instante Tostão driblava por nós, Pelé enganava por nós, Jairzinho marcava por nós. Portanto, e aqui vai o óbvio: – **o escrete realiza o brasileiro** e o compensa de velhas humilhações jamais cicatrizadas. Não posso olhar sem uma compassiva ironia os que negam qualquer **relação entre o escrete e a pátria** (...).

Pois o escrete não é outra coisa senão a pátria. Se não é a pátria, que fazem as bandeiras, sim, as bandeiras, que pendem das janelas? (...) E o hino? Por que tocam o hino diante do escrete perfilado? E ainda mais: – por que o escrete está vestido de verde e amarelo?⁵⁷

As grandes derrotas internacionais têm a seguinte conseqüência trágica: implica todos nós e cada um de nós. Nós as sofremos na carne e na alma. Note-se que não me refiro ao fracasso técnico e tático. Qualquer time pode jogar pedrinhas. Mas o que realmente avilta é o colapso do material humano. Nós fracassamos como alma, como vontade, como fé, como coragem. Fomos incapazes de um esgar de desespero. Repetia-se, em Lima, o fenômeno já observado em tantas ocasiões: **a queda, não do jogador, mas do homem brasileiro.**⁵⁸

A partir dos fragmentos selecionados acima, é possível perceber que a seleção seria o auto-retrato do inseguro e instável brasileiro que necessitava estar, como já foi dito, consciente de si e de suas limitações para poder ultrapassá-las.

⁵⁷ RODRIGUES, Nelson. “É hoje a batalha”. In: *A pátria de chuteiras: novas crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 151-152. (grifos nossos).

⁵⁸ RODRIGUES, Nelson apud ANTUNES, Fatima Martin Rodrigues Ferreira. op. cit., p. 221.

Sendo assim, Nelson Rodrigues considerava de importância ímpar as vitórias internacionais do nosso selecionado. Além de restaurarem a auto-estima do brasileiro, ajudavam a divulgar uma “imagem da nação e do homem brasileiro no exterior, com a definição de uma identidade nacional em termos mundiais e em oposição a outras identidades nacionais, com a definição de um espaço digno para o Brasil entre as grandes nações”.⁵⁹

Cabe, porém, observar: – o torcedor é tanto mais vibrante quanto mais humilde socialmente. (...) Um jogo, para ele, não representa apenas um passatempo inconseqüente, mas uma decisiva experiência vital. A derrota passa a ter um sentido transcendente. E a vitória significa apenas isto :- a Ressurreição e a Vida.⁶⁰

A derrota de 1950 também cristalizou “o complexo de vira-latas” do brasileiro. A superação desse complexo só poderia acontecer com as vitórias do nosso selecionado, o que ocorreu em 1958, 1962 e especialmente com o tri-campeonato em 1970. O “complexo de vira-latas” era assim definido por Nelson Rodrigues:

A pura, a santa verdade é a seguinte: – qualquer jogador brasileiro, quando se desamarra de suas inibições e se põe em estado de graça, é algo de único em matéria de fantasia, de improvisação, de invenção. Em suma: – temos dons em excesso. E só uma coisa nos atrapalha e, por vezes, invalida as nossas qualidades. Quero aludir ao que eu poderia chamar de ‘complexo de vira latas’. Estou a imaginar o espanto do leitor: – ‘O que vem a ser isso?’ Eu explico. Por ‘complexo de vira-latas’ entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isso em todos os setores e, sobretudo, no futebol.(...)

Eu vos digo: – o problema do escrete não é mais de futebol, nem de técnica, nem de tática. Absolutamente. É um problema de fé em si mesmo.⁶¹

A partir da vitória obtida na Copa de 1958 na Suécia, quando o Brasil alçou o seu primeiro título mundial no futebol, o brasileiro começou a sentir-se orgulhoso do que era e um dos heróis da conquista brasileira era exatamente um mestiço de pernas tortas, Garrincha. Essa

⁵⁹ ANTUNES, Fatima Martin Rodrigues Ferreira. op. cit., p. 222.

⁶⁰ RODRIGUES, Nelson. “A incomparável torcida tricolor”. In: *O profeta tricolor: cem anos de Fluminense*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 75.

⁶¹ RODRIGUES, Nelson. “Complexo de vira-latas”. In: *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 52.

euforia já podia ser notada depois da vitória contra a União Soviética⁶², no terceiro e último jogo da primeira fase da Copa do Mundo.⁶³

Amigos: a desintegração da defesa russa começou exatamente na primeira vez em que Garrincha tocou na bola. Eu imagino o espanto imenso dos russos diante desse garoto de pernas tortas, que vinha subverter todas as concepções do futebol europeu.

(...) Antes de começar o jogo, o seu marcador havia de olhá-lo e comentar para si mesmo, em russo: “Esse não dá pra saída!”. E, com dois minutos e meio, tínhamos enfiado na Rússia duas bolas na trave e um gol. Aqui, em toda a extensão do território nacional, começávamos a desconfiar que é bom, que é gostoso ser brasileiro.⁶⁴

Essa desconfiança de como é bom ser brasileiro que se instaurou após a vitória contra o selecionado soviético, indubitavelmente desabrochou com a vitória brasileira no jogo final, contra a seleção dona da casa, a Suécia, pelo placar de 5 X 2. O brasileiro, segundo Nelson, teria se tornado mais eufórico do que nunca e passara a acreditar em suas virtudes e qualidades.

Dizem que o Brasil tem analfabetos demais. E, no entanto, vejam vocês: – a vitória final, na Copa da Suécia, operou o milagre. Se analfabetos existiam, sumiram-se na vertigem do triunfo. (...) Sucedeu essa coisa sublime: – analfabetos natos e hereditários devoravam vespertinos, matutinos e revistas e liam tudo com uma ativa, uma devoradora curiosidade, que ia do “lance a lance” da partida até os anúncios de missa. Amigos, nunca se leu e, digo mais, nunca se releu tanto no Brasil.

E a quem devemos tanto? Ao escrete, amigos, ao escrete que, hoje, é o meu personagem da semana, meu múltiplo personagem. (...) Graças aos 22 jogadores, que formaram a maior equipe de futebol da Terra em todos os tempos, **graças a esses jogadores**, dizia eu, **o Brasil descobriu-se a si mesmo.** (...)

O povo brasileiro já não se julga mais um vira-latas. Sim, amigos: – **o brasileiro tem de si mesmo uma nova imagem.** Ele já se vê na generosa totalidade de suas imensas virtudes pessoais e humanas. (...)

Mas vem a deslumbrante vitória do escrete e o brasileiro já trata a namorada, a mulher, os credores de outra maneira; reage diante do mundo como um potente, um irresistível *élan* vital. E vou mais além: – diziam de nós que **éramos a flor de três raças tristes. A partir do título mundial, começamos a achar que a nossa tristeza é uma piada fracassada.**⁶⁵

⁶² A União Soviética era apontada como o grande fantasma da Copa por seu “futebol científico”.

⁶³ Brasil 2X0 União Soviética. A partida foi realizada no dia 15/06/1958, em Gotemburgo.

⁶⁴ RODRIGUES, Nelson. “Descoberta de Garrincha”. In: *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 52-53.

⁶⁵ “É chato ser brasileiro”. In: Idem, *ibidem*, p. 60-61. (grifos nossos).

Deve-se ressaltar que após a Copa da Suécia, o futebol brasileiro consolidou sua posição de destaque no cenário internacional. O futebol brasileiro, até então, nunca estivera tão em alta. As equipes brasileiras eram continuamente convidadas para jogar em outros países. A vitória no futebol acabou por promover uma divulgação imediata do Brasil no exterior, sonho acalentado por Nelson Rodrigues.

Amigos, o que o Fluminense está fazendo, na Suécia, com os seus adversários, é pior do que xingar a mãe. E, antes de prosseguir, eu quero observar esta verdade tranqüila e irredutível: – o meu time está dando um *show* feérico, um deslumbrante *show*, lá fora. Há muito tempo que não se vê uma equipe representar com tanto fulgor o futebol do Brasil.⁶⁶

Como nos lembra Fatima Antunes, com o fim de Manchete Esportiva em 1959, Nelson Rodrigues ficou sem escrever suas crônicas de futebol até ir para O Globo em 1962, ano da Copa do Mundo no Chile.⁶⁷ Nesse ano, 1962, não só Nelson, mas toda a imprensa esportiva brasileira estava eufórica e certa da conquista do bicampeonato mundial com a seleção canarinho, como de fato ocorreu.

Um dos jogos mais marcantes desta Copa foi contra a Espanha, o último jogo da primeira fase, em que o Brasil, para se classificar para as quartas-de-final precisava de uma vitória. Sem Pelé, que tinha se contundido no jogo anterior e não voltaria mais a atuar na Copa, o Brasil se mostrou inseguro e acabou levando o primeiro gol. Porém, Amarildo, apelidado logo após o jogo de o “possesso” por Nelson Rodrigues, acabou marcando os dois gols da vitória brasileira, placar final: Brasil 2X1 Espanha.

(...) Quando acabou o jogo, quando a vitória uivou, vimos o seguinte: – era esta uma cidade espantosamente bêbada. Cada um de nós foi arremessado do seu equilíbrio chato, foi arrancado do seu juízo medíocre e estéril.

(...) E é lindo, gostoso, e sublime quando não há, entre 75 milhões de sujeitos, não há um único sóbrio. E já um nome me ocorre: Amarildo, o “Possesso”.⁶⁸

⁶⁶ RODRIGUES, Nelson. “O Fluminense está com amor”. In: *O profeta tricolor: cem anos de Fluminense*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 47.

⁶⁷ ANTUNES, Fatima Martin Rodrigues Ferreira. op. cit., p. 228.

⁶⁸ RODRIGUES, Nelson. “O possesso”. In: *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 86.

Nessa mesma crônica, Nelson demonstra de forma clara a importância simbólica do futebol para os brasileiros, como elemento de valorização e qualificação desse povo, ou dessa comunidade imaginada. Afinal, para ele, uma derrota do Brasil na Copa se traduziria no retorno à condição de vira-latas. Por isso mesmo, era mister que o Brasil reafirmasse o seu futebol, não deixando pairar, aos outros, qualquer questionamento quanto a sua superioridade, e comprovando para si mesmo, a confiança recém-adquirida.

Amigos, era ali ou nunca. Setenta e cinco milhões de brasileiros precisavam mais do gol que todo o Nordeste de água e pão. O possesso sentiu que era chegado o instante. Caçaram Amarildo. Entre ele e o gol havia toda uma flora de rapas, de pés na cara, palavrões, chifres. Só faltaram chupar-lhe a carótida como a um aspargo. A palavra “*madre*” circulava copiosamente. Naquele momento Amarildo não era um só: – era o possesso, era um dostoevskiano e, ao mesmo tempo, era um touro de soneto, “saudoso de feridas”.⁶⁹

O bonito, o sublime, o gostoso de Brasil X Espanha foi a angústia. Nós sabemos que o martírio é que dá a um jogo, seja ele um clássico ou uma pelada, um charme desesperador (...). Fomos, até o primeiro gol, 75 milhões de cristos. Começou a batalha e cada brasileiro estava abraçado, atacadado ao seu radiozinho de pilha.

(...)

Amigos, durante os 45 minutos o fracasso do Brasil doeu mais, aqui, que a humilhação de Canudos. Cada um de nós sentiu-se direta e pessoalmente degradado.

Gol da Espanha. E nada do Brasil. O Brasil cada vez menos Brasil. O torcedor brasileiro olhava os espanhóis, através de uma ótica monumental, que agigantava cada figura. Terminou o primeiro tempo: – 1X0 para a Espanha. E nada ainda do Brasil. Aqui, continuava, e cada vez mais atroz, **a humilhação nacional**.

Veio o segundo tempo. Setenta e cinco milhões de almas a meio pau. (...) E, de repente, ocorre o milagre: – **o Brasil se descobre a si mesmo**. Aí é que Amarildo começa a tremer. Do seu lábio pende a baba elástica e bovina.

(...)

A partir do segundo gol, algo mudou no destino do Brasil. Este começou a ser grande potência. E, hoje, acordamos, todos, com a frente erguida e fatal de profetas. (...) O Brasil venceu. **Somos milhões de reis**.⁷⁰

A partida final seria contra a seleção da Tchecoslováquia, que havíamos enfrentado no segundo jogo da primeira fase e empatado em zero a zero, partida na qual Pelé se contundiu.

⁶⁹ “O possesso”. In: Idem, *ibidem* p. 87.

⁷⁰ RODRIGUES, Nelson. “O ‘Possesso’ é nosso”. In: *A pátria em chuteiras: novas crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 73-75. (grifos nossos).

Após a vitória pelo placar de 3X1⁷¹, quando finalmente o Brasil conquistou o bicampeonato, Nelson Rodrigues já não se agüentava de euforia, de louvar e associar o escrete ao homem brasileiro. Para Nelson, cabe ressaltar, a seleção disputava verdadeiras batalhas nos campos de futebol, seria como o próprio exército nacional e em algumas crônicas abundavam termos relacionados às guerras ou batalhas.

(...) Não me venham dizer que o escrete é apenas um time. Não. Se uma equipe entra em campo com o nome do Brasil e tendo por fundo musical o hino pátrio – é como se fosse a pátria em calções e chuteiras, a dar botinas e a receber botinadas.⁷²

As crônicas rodriguianas apresentavam agora o brasileiro como um homem genial que só exibia qualidades e virtudes. Em suas crônicas, o Brasil também teria, com o bicampeonato, entrado para o rol das grandes nações, “o país teria conquistado uma espécie de cidadania internacional”.⁷³

Amigos, estamos atolados na mais brutal euforia. Ontem, quando rompia a primeira estrela da tarde, o Brasil era proclamado bicampeão do mundo. (...) Súbito o brasileiro, do pé-rapado ao grã-fino, do presidente ao contínuo, **o brasileiro**, dizia eu, **assume uma dimensão inesperada e gigantesca**. O bêbado tombado na sarjeta, com a cara enfiada no ralo, também é rei. Somos 75 milhões de reis.

(...)

Outrora o brasileiro era um inibido até para chupar Chica-bom. Agora não. Cada um de nós foi investido de uma vidência deslumbrante. (...) E, a partir de ontem, vejam como a simples crioulinha favelada tem todo o *élan*, todo o ímpeto, toda a luz de uma Joana d’Arc. De repente, todas as esquinas, todos os botecos, todas as ruas estão consteladas de Joanas D’Arc. E os homens parecem formidáveis como se cada um fosse um são Jorge a pé, um são Jorge infante, maravilhosamente infante.

(...)

Nunca o povo teve uma certeza tão violenta e tão possessa. O escrete tinha de vencer porque não era somente o escrete, era também o Brasil, era também o homem brasileiro.

(...)

Setenta e cinco milhões de brasileiros profetizaram o triunfo. Amigos, depois da vitória não me falem na Rússia, não me falem nos Estados Unidos. Eis a

⁷¹ A partida foi disputada em 17/06/1962 no Estádio Nacional de Santiago, Chile. A seleção tcheca saiu na frente com um gol de Masopust, o Brasil empatou com um gol de Amarildo e alcançou a vitória com gols de Zito e Vavá, já no segundo tempo.

⁷² RODRIGUES, Nelson. “O divino delinqüente”. In: *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 102.

⁷³ ANTUNES, Fatima Martin Rodrigues Ferreira. op. cit., p. 232.

verdade: – a Rússia e os Estados Unidos começaram a ser o passado. Foi a vitória do escrete e mais: – foi a vitória do homem brasileiro, ele sim, o maior homem do mundo. Hoje o Brasil tem a potencialidade criadora de uma nação de napoleões.⁷⁴

Mesmo após o vice-campeonato, o “complexo de vira-latas” continua a ser uma recorrência constante nas crônicas rodriguianas. Ele é esquecido por Nelson e pelos brasileiros quando das grandes vitórias, mas retornam, com grande força, nos momentos de derrota. Mesmo sendo bi-campeã do mundo, ao ser desclassificada em 1966, ainda na primeira fase da Copa da Inglaterra⁷⁵, o brasileiro voltou a sentir-se, segundo Nelson Rodrigues, um vira-latas.

Amigos, eu sempre digo que, antes de 58 e de 62, o Brasil era um vira-latas entre as nações, e o brasileiro, um vira-lata entre os homens.

(...)

Éramos assim antes das Copas da Suécia e do Chile. Na nossa humildade feroz de subdesenvolvidos, tínhamos esse complexo ululante do rapa.

Só em 58 é que, de repente, o Brasil e o brasileiro deixaram de ser vira-latas.

(...)

Estávamos esquecidos, sim, estávamos desmemoriados do nosso subdesenvolvimento. E súbito, vem a frustração hedionda do tri. Ontem mesmo, eu vim para a cidade, no ônibus, com um confrade. Súbito, constato o seguinte: – o colega babava na gravata. E o pior é que não havia, ali, à mão, um guardanapo. Eu ia adverti-lo, quando descobri que todos, no coletivo faziam o mesmo. Percebi tudo: – perdida a Copa, deu no povo essa efervescente salivação. Repito: – pende do nosso lábio a baba elástica e bovina do subdesenvolvimento. E o Otto Lara Resende bate o telefone para mim. Antes do bom-dia, disse-me ele: – “Voltamos a ser vira-latas!”⁷⁶

Porém, a euforia com as vitórias era tanta que para Nelson, quando elas ocorriam, o brasileiro se transfigurava em uma nova experiência humana e era, nas crônicas rodriguianas, apresentado como um homem genial, repleto de virtudes e qualidades. Nessa trilha, os elementos singulares e identitários brasileiros eram destacados, tais como: a molecagem, a improvisação, a esperteza, entre outros aspectos.

⁷⁴ RODRIGUES, Nelson. “Bicampeões do mundo”. In: *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 92-94. (grifos nossos).

⁷⁵ O Brasil iniciou a campanha da Copa de 1966 vencendo a Bulgária pelo placar de 2X0. Essa foi a única vitória brasileira no torneio. Posteriormente, o Brasil foi derrotado, por um mesmo placar, pela a seleção da Hungria e pela de Portugal por 3 X 1, acabando sendo desclassificado ainda na primeira fase.

⁷⁶ RODRIGUES, Nelson. “Voltamos a ser vira-latas”. In: *A pátria em chuteiras: novas crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 120-122.

A Europa podia imitar o nosso jogo e nunca a nossa qualidade humana (...) o brasileiro não se parece com ninguém, nem com os sul-americanos. Repito: **o brasileiro é uma nova experiência humana**. O homem do Brasil entra na história com um elemento inédito, revolucionário e criador: a molecagem.⁷⁷

Em contrapartida, o que mais preocupava Nelson Rodrigues, no momento da derrota, era a negação da nossa própria identidade, da nossa forma de jogar, da “narrativa” própria do nosso futebol e a busca, a valorização, de “narrativas” importadas. O nosso cronista sempre criticou as elites brasileiras, que, segundo ele, desprezavam a cultura e as manifestações espontâneas populares. Em suma, ele sempre se insurgiu contra a subvalorização do futebol-arte brasileiro.⁷⁸ Esse posicionamento ficou muito claro nas crônicas que abarcam o período entre 1966 e 1970, isto é, entre o fracasso da Copa da Inglaterra e o êxtase do tri-campeonato no México.

Amigos, eis 80 milhões de brasileiros numa humilhação feroz. Eu diria que a vergonha de 50 foi mais amena, mais cordial. Naquela ocasião, não tínhamos o bicampeonato. Ainda não se instalara em nosso futebol o mito Pelé. Ah, o brasileiro de 50 era um humilde de babar na gravata. Quando passava a carrocinha de cachorro, cada um de nós tinha medo de ser laçado também. Mas hoje, não. Ou por outra: – até ontem, o brasileiro poderia avançar até o limite extremo da ribalta e anunciar, de frente erguida: – ‘Sou bicampeão’. E de repente, o duplo título começa a ficar antigo, obsoleto, espectral, como se não significasse mais nada.⁷⁹

Na crônica intitulada “Utopia Fatal”, publicada em *O Globo* no dia 04 de agosto de 1966, Nelson ataca Admildo Chirol, técnico do Botafogo em 1966, que defendeu, como nova realidade do futebol mundial, após a Copa da Inglaterra (1966), o coletivismo. A referida crônica retrata muito bem a aversão de Nelson Rodrigues à importação de outro tipo de “narrativa” para o futebol brasileiro, isto é, da adoção de práticas européias em detrimento da nossa forma de jogar. Além de se colocar frontalmente contra o coletivismo, defendeu o individualismo presente no futebol brasileiro e enalteceu a figura do craque. Nessa crônica, Nelson também antecipa posições assumidas pela historiografia atual em relação às verdades da história como, por exemplo, o questionamento de uma realidade única e específica.

⁷⁷ Idem, *ibidem*, p. 80-81. (grifos nossos).

⁷⁸ MARQUES, José Carlos. *op. cit.*, p. 165.

⁷⁹ RODRIGUES, Nelson. “A vergonha”. In: *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 129.

Diz ele (Admildo Chirol) que a Copa do Mundo de 66 veio trazer o ‘futebol a realidade’. Ao ouvir falar em ‘realidade’, poderíamos perguntar: – ‘Qual delas?’. E, então, Chirol explica a ‘sua’ realidade. Diz textualmente: – ‘O personalismo não é mais concebido dentro de uma equipe, e sim o coletivismo’. Percebe-se que, ao falar assim, o simpático treinador vibra de certeza inapelável e eterna.

Nada de estrelas, de homem-chave, de vedetismo. Todos iguais entre si como soldadinhos de chumbo. E assim vai a entrevista, ressoante da palavra encantadora: – ‘Coletivismo, coletivismo’. Cabe então a pergunta: – será isso possível? Não estará o caro Chirol correndo o risco de envenenar a si mesmo e ao time com uma utopia fatal? (...)

A Copa não valeu como teste, e, repito: – o futebol brasileiro lá não esteve. Apenas testou-se a inépcia, a incompetência e a burrice da nossa Comissão Técnica. Fomos derrotados, não pelo ‘coletivismo’ dos outros, mas pela burrice dos nossos dirigentes.

Em futebol, como em tudo o mais, o craque é decisivo. Evidente que os onze são indispensáveis. Mas o que leva público e faz bilheteria é o craque. Eu diria que, no time de Pelé, só ele existe e o resto é paisagem. Em 62, já os europeus faziam o seu coletivismo. Pois bem. O nosso Mané, com um piparote, desmontou todo o coletivismo do inimigo. Num instante, a estrutura do futebol solidário esfarelou-se.

No dia em que desaparecerem os pelés, os garrinchas, as estrelas, enfim, será a morte do futebol brasileiro. E, além disso **no dia em que desaparecerem as dessemelhanças individuais – será a morte do próprio homem.**⁸⁰

Em suma, é possível concluir que para Nelson Rodrigues o brasileiro não precisaria imitar os europeus, ou ainda mudar radicalmente seus aspectos mais marcantes para alcançar as vitórias. Como já foi dito, bastaria aprimorar as suas virtudes e ter consciência dos seus defeitos. Os nossos craques teriam o que falta aos outros, isto é, a fantasia, o “élan” criador, a molecagem, a malandragem e a paixão.⁸¹

Futebol rápido, mas note-se: – não era a velocidade parva, a velocidade obtusa, dos europeus. Não. Era uma velocidade inteligentíssima e irresistível. Em plena corrida, o jogador driblava, passava, construía.⁸²

Porém, é interessante perceber: qualquer escrito inscreve-se claramente ao momento da sua confecção. Nelson, após a Copa de 1966, passou a defender uma posição mais agressiva, mais viril, tanto no comportamento do brasileiro, como na crônica que se segue denominada “A

⁸⁰ RODRIGUES, Nelson. “Utopia fatal”. In: *A pátria de chuteiras: novas crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 129. (grifos nossos).

⁸¹ “Originalidade gagá”. In: Idem, *ibidem*, p. 132.

⁸² RODRIGUES, Nelson. “O belo Fla-Flu”. In: *O profeta tricolor: cem anos de Fluminense*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 114.

copa do apito” escrita logo após a desclassificação brasileira na citada Copa, disputada na Inglaterra. Ao fazer um contraponto com o que foi afirmado acima, é preciso ressaltar que em 1958 e 1962, depois das fantásticas vitórias do selecionado nacional, Nelson não se lembrou de cobrar mais virilidade para que se vencesse os selecionados europeus, tidos por ele como truculentos. Nas vitórias, como já foi afirmado, Nelson exaltava a molecagem do homem brasileiro.

Ainda ontem, o sr. Barbosa Lima Sobrinho escrevia um lúcido artigo sobre a suavidade do nosso escrete. Note-se que se trata de um acadêmico, que deve ter compromissos com as boas maneiras, a polidez, o trato fino etc. etc. Mas ele enxergou o óbvio ululante, ou seja: – o futebol vive de sombrias e facinorosas paixões. Durante os noventa minutos, são onze bárbaros contra onze bárbaros.

Claro que as palavras do sr. Barbosa Lima Sobrinho são outras. Mas o sentido, se bem o entendi, é este. Portanto, não tem sentido que o Brasil vá jogar contra os bárbaros europeus com manto de arminho, sapatos de fivela ou peruca de marquês de Luís XV. Eis a verdade: – o que dá charme, apelo, dramatismo aos clássicos e às peladas é o *foul*. A poesia do futebol está no *foul*. E os jogos que fascinam o povo são os mais truculentos.

O Brasil naufragou num mar de contusões por isso mesmo: – porque sabia apanhar e não sabia reagir. (...) Hoje, depois do pau que levamos, aprendemos que o craque brasileiro tem de ser reeducado. Digo “reeducado” no sentido de virilizar o seu jogo.⁸³

Na medida em que se aproximava a Copa de 1970, mais precisamente no decorrer do ano de 1969, as crônicas rodriguianas procuravam, de forma mais constante, associar a nação brasileira ao futebol. Para ele, a nação se uniria em torno do selecionado. Por sinal, essa também era a idéia dos militares que se encontravam no poder naquele período que, além do mais, queriam tirar proveito político a partir da vitória da Seleção Brasileira e do tão esperado tricampeonato. Cabe ressaltar que a utilização do futebol com fins políticos por governos ditatoriais não era nenhuma novidade. A Alemanha nazista, a Itália fascista, entre outros, utilizaram-se desse esporte, visando esconder as possíveis dissidências e questionamentos vinculados à política interna e se aproveitaram da força inerente ao espetáculo esportivo em uma sociedade de massas,

⁸³ RODRIGUES, Nelson. “A copa do apito”. In: *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 132-134.

oferecendo possibilidades de ritualização da fidelidade nacional e da legitimação da ordem vigente.⁸⁴

Nelson percebia claramente a importância que a seleção tinha para o brasileiro e mais uma vez tinha a certeza da vitória da equipe brasileira nos campos mexicanos, porém acreditou ver aflorar, com a proximidade da Copa de 1970, o nosso velho conhecido sentimento de inferioridade. Dessa forma, a Copa do Mundo seria, nas suas crônicas, mais uma vez, apenas um pretexto para se discutir o caráter do brasileiro e sua falta de fé em si mesmo. Novamente, ele associava a falta de auto-estima à necessidade de copiar os estrangeiros, com a desvalorização da nossa cultura popular. Porém, já alertava que a vitória do selecionado nacional teria papel fundamental na recuperação da confiança do brasileiro, na recuperação de sua auto-estima.

Há um momento, todavia, em que todos se lembram do Brasil, em que 90 milhões de brasileiros descobrem o Brasil. Aí está o milagre do escrete. Fora as esquerdas, que acham o futebol o ópio do povo, fora as esquerdas, dizia eu, todos os outros brasileiros se juntam em torno da seleção. É, então, um pretexto uma razão de auto-estima. E cada vitória compensa o povo de velhas frustrações, jamais cicatrizadas.⁸⁵

Antes mesmo da vitória brasileira contra a Itália⁸⁶, Nelson Rodrigues já estava, mais uma vez, valorizando as características próprias do futebol brasileiro.

Observem agora **o que o escrete fez por nós**. Há poucos tempo o brasileiro tinha uma certa vergonha de ser brasileiro (...) Agora não. Agora acontece esta coisa espantosa: – **todo mundo quer ser brasileiro**. O país foi invadido por brasileiros, ocupado por brasileiros.

Apenas 24 horas nos separam da finalíssima. Quem jogará por nós é o melhor escrete da Copa. Enquanto os outros dão botinadas, o brasileiro faz a arte que os ‘entendidos’ negam e renegam.⁸⁷

⁸⁴ Para um aprofundamento na utilização política do futebol, em especial pelos regimes ditatoriais a leitura de Gilberto Agostino é bastante esclarecedora. Cf. AGOSTINO, Gilberto. *Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional*. Rio de Janeiro: FAPERJ: Mauad, 2002.

⁸⁵ RODRIGUES, Nelson. “O entendido, salvo pelo ridículo”. In: *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 181.

⁸⁶ Jogo final da Copa de 1970, que foi realizada no México, teve o escore de Brasil 4X1 Itália. Pela Itália marcou Boninsegna, pelo Brasil marcaram Pelé, Gérson, Jairzinho e Carlos Alberto.

⁸⁷ RODRIGUES, Nelson. “O mais belo futebol da Terra”. In: *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 190. (grifos nossos).

Apenas para ficar claro, os ‘entendidos’, aos quais Nelson se referia, eram os jornalistas que não acreditavam na vitória da seleção brasileira, do homem brasileiro, e vangloriavam, parafraseando Nelson, “babavam na gravata”, o futebol europeu, em especial o praticado na Inglaterra. “O ‘entendido’ só não se torna abominável porque o ridículo o salva”.⁸⁸

Nelson odiava todos os “colegas” cronistas que negavam as qualidades do futebol brasileiro, em especial, do selecionado nacional.

Amigos, o pior cego é o míope. E pior do que o míope é o que enxerga bem, mas não entende o que enxerga. Não sei se falei claro. Mas há pessoas, inclusive cronistas ou, sobretudo cronistas, que não têm o que eu chamaria de inteligência visual. (...) Por que é que os portadores de burrice visual não ficam na rua, sentados no meio-feio, ouvindo radinho de pilha e chupando laranja? (Talvez tenham a burrice auditiva).⁸⁹

Para Nelson, depois da conquista do tri-campeonato, o mundo reconhecia o incontestável valor do futebol brasileiro. Foi mais uma vitória do futebol, do homem e da nação brasileira. A seleção propiciava a união nacional, as manifestações populares após as vitórias serviriam para estimular a construção e solidificação da nação brasileira.

Mas não era só a multidão. Também a imprensa, fora algumas exceções, dizia horrores do técnico, do time, dos jogadores. Houve, então, a celeberrima vigília cívica. (...)

(...) Desde 66 que os nossos entendidos punham nas nuvens o futebol europeu e, em especial, o inglês. Os nossos adversários tinham uma esmagadora superioridade física, tática e técnica. A velocidade européia era exaltada como a musa do futebol moderno. Mas enquanto os outros só tinham virtudes, os nossos só tinham defeitos.

Todavia, ninguém contava com o homem brasileiro. (...)

Em resumo: – a Copa do México desmontou a gigantesca impostura que a maioria criara em torno do futebol europeu. Os virtuosos, os estilistas, éramos nós; nós, os goleadores, nós, os inventores. E a famosa velocidade? Meu Deus, ganhamos andando. Previa-se que os europeus não nos deixariam jogar. Eles é que não viram a bola. Deixemos para os alemães e ingleses as correrias irracionais. (...)

⁸⁸ “O entendido, salvo pelo ridículo”. In: Idem, *ibidem*, p. 183.

⁸⁹ JORNAL dos Sports, 13/06/1966 apud MARQUES, José Carlos. *op. cit.*, p. 175.

Pelé, maravilhosamente negro, poderia erguer o gesto, gritando: – ‘Deus deu-me sangue de Otelo para ter ciúmes da minha pátria’. **E assim, brancos ou pretos, somos 90 milhões de otelos incendiados de ciúme pela pátria.**⁹⁰

Mesmo com as derrotas do selecionado brasileiro em 1974 (Copa da Alemanha)⁹¹ e em 1978 (Copa da Argentina)⁹², Nelson permaneceu fiel, em todas as crônicas, às suas posições, sempre insistindo na valorização das características intrínsecas do futebol brasileiro e criticando os seus colegas que continuavam desvalorizando o futebol brasileiro.

Veio o garçom e pedi uma água tônica para mim e um guaraná para o falso ceguinho. Quero saber: – “Estás fugindo de quem?”. Arqueja: – “se os cretinos fundamentais desconfiam que sou brasileiro, me penduram num galho como um ladrão de cavalos”. Continuando, disse que isso aqui era uma paisagem sem brasileiros. Tudo por causa do escrete: – “Repara como não há mais brasileiros. A seleção deflagrou um sentimento antibrasileiro intolerável”.

Tenso, sou obrigado a concordar: – “É mesmo. Só dá europeu”. Estávamos falando baixo. Na mesa do lado, um sujeito dizia: – “No dia que encontrar um brasileiro, bebo-lhe o sangue!”. Logo os identifiquei: – eram dois cretinos fundamentais da crônica esportiva.⁹³

Segundo Benedict Anderson, transformar o acaso em destino consistiria na mágica do nacionalismo⁹⁴, visto deste prima, Nelson Rodrigues seria um nacionalista convicto. Para ele, o brasileiro estava repleto de dons, para alcançar o sucesso só teria que tomar consciência disso.

A identidade nacional construída por Nelson Rodrigues agrega tanto elementos negativos como de positividade. Dentre os primeiros, pode-se destacar a fragilidade emocional, a insegurança e a humildade⁹⁵ que se manifestam no atávico complexo de inferioridade, ou complexo de vira-latas e na falta de estima. Já os elementos de positividade estão representados

⁹⁰ RODRIGUES, Nelson. “O escrete do sonho”. In: *A pátria de chuteiras: novas crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 158-159. (grifos nossos).

⁹¹ Em 1974, o Brasil terminou a Copa na quarta posição. Empatou sem gols os dois primeiros jogos, contra a Iugoslávia e a Escócia respectivamente, venceu os três seguintes contra o Zaire (3X0), a Alemanha Oriental (1X0) e contra a Argentina (2X1), perdeu o direito de jogar a final ao ser derrotada pela Holanda por (2X0) e finalmente, na disputa do terceiro e quarto lugar, uma nova derrota, agora frente à Polônia (1X0).

⁹² Na Copa de 78, disputada na Argentina, o Brasil alcançou a terceira posição e terminou o campeonato invicta. Empatou os dois primeiros jogos, Suécia (1X1) e Espanha (0X0), venceu a Áustria (1X0) e se classificou para a fase seguinte. Nela venceu o Peru (3X0), empatou com a Argentina (0X0) e venceu a Polônia (3X1), perdeu, no saldo de gols, para a Argentina a chance de enfrentar a seleção holandesa na grande final. Na disputa pelo terceiro lugar, o Brasil venceu a seleção italiana (2X1).

⁹³ RODRIGUES, Nelson. “Adúltera bíblica”. In: *A pátria de chuteiras: novas crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 185.

⁹⁴ ANDERSON, Benedict. op. cit., p. 20.

⁹⁵ O termo humildade é substituído a partir da década de 60 pelo de subdesenvolvimento.

pela esperteza, pela agilidade e pela molecagem. Todos esses elementos sempre estiveram presentes, segundo Nelson, no futebol brasileiro. Porém, Nelson Rodrigues sempre defendeu o futebol-arte e a capacidade de improviso do homem brasileiro. Em suma, o brasileiro jamais precisaria mudar radicalmente a sua forma de jogar ou de imitar o estrangeiro para alcançar a vitória. Bastaria a ele conhecer claramente os seus defeitos e aprimorar as suas virtudes.

O futebol brasileiro sempre viveu de “estrelas solitárias”. Os outros são indispensáveis como coadjuvantes preciosíssimos. Mas quem decide a sorte das batalhas é o craque. Em 58, foi assim com Garrincha, com Pelé, com Didi, etc. etc. Em 62, foi assim com Mané.

(...)

Imaginemos um futebol órfão de pelés e de manes. Uma docilidade unânime, e repito: – docilidade de focas amestradas. Os dois times não fazem a menor concessão à originalidade, nenhuma concessão à arte, nenhuma concessão à beleza. Se alguém esboçar um esgar de autonomia, será expulso, a pauladas. Em campo, as hordas adversárias varando o campo em correrias brutais.

Ora, para impor tal jogo, seria necessário fazer duas coisas: – primeiro, mudar o brasileiro por dentro; segundo, mudar o brasileiro por fora. Um inglês, um alemão, pode fazer um futebol cavalariço, porque come bem há mil anos. E o brasileiro, que come mal há mil anos, não tem massa física para as correrias delirantes. Por dentro, possuímos tudo o que falta ao craque germânico ou britânico ou seja: – a fantasia, o *élan* criador, a molecagem, a malandragem, a paixão.⁹⁶

O craque brasileiro não abre mão da beleza. Uma simples vitória será muito menos se não for beleza. Mas, dizia-me, outro dia, um dos nossos cretinos fundamentais: – “O futebol nada tem a ver com a arte”. O sujeito disse isso e, então, pensei no Mané.

(...)

Eis o que eu queria dizer: – assim jogamos nós. Não dispensamos esta coisa supérflua, mas vital, que é a beleza.⁹⁷

Para finalizar, Nelson Rodrigues entende que a atração que o brasileiro sente pelo futebol seja pelo selecionado nacional ou pelo clube do coração, seria algo inquestionável e suas crônicas continuamente ressaltam essa paixão, como fica claro na crônica escrita para o jornal O Globo de 26 de junho de 1971, intitulada “Duelo de Paixões”.

(...) Conheço um pó-de-arroz que, há três anos, tentava a conquista de uma senhora inatacável e, mais do que inatacável, inexpugnável. Mas o meu conhecido tinha a obstinação dos grandes amores. Todos os dias, havia este

⁹⁶ RODRIGUES, Nelson. “Originalidade gagá”. In: *A pátria de chuteiras*: novas crônicas de futebol. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 131-132.

⁹⁷ “O essencial é o supérfluo”. In: *Idem*, *ibidem*, p. 186-187.

diálogo, pelo telefone. Dizia ele, incendiado: “Eu te amo, te amo e te amo!”. Ao que respondia a inconquistável: “O problema é seu. Eu amo o meu marido”. E ele: “Espero”. A outra ironizava: “Quanto tempo?”. E o desgraçado: “Seis mil anos”.

Tamanha paciência deslumbrou a jovem e bela senhora. Dispôs-se a considerar a hipóteses do pecado, com relativa boa vontade. O pior vocês não sabem: – o marido da musa trabalhava em casa, como ourives. E não concedia à mulher os dez minutos do cafezinho da anedota. O meu conhecido argumentava: “Meu bem, é impossível que teu marido não morra em seis mil anos!”. Por fim, ela já correspondia: “Moro com meu marido, é só saio com meu marido”. Até que, no meio desta semana, ela bate o telefone: “Vamos ter uma oportunidade. Meu marido vai ao jogo domingo”. Há uma pausa. Ele pergunta: “E seria durante o jogo?”. Exatamente: durante o jogo. O outro foi implacável: “Mas eu também vou ao jogo”. E, como ia ao jogo, como bom pó-de-arroz, teriam que adiar o pecado: “Você acha o jogo mais importante do que eu?”. Foi taxativo: “Pra mim, o Fluminense está acima de tudo. Não perco este jogo, nem a tiro”. E ali morreu o amor imortal.⁹⁸

⁹⁸ RODRIGUES, Nelson. “Duelo de paixões”. In: *O profeta tricolor: cem anos de Fluminense*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 170-171.

O INTERVALO: A ASTÚCIA DO TÉCNICO JOÃO SALDANHA

João Saldanha nasceu em 3 de julho de 1917, em Ibirocaí, distrito de Alegrete, no Rio Grande do Sul, apesar de a sua primeira certidão de nascimento ser uruguaia¹, foi o terceiro filho, dos cinco, do maragato² Gaspar Saldanha e de Jenny Jobim Saldanha. A origem maragata e a rivalidade com os chimangos³ marcaram profundamente João Saldanha o que levou a citá-la em várias de suas crônicas. De acordo com João Máximo, o enfrentamento constante com o adversário e das adversidades sempre com determinação e bravura caracterizou a família de João Saldanha, afinal a família sempre esteve envolvida nos conflitos entre chimangos e maragatos, inclusive transportando armas de forma clandestina. Máximo nos lembra que até mesmo nas brincadeiras a disputa acima mencionada acabava se refletindo.

Toda a família esteve envolvida, de uma forma ou de outra, na beligerância entre chimangos e maragatos. João tinha apenas seis anos quando, com os irmãos mais velhos, Maria e Aristides, andou trazendo armas e munições para os revoltosos, escondendo-as sob a roupa aparentemente inocente de criança. Os irmãos mais novos, Ione e Elza, ainda eram muito pequenos para se entregarem às mesmas estripulias, mas ainda assim não ficavam totalmente imunes aos efeitos da

¹ MÁXIMO, João. *João Saldanha: sobre nuvens de fantasia*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: Prefeitura, 1996, p. 09.

² Maragatos é a denominação dada aos revolucionários do Rio Grande do Sul que, em 1893, opuseram-se ao governo chefiado por Júlio de Castilhos. O nome maragato surgiu naquele Estado com o movimento federalista. A origem da palavra tem sido objeto de muita discussão, porém a hipótese mais aceita a faz proceder de La Maragataria, uma região da Espanha. O vocábulo entrou no Brasil por intermédio de pessoas nascidas num distrito do Uruguai onde os espanhóis eram chamados de maragatos. Por outro lado, as pesquisas históricas e lingüísticas fazem recuar a origem desse nome à época em que os berberes foram dominados pelos árabes. Entre outros argumentos, enfatiza-se o fato de que muitos dos milhares de árabes que invadiram a península Ibérica no século VII eram berberes e, segundo opinião corrente, provinham do Egito, particularmente de uma área chamada Maragath. Isso explica por que esses berberes denominaram Maragateria a região onde se instalaram na Espanha. Os costumes e vestimentas dos berberes não demoraram a ser trazidos para a América, usados pelos maragatos: bombachas, lenços vermelhos, coletes, ligas coloridas, barbicachos. Vale salientar que o nome maragato foi inicialmente dado aos revolucionários sul-rio-grandenses com sentido pejorativo, não demorando, porém, a ser considerado uma honra para quem fosse assim designado. Cf. MARAGATOS. In: AZEVEDO, Antonio Carlos do Amaral. *Dicionário de nomes, termos e conceitos históricos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p. 296. Os maragatos eram identificados por usarem o lenço vermelho.

³ Alcinha dada pelos federalistas aos governistas, membros do Partido Republicano. Cf. XIMANGO. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, p. 1799. Cabe ainda ressaltar que o lenço de cor branca identificaria os chimangos.

guerra. Ione é bom exemplo. Aristides e João costumavam usá-la em suas brincadeiras de fundo de quintal. Amarravam-na a uma árvore e decretavam:
– Você é chimanga, nós somos maragatos.⁴

Mas a luta entre maragatos e chimangos não ficou restrita às brincadeiras das crianças de Gaspar Saldanha. Elas jamais esqueceriam as imagens do pai armado ou do som de tiros rompendo o silêncio da noite e até mesmo da casa de Alegrete que esteve a ponto de ser incendiada pelos chimangos. Com a derrota dos maragatos, os Saldanhas se viram obrigados a deixar Alegrete e a se exilar em Rivera, Uruguai.

Anos depois a família foi morar no Paraná, mas isso não significou o fim do envolvimento de Gaspar Saldanha com a política do Rio Grande do Sul. Era comum Gaspar esconder em sua casa outros maragatos. Em 1928, Oswaldo Aranha escreveu ao seu amigo, Gaspar Saldanha, solicitando seu retorno ao Rio Grande do Sul, desta vez para apoiar Getúlio Vargas, um outro chimango, porém Aranha declarava que era o momento dos gaúchos se unirem, deixando de lado as antigas desavenças e que dessem apoio a Vargas, não só no seu caminho em direção à presidência, mas também para a realização e seus projetos políticos.

João Máximo afirma que o apoio de Gaspar ao seu conterrâneo Getúlio Vargas deve ter sido realmente de grande valia para o último pois os Saldanha ganharam um cartório na Zona Sul do Rio de Janeiro e, em 1931, partiram para a Capital Federal. Gaspar Saldanha passou a ter então assegurada uma situação financeira bastante confortável no então Distrito Federal, já que o cartório de registro de imóveis que ele recebeu cobria uma área muito valiosa: Copacabana, Lagoa, Leblon e Ipanema, bairros que apresentariam grande crescimento nos anos que se seguiram.⁵

João Saldanha apaixonou-se pelo Rio de Janeiro assim que avistou a cidade e logo incorporou a malícia dos cariocas. “O gaúcho João Saldanha virou carioca em dois tempos, no jeito de andar, na displicência dos gestos e até no sotaque”,⁶ ele tinha então 14 anos.

⁴ MÁXIMO, João. op. cit., p. 11.

⁵ Idem, ibidem, p. 14.

⁶ Idem, ibidem, p. 14.

Apesar de ser filho de um homem rico, João Máximo considera no mínimo curioso que João Saldanha tenha se filiado ao Partido Comunista Brasileiro (PCB) em 1935,⁷ ano em que Getúlio Vargas, aliado de Gaspar, esmagou as pretensões comunistas de chegar ao poder, debelando a chamada Intentona Comunista.⁸

Ao chegar ao Rio de Janeiro, João Saldanha foi estudar no Colégio Pedro II onde fez o ginásio. Posteriormente entrou para o curso de Direito da Universidade do Rio de Janeiro, porém sua permanência na faculdade foi curta, pois, seu interesse não era realmente pelos estudos, mas entendia o espaço acadêmico como uma boa oportunidade de se fazer política.

Em 1936, a polícia de Vargas invadiu o prédio da rua do Catete para prender dois professores, um deles participante da tal Intentona. Os alunos rechaçaram os soldados a socos e pontapés. No dia seguinte, consideravelmente reforçados, os soldados foram à forra: João Saldanha e colegas levaram uma inesquecível surra. (...) Além de apanhar muito, o segundanista de Direito foi expulso da escola. Ele e outros jovens comunistas, um dos quais ainda viria a jogar em time político diametralmente oposto ao seu: Carlos Frederico Werneck de Lacerda.⁹

O PCB foi a primeira atividade em que Saldanha realmente acreditou e que o acompanhou por toda a vida. Ele dividia seu tempo entre a praia e as missões que lhe eram designadas pelo partido.

De um lado, João Saldanha era mesmo um garoto de praia, alto, magro, queimado de sol, sem nenhuma preocupação com o dia de amanhã. Do outro, o

⁷ Idem, *ibidem*, p. 14-15.

⁸ A Aliança Nacional Libertadora (ANL) veio a público em março de 1935, tendo como objetivo reproduzir no Brasil o modelo das frentes populares européias, tendo como membros ex-tenentes, comunistas, socialistas, líderes sindicais e liberais excluídos do poder. Quando da sua criação, na data acima referida, um jovem estudante de direito – Carlos Lacerda – leu o manifesto do movimento e indicou para ser seu presidente de honra Luís Carlos Prestes, escolhido por aclamação. Em pouco tempo a ANL já ganhava projeção e em julho de 1935 já contava com 70 a 100 mil pessoas. Em 5 de julho de 1935, Lacerda leu um manifesto de Prestes que já se encontrava clandestino no Brasil, o qual apelava para a derrubada de Vargas e a respectiva tomada de poder. O governo, por sua vez, já vinha reprimindo as atividades da ANL e a partir de julho o PCB, apesar das prisões que se sucediam, iniciou os preparativos para uma insurreição que acabou por eclodir em novembro de 1935. A insurreição político-militar promovida pelo PCB tinha como grande objetivo derrubar o presidente Getúlio Vargas e instalar um governo socialista no Brasil. Porém, o levante, em si mesmo, acabou sendo um fracasso. Foi deflagrado antes da hora no Rio Grande do Norte e se seguiram rebeliões no Recife e Rio de Janeiro, em todas essas localidades a repressão governamental acabou por sufocar o movimento que ficou conhecido como Intentona Comunista e abriu o caminho para que Vargas adotasse não só medidas repressivas, como representou a oportunidade para a escalada autoritária do seu governo. Cf. FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Edusp: FDE, 2000, p. 359-361.

⁹ MÁXIMO, João. *op. cit.*, p. 15-16.

militante que, sempre do próprio bolso (ou do bolso de Gaspar) e sempre com codinomes (Macedo, Souza, Siqueira, Santana), viajava muito pela causa.¹⁰

Após o fim da II Guerra Mundial, João Saldanha decidiu estudar História em Paris. Lá, conheceu Sandrino Saverio, jornalista italiano cujo tio, Aldo Saverio, estava montando uma agência independente de notícias. Sandrino convidou-o para trabalhar com o tio. Assim iniciou-se a atividade jornalística de João Saldanha. Ele viajaria pela Europa, visitando as ruínas da guerra, as prisões e campos de concentração nazistas, que depois se transformariam em reportagens para a agência de Aldo.

Em 1947 retornou ao Rio de Janeiro para trabalhar na *Folha do Povo*, jornal de esquerda. Retomou também as atividades relacionadas ao PCB, partido que tinha voltado à ilegalidade. Nesse período, Saldanha chegou a ajudar na organização de camponeses na revolta de Porecatu, norte do Paraná.

Assim como Nelson Rodrigues, João Saldanha também sofreu com a tuberculose que foi tratada no Sanatório Vicentina Aranha, em São José dos Campos. No período entre 1949 e 1954, Saldanha viveu na clandestinidade. É nesse período que João Saldanha se entregaria a uma nova e avassaladora paixão: o futebol.

De 1949 a 1954, enquanto Gaspar e o filho Aristides cuidavam do cartório – e enquanto Hilda, Vera e Sônia¹¹ ficavam sem saber se veriam João outra vez – ele viveu na clandestinidade. Ou mais ou menos isso. Não era um comunista perigoso, ferozmente procurado, embora condenado à revelia a cinco anos de prisão. Procurado, continuava viajando muito. (...) por curtos períodos. Porque, nesta época, tinha sempre um pouso certo entre um vôo e outro: a praia de Copacabana.

Ali, João começaria a se entregar a uma paixão maior: o futebol.¹²

O seu primeiro contato com o futebol ainda se deu na cidade de Alegrete no Rio Grande do Sul e Saldanha ficou encantado. Em 1928, quando a família retornou ao Rio Grande do Sul, Saldanha passou a torcer pelo tricolor gaúcho, o Grêmio Porto Alegrense. Quando chegaram ao Rio de Janeiro, em 1931, a simpatia dos Saldanha era pelo Botafogo, que, além de

¹⁰ Idem, ibidem, p. 16.

¹¹ Hilda foi uma das cinco esposas de João Saldanha. Vera e Sônia eram suas filhas com Hilda.

¹² MÁXIMO, João. op. cit., p. 23.

ser o clube carioca de maior torcida em Porto Alegre no período, era também aquele que tinha o maior número de gaúchos dentre os sócios, conselheiros e diretores.¹³ Além disso, o Botafogo havia sido campeão carioca em 1930 e caminhava para ser, de 1932 a 1935, pela liga oficial, o até hoje único tetra campeão da história do futebol carioca. Os Saldanha tornaram-se sócios do Botafogo e João passou a torcer pela equipe da estrela solitária.

Mas o que João gostava mesmo era do futebol de praia. Foi ali, na praia, que se entregou às primeiras divagações em relação ao futebol e que marcariam indelevelmente o restante da sua carreira. O futebol de praia impunha uma disciplina tática muito menor para os jogadores e quanto mais solto e criativo fosse o jogador melhor. Até o último dos seus dias Saldanha defenderia a primazia do futebol ofensivo, da criatividade do craque, como nas praias daqueles tempos. Segundo Saldanha, estaria justamente na criatividade, na capacidade de surpreender, no artístico, no inesperado e inusitado, o destaque, o grande diferencial do futebol brasileiro.

O que tonteou nossos adversários foi que o negócio poderia vir por qualquer lado. E vinha. Por Garrincha, por Jair, por Rivelino, por Tostão, Pelé, por Vavá e até mesmo pelo Zagalo, que fazia seus golzinhos naquelas sobras.¹⁴

Entre 1949 e 1954, quando estive na semiclandestinidade, Saldanha viajou bastante, porém manteve uma íntima relação com o Botafogo, em especial em 1948, quando Carlito Rocha convidou-o para se tornar diretor de futebol do clube. Sem dúvida alguma ele tinha o pé-quento. O Botafogo foi campeão naquele ano, o primeiro título de Saldanha.

João Saldanha também se gabava de ter assistido a todas as Copas do Mundo, porém isso não aconteceu, como afirma João Máximo. Em 1930, João tinha apenas 13 anos e não poderia viajar sozinho, além do que seu pai estava deveras envolvido na campanha de Getúlio para levá-lo ao Uruguai. Apesar da afirmação anterior, a de ter assistido a todas as Copas, ele mesmo relatou que não tinha comparecido na Copa de 30, que, segundo sua versão, a teria preferido em nome de uma corrida de cavalos em cancha reta.

¹³ Idem, *ibidem*, p. 26.

¹⁴ SALDANHA, João. “Um time pra cabeça”. In: *O trauma da bola: a copa de 82 por João Saldanha*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002, p. 40.

Bolas, eu só não assisti a todas as Copas do Mundo porque preferi uma corrida de cavalos em cancha reta. E a Copa de 1930 era perto de onde morávamos. Eu era um garoto e todo mundo foi ver a final Uruguai e Argentina. Menos os carreiristas que preferiam a mais célebre e importante cancha reta da história das carreiras da Fronteira (...) Eu ia perder uma cancha reta dessas? Nem todas as Copas do Mundo juntas.¹⁵

Saldanha também não assistiu à Copa de 34, na Itália, no mesmo período ele acompanhava sua mãe a Dusseldorf, Alemanha, para uma cirurgia de intestino em abril daquele ano. Chegou a ir para a Itália na esperança de ver o jogo Brasil X Espanha,¹⁶ porém chegou um dia após o jogo. O jornal francês que ele leu anunciando o citado jogo para 28 de maio de 1934, enganou-se, o jogo ocorreu no dia 27 de maio.

Segundo João Máximo, Saldanha, sem dúvida alguma, assistiu à Copa de 1938, na França. A Copa de 50, apesar dele afirmar ter acompanhado, continua sendo uma incógnita, afinal ela ocorreu no período em que ele se encontrava na semiclandestinidadade. Além disso, afirmava que naquele mesmo ano teria coberto a Guerra da Coreia e logo depois o primeiro aniversário da revolução de Mao, novamente trabalhando para Saverio. Porém, se tivesse efetivamente coberto os eventos acima citados, sobraria muito pouco tempo para ter assistido ao campeonato mundial disputado no Brasil. Afinal, a guerra na Coreia fora deflagrada em junho, o mesmo período da Copa do Mundo. A festa de Mao teria ocorrido em outubro. Datas extremamente apertadas para a realização de tantas atividades.

A partir da Copa de 54, até sua morte em 1990, Saldanha esteve em todos os outros campeonatos mundiais e muito mais como um analista do que como um torcedor. Porém, cabe ressaltar que desde a década de 40, Saldanha já se interessava pelas táticas, sistemas e estratégias de jogo. Saldanha assistia aos jogos, mesmo aqueles em que a tônica era a emoção, preocupado em pensar taticamente o futebol.

Assistiu à Copa de 54 como torcedor, porém foi uma experiência que ele jamais esqueceu. Nessa ocasião tomou consciência que o técnico não ganha jogo, mas pode perdê-lo.

¹⁵ Cf. MÁXIMO, João. op. cit., p. 36.

¹⁶ O Brasil perdeu para a Espanha, pelas oitavas de final da Copa do Mundo, pelo placar de 3X1.

Percebeu que o papel do técnico era o de escolher os melhores jogadores, conversar com eles sobre um padrão de jogo a ser adotado, aquele que tentava simplificar as coisas e deixava o resto por conta dos craques. Com a derrota da Hungria, seleção que encantou o mundo com jogadores fabulosos, para a Alemanha, Saldanha concluiu que a Copa do Mundo é um campeonato muitas vezes injusto, afinal nem sempre sagra como campeão o melhor selecionado.¹⁷

De qualquer forma, Saldanha percebeu em 1954 que melhor que os sistemas de jogo era contar com os craques na equipe. Assim começou a formar uma idéia que perduraria por toda a sua vida e que seria constante em suas crônicas. Centrar a força de uma equipe em um sistema rígido e extremamente coletivo era o único recurso de equipes carentes de talento individual, de craques. Isso não significa que Saldanha desprezasse os sistemas de jogo, o treinamento, o condicionamento físico, de forma alguma, mas que o grande sucesso se daria com a junção da técnica com a tática.

Possuímos o melhor material humano do mundo. Em futebol, ou melhor, no futebol brasileiro, pode ser feito o que os “Globe-Trotters” fazem no basquete. A falta do treinamento adequado impede isto. Impede que o fabuloso talento do jogador brasileiro seja aproveitado em toda a sua plenitude.

(...)

Os países da Europa compensam, de certa maneira, suas desvantagens com um treinamento realmente digno do nome, com um material humano portador de melhor saúde hereditária e com uma aplicação estratégica e tática do jogo em nível mais elevado.¹⁸

Ao retornar ao Brasil após 1954, Saldanha tinha como certo a importância do craque para uma equipe de futebol, importância essa que veio a se confirmar com a vitória brasileira na Copa da Suécia em 1958, a primeira que Saldanha viveria já como técnico de futebol.¹⁹

¹⁷ Essa era a segunda Copa seguida em que ocorria isso, afinal em 1950 o Brasil havia sido derrotado pelo Uruguai e a história se repetia em 54, com a Alemanha se sagrando campeã sobre a excelente seleção húngara. Futuramente, Saldanha assistiria novas derrotas das seleções que apresentaram um melhor futebol, como em 1974, quando o fantástico carrossel holandês foi derrotado pela Alemanha ou em 1982, quando a inesquecível seleção brasileira dirigida por Telê Santana foi desclassificada pela Itália que se sagraria tri-campeã do mundo, derrotando na final a seleção alemã.

¹⁸ SALDANHA, João. *Histórias do futebol*. Rio de Janeiro: Revan, 2001, p. 160. Cabe ressaltar que essa obra foi publicada anteriormente sob o título “Subterrâneos do Futebol”.

¹⁹ Saldanha era o técnico da equipe do Botafogo. Cf. MÁXIMO, João. op. cit., p. 41.

Com a vitória de Juscelino Kubtschek nas eleições presidenciais de 1955, instalou-se no Brasil um período de maior estabilidade e liberdade política. Tal situação permitiu que Saldanha pudesse se movimentar sem maiores preocupações pelo Rio de Janeiro e outras cidades brasileiras. Além disso, poderia continuar a servir o partido sem tantas preocupações.

Em 1956, foi convidado por Renato Estellita, diretor de futebol do Botafogo, para ser seu assistente, sendo o convite prontamente aceito. Saldanha então, tendo como modelo o selecionado húngaro, afirmou que a única maneira de o Botafogo apagar a péssima campanha realizada no ano anterior no Campeonato Carioca²⁰ seria por meio da contratação de jogadores talentosos. O Botafogo deveria formar um escrete de craques. Tendo o apoio do presidente Paulo Azeredo, Estellita trouxe grandes jogadores para o Botafogo.²¹ Cabe ressaltar: apesar das contratações, o Botafogo não alcançou o título carioca de 1956. Porém, todos na equipe esperavam melhor sorte em 1957, com a equipe mais entrosada.

O técnico do Botafogo na época era Zezé Moreira. Com ele, Saldanha aprendeu muito sobre o futebol, especialmente as malandragens dos jogadores. Em uma excursão do Botafogo pelo Triângulo Mineiro, por exemplo, Zezé liberou os jogadores para darem uma volta pela praça, porém era para todos estarem de volta às dez horas da noite. No entanto, já sabendo dos hábitos e das matreirices preparadas por Garrincha durante as folgas nas concentrações, Zezé Moreira preparou-se para mais uma das suas estripulias.

O Nilton Santos e o Didi foram dizendo logo que não iam sair. Os demais se movimentaram procurando a porta da saída. Zezé, dirigindo-se a mim, disse: “Vamos até ao ponto de automóveis”.

Eu tinha andando correndo o mundo e conhecia muito pouco os jogadores do Botafogo. Só de longe, no campo assistindo a jogos. Esta pequena excursão ao Triângulo Mineiro era o meu primeiro contato, mais de perto, como auxiliar da direção de futebol do Botafogo.

Não entendi bem o que Zezé queria, mas levantei e fui saindo. O “ponto” era logo na esquina e o Zezé, sempre muito respeitoso, dirigiu-se delicadamente ao primeiro da fila:

– Escuta amigo, por favor, pode me dizer aonde fica a Zona?

Chofer do interior é sempre atencioso e o homem respondeu muito naturalmente (...)

²⁰ O Botafogo terminou o Campeonato Carioca de 1955 em um melancólico sétimo lugar.

²¹ Bauer veio do São Paulo, Paulo Valentim do Atlético Mineiro, Cañete do Paraguai, Alarcon da Argentina e a mais importante e impactante contratação, do Fluminense, o futuro bi-campeão mundial, Didi.

Chegamos à Zona e Zezé achou que devíamos parar.

(...)

Nisto, Zezé, que estava olhando para o começo da rua, me puxou para trás de um caminhão enguiçado e exclamou. “Lá vem ele. Lá vem aquele miserável”.

Garrincha vinha de andando de mansinho, passando a mão no queixo, como se fosse barbudo, e olhando para os lados, como quem não quer nada. Quando chegou perto do caminhão, Zezé deu um salto, cercou Mané.

– Aonde é que você pensa que vai?

Mané não piscou, não tremeu e respondeu calmamente:

– Ô, seu Zezé. O senhor por aqui?

(...)

– Por que não volta para o hotel e pergunta para o Gato? Ele deve saber o endereço da mãe dele, não é? E olha, quando chegar no hotel, aproveita e vai dormir, ta bom? – berrou Zezé.

– Tá, sim senhor. É melhor voltar mesmo. Acho que me ensinaram errado. O senhor também não vai para o hotel? Ou vai ficar por aqui dando umas voltinhas?

Vi tudo perdido. Zezé ficou vermelho como peru, mas controlou-se.

– Eu vou para o hotel, mas vou devagar. Você é que vai bem depressa, entendeu?

Quando Mané disse “entendi” já estava a uns cinco metros. Garrincha sempre foi muito ligeiro no pique de partida.²²

Zezé foi substituído por Geninho, para comandar o Botafogo em 1957. Seu contrato tinha o caráter experimental e se encerrou nas vésperas de se iniciar o campeonato carioca daquele ano. Como tinha realizado um bom trabalho, Geninho fez uma série de exigências para renovar o seu contrato, porém elas não foram aceitas por Paulo Azeredo, presidente do Botafogo e Geninho deixou a equipe de Marechal Severiano. Apesar de não concordar com a dispensa de Geninho, Saldanha acabou sendo convidado para treinar o time, ao menos durante os jogos contra o Palmeiras,²³ uma partida em Londrina e durante a excursão que a equipe faria pelo Nordeste. Saldanha, achando que tal situação seria apenas provisória, aceitou o desafio.²⁴ Acabou treinando o Botafogo de 1957 a 1960, com uma breve parada em 1958.

Uma das suas primeiras medidas como treinador foi relaxar o regime de concentração, que no Botafogo começava na quinta-feira para o jogo de domingo. Saldanha

²² SALDANHA, João. *Histórias do futebol*. Rio de Janeiro: Revan, 2001, p. 15-18.

²³ No seu jogo de estréia como técnico, o Botafogo empatou em 2X2 com o Palmeiras.

²⁴ Relato de Saldanha da sua conversa com Paulo Azeredo, quando este o chamou para ser técnico do Botafogo.

“E foi numa conversa assim que eu fique sendo técnico de futebol:

– O jeito é você ficar com isso (“isso era o time do Botafogo). Depois se arranja uma saída. O jogo do Palmeiras é amanhã e logo no dia seguinte o de Londrina.

Não era grande problema. O Fluminense já tinha ganho o título do Rio-São Paulo e o jogo era só para constar. Na volta se resolveria o assunto com calma”. Cf. Idem, *ibidem*, p. 28.

passou a exigir que os jogadores apenas dormissem no clube na noite de sábado. Buscou conscientizar os jogadores que, estando bem fisicamente, jogariam bem; jogando bem, venceriam as partidas e, sendo assim, receberiam “o bicho” pelas vitórias. Ao que parece, com raras exceções, a equipe entendeu muito bem o recado.

O regime de “quartel” poderá ser empregado a curto prazo em competições excepcionais. Assim como no treinamento para a Copa do Mundo. Mas esta é uma mobilização de caráter específico e de quatro em quatro anos. O treinamento tipo “Copa do Mundo”, feito permanentemente, seria desastroso.²⁵

Apesar do time não ser excepcional, o Botafogo chegou no último jogo apenas um ponto atrás do Fluminense e as duas equipes iriam decidir o título no jogo do final de semana. A partida foi memorável, com os botafoguenses, vencendo inapelavelmente o Fluminense por seis a dois, conquistando o título e tendo em Garrincha o grande herói da partida. Saldanha ganhava seu primeiro título como técnico, sempre respeitando os princípios os quais acreditava e que, segundo ele, deveriam ser seguidos por qualquer equipe de futebol.

Naquela final, ele foi de uma cristalina coerência para com suas idéias sobre o futebol: o treinador traça um esquema básico, usa de simplicidade ao transmiti-lo aos jogadores e o resto eles resolvem dentro do campo.²⁶

Em 1960, depois que Didi foi vendido ao Real Madrid, Saldanha acabou se desentendendo a respeito de quem deveria substituí-lo como titular do Botafogo e tal situação acabou ocasionando a sua demissão. Agora, João Saldanha, que já tinha sido comentarista dos jogos da Seleção Brasileira no Campeonato Sul-Americano disputado na Argentina, resolveu se entregar a tal atividade.

Nesse novo papel de comentarista, que lhe valeu seu primeiro emprego, Saldanha costumava falar de forma simples, clara, articulada, apresentando grande capacidade de transmitir seus conhecimentos de futebol tanto ao público mais exigente quanto ao menos sofisticado.

Nacional, Mayrink Veiga, Guanabara, Continental, Globo, Jornal do Brasil, não exatamente nessa ordem, seriam as emissoras de rádio em que trabalharia nos

²⁵ SALDANHA, João. *Histórias do futebol*. Rio de Janeiro: Revan, 2001, p. 58-59.

²⁶ MÁXIMO, João. op. cit., p. 48.

próximos 30 anos. Nelas, desde o primeiro minuto, criou uma nova linguagem para o comentário esportivo: simples, clara, direta, coloquial, com muito de papo de esquina. (...) João Saldanha vinha com aquela de “meus amigos...” e entrava em todas as casas com uma análise que qualquer menino entendia. Explicava o jogo, ensinava, falava a linguagem do povo, sem, no entanto, apelar para a vulgaridade: tornou-se também o comentarista da intelectualidade, muito da qual aprendeu a gostar de futebol com ele.²⁷

Na imprensa escrita, iniciando sua carreira de colunista esportivo no jornal de Samuel Wainer, *Última Hora*, Saldanha fez tanto sucesso quanto nas suas locuções radiofônicas e tornou-se, segundo João Máximo, um dos cronistas “mais importantes da história do jornalismo esportivo”.²⁸ Sempre lançando mão de uma linguagem clara, objetiva, coloquial e direta, os seus escritos não necessariamente condiziam com a verdade; ao contrário do rádio, nas suas colunas ele se dava ao direito de modificar as histórias e, nesse papel, demonstrava grande poder de persuasão.

Ao contrário do homem do microfone – preso aos fatos que se passam no campo –, o homem da máquina de escrever (que jamais aderiria ao computador) se permitiria inventar casos, pintar verdades, refazer a História com tal sabor e tamanha capacidade de convencer que ninguém duvidava de uma vírgula de seus textos.²⁹

Independente do veículo de mídia, João Saldanha punha-se incondicionalmente na defesa ao craque, o mesmo não acontecendo com os cartolas. Essa posição acabou criando muitos desafetos para João Saldanha o que corroborava com o seu apelido: João Sem-Medo.³⁰ Para ele, os dirigentes do futebol brasileiro eram atrasados, mesquinhos e estavam interessados apenas em seus interesses particulares. “O diabo é que a seleção promove e todo mundo quer uma

²⁷ Idem, *ibidem*, p. 55.

²⁸ Idem, *ibidem*, p. 56.

²⁹ Idem, *ibidem*, p. 56.

³⁰ João Máximo relata algumas das confusões e brigas em que Saldanha se envolveu. Ele considerava que correr de uma briga seria uma covardia e orgulhava-se de nunca ter provocado alguém, mas também de nunca ter recuado diante de uma provocação. Inclusive, Máximo destaca um desses casos: certa feita, o carro de Saldanha foi abalroado por um caminhão que era dirigido por um forte e truculento português, que depois de rápida e ríspida discussão pegou um porrete na boléia do caminhão para bater em Saldanha. Ele, por sua vez, ao invés de correr argumentou que o português era um homem muito forte e que não teria dificuldade de bater, utilizando apenas das mãos, em um homem tão magro e franzino como ele. No momento em que o português largou o porrete, Saldanha saiu de lado com um jogo de corpo, apanhou o porrete no chão e quase matou o português de tanta paulada. Cf. Idem, *ibidem*, p. 57.

casquinha”.³¹ Suas críticas em relação à preparação da Seleção Brasileira que disputaria a Copa de 1966, na Inglaterra, demonstram essa acidez em relação aos dirigentes e o respeito e valorização que sentia pelos jogadores.

Muito tempo perdido para manobras políticas em detrimento da preparação do time. Talvez a qualidade excepcional de nossos homens que jogam possa até superar tudo. Mas está muito complicado o negócio.³²

Esse despreparo dos dirigentes fazia com que o sucesso obtido pelo futebol brasileiro, os avanços conseguidos, se devesse muito mais a uma evolução espontânea, à paixão de milhões de torcedores, do que ao aproveitamento de experiências realizadas em centros mais adiantados e profissionalizados.

O único fator que permitiu que pudéssemos atingir um alto nível no futebol mundial é que este ramo da arte popular encontra, no Brasil, vastíssimo campo, de milhões de apaixonados. Se é certo dizer-se que futebol é arte popular, no Brasil, o mais correto é definir-se *futebol, arte e paixão popular*.³³

Um dos cartolas que comprou inimizade com Saldanha foi o bicheiro Castor de Andrade, dirigente do Bangu. Em 1967, a decisão do campeonato carioca seria exatamente entre Botafogo e Bangu e o cartola banguense, em mais uma de suas bravatas, afirmou que o jogo estava garantido, afinal dois jogadores do Botafogo estariam comprados e, apesar de não citar os nomes, deixou claro quem seriam eles. O único problema é que o Botafogo ganhou o jogo e um dos nomes citados realizou uma partida fantástica, tornando-se a maior figura em campo. À noite, Saldanha, como era de costume, participou da “Grande Resenha Facit”, juntamente com Nelson Rodrigues, Armando Nogueira, José Maria Scassa e Sérgio Moraes. Já em sua fala inicial, Saldanha atacou nominalmente Castor de Andrade.

Esta vitória do Botafogo foi antes de tudo uma vitória do futebol. Do futebol contra os contraventores, os bicheiros que tentam tomar conta do nosso esporte mais popular. Uma vitória do futebol contra o senhor Castor de Andrade,

³¹ SALDANHA, João. “Pequeno anúncio”. In: MILLIET, Raul (org.). *Vida que segue: João Saldanha e as copas de 1966 e 1970*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006, p. 94.

³² SALDANHA, João. “O curso”. Idem, *ibidem*, p. 45.

³³ SALDANHA, João. *Histórias do futebol*. Rio de Janeiro: Revan, 2001, p. 152.

dirigente do Bangu, bicheiro, corruptor, um homem que até hoje não entendo como a CBD entregou-lhe a chefia de uma Seleção Brasileira ao exterior...³⁴

Retomando sua posição em relação ao craque, Saldanha entendia que o craque era o representante de uma multidão de artistas populares que inventam e transformam com jogo de cintura, elegendo-o porta-voz da visão de mundo do brasileiro comum, daquele que vivencia a condição de mero indivíduo. Sendo assim, Saldanha entendia o futebol brasileiro como um importante elemento da cultura popular brasileira, capaz de nos oferecer uma identidade própria, uma alegoria do confronto de culturas e de identidades, por isso mesmo seus discursos estavam rotineiramente centrados na figura do jogador de futebol. “O craque representa o homem e sua ontologia, a existência criativa, o fazer coisas. Esses são os elementos centrais”.³⁵

Por que não me perguntam por que prefiro atacantes do tipo Pelé, Tostão, Rivelino, Dirceu, Toninho, Coutinho, em detrimento dos chamados “tanques”? – Eu responderia que aqui no Brasil nunca tivemos uma boa fabricação de “tanques” para competir com os “tanques” europeus. Mas, em contrapartida, sempre tivemos em larga escala uma magnífica produção de craques artistas que em todas as épocas sempre competiram com os “tanques”.³⁶

Nesse caminho, o brasileiro não deveria fugir da sua forma de jogar, daquilo que seria seu mais importante índice identitário, o futebol-arte. Essa forma de jogar não deveria ser esquecida nem mesmo em competições importantes, como Copas do Mundo. A prática do futebol-arte seria coerente com a nossa cultura, seria exatamente o caminho que nos diferencia e, sendo assim, nos identifica.

Pois querem saber se fico nervoso na hora de jogos de Copa do Mundo? Fico sim. (...) Mas só tremo na primeira fase, eliminatória, que pode ser vexaminosa. E sabem por quê? Porque a gente sempre diz, afirma e reafirma que nosso futebol é o melhor do mundo. Pois acho que é e não tenho a menor dúvida. Daí o medo em perder logo de cara.

(...)

Agora já pudemos provar a todos e principalmente aos nossos torcedores, isto é o mais importante, que nosso futebol, o futebol brasileiro, é o maior espetáculo da terra. Damos alegria ao espectador, que entra e sai do campo satisfeito.

(...)

³⁴ MÁXIMO, João. op. cit., p. 61.

³⁵ SALDANHA, João apud MANHÃES, Eduardo. op.cit., p. 19.

³⁶ SALDANHA, João. “Assim... Entende?”. In: MILLIET, Raul (org.). op. cit., p. 98.

De qualquer maneira estou satisfeito e feliz. O futebol-arte se impôs e creio que definitivamente. Lembram de 1978? Sabíamos que seríamos derrotados. Poderia ser no primeiro turno, mas escapamos. Estávamos jogando o “futebol-força”, para mim o futebol estúpido e pouco inteligente. Agora tudo é lucro. Já fizemos a festa mais bonita.³⁷

Ou ainda,

Lógico que fica difícil entender que no meio de 22 não haja lugar para Dirceu Lopes, indiscutivelmente um dos cinco melhores jogadores brasileiros. Neste corte sinto particularmente um corte anti-futebol brasileiro.

Anti-futebol arte. (...) Respeito, é lógico, a concepção que levou Dirceu ao corte. Mas, infelizmente, noto que é uma tentativa de contrariar o futebol arte. Isso não me agrada.³⁸

Saldanha, ao analisar o futebol brasileiro defendia que esse não deveria copiar as soluções ou modelos estrangeiros. A superioridade do Brasil, segundo ele, seria fruto das características singulares existentes nos jogadores nacionais e quando essa superioridade não ficasse patente, como ocorreu na Copa de 1966, a responsabilidade não era dos jogadores, mas sim dos dirigentes e comissão técnica que não se mostraram capazes de formar uma equipe vencedora.

Antes de mais nada, quero dizer que a vitória extraordinária do Brasil foi a vitória do futebol. Do futebol que o Brasil joga, sem copiar de ninguém, fazendo da arte de seus jogadores a sua força maior e impondo ao mundo futebolístico o seu padrão, que não precisa seguir esquemas dos outros, pois tem sua personalidade, a sua filosofia e jamais deverá sair dela. Foi uma vitória do futebol. O futebol que nós gostamos de ver e aplaudir e que o mundo ontem teve que se curvar.

(...)

É um timaço de futebol, que adquiriu consistência em suas linhas, sem que lhe roubasse o seu estilo, a sua característica, e aí uma das principais razões do sucesso. É justa a nossa vibração e a minha, em particular, é pela vitória da arte, que continua sendo, dentre as mais variadas concepções do futebol moderno, a verdadeira razão de se encherem os estádios e a identificação mais sólida e decisiva do futebol do Brasil.³⁹

Para João Saldanha a atuação dos jogadores exprimia a exteriorização da identidade, a afirmação de uma soberania, de um modo de ser. O craque potencializava a capacidade criativa do jogador de futebol brasileiro e serviria de espelho aos “peladeiros”. Seus escritos demonstram

³⁷ SALDANHA, João. “A festa bonita”. In: *O trauma da bola: a copa de 82 por João Saldanha*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002, p. 146-147.

³⁸ SALDANHA, João. “Perda de tempo”. In: MILLIET, Raul (org.). op. cit., p. 163.

³⁹ SALDANHA, João. “Vitória da arte”. In: MILLIET, Raul (org.). op. cit., p. 225-226.

uma posição coerente quanto a essa questão e deixam claro que Saldanha percebia os homens enquanto atores da história.

(...) Fossem outros jogadores, estaria certo de que a data do regresso seria quarta-feira, dia 20 de julho de 1966. Mas como o jogador brasileiro é capaz de tudo, não posso duvidar que inflamem e que arranquem a última gota do seu talento enorme para alcançar a vitória.⁴⁰

Apesar dessa idolatria pelo craque, Saldanha não era, em seus textos, de adjetivar jogadores, mesmo os mais famosos. Além disso, ao contrário de Nelson Rodrigues e de Armando Nogueira, Saldanha não lançava mão de metáforas grandiloquentes. O craque representaria a população brasileira que joga um futebol criativo. Percebe-se que mesmo quando Saldanha está adjetivando ele está preocupado com o lado humano.

E citou o exemplo de 1962, quando saiu o Pelé no segundo jogo, Amarildo entrou e o time foi campeão. Sim, isto realmente aconteceu. Mas nosso time de 62 era a mesma máquina de 58 com vários outros cobras no time. Tínhamos Garrincha, que foi o grande herói da competição e aliás já havia sido o principal homem de 1958. Didi e Zito lá estavam e os dois Santos, Djalma e Nilton. Não sei se Menotti contará também em seu time com gente deste quilate embora Passarela seja sem dúvida alguma um nome à altura daqueles craques. O capitão argentino é um dos melhores jogadores do mundo. Fillol também entra nesta turma e Bertoni, sem ser Garrincha, também é muito bom. Mas ousar arriscar que se a Argentina não puder contar com o fabuloso jogador que é Maradona perderá muito de seu poderio.⁴¹

Ponto fulcral e identitário do futebol brasileiro e extremamente valorizado por Saldanha é o futebol-arte, em contraposição ao futebol-força, onde o primeiro seria sinônimo da manifestação de um modo de ser, de um modo de jogar do brasileiro, que o caracteriza frente aos outros países, sendo essa visão consagrada inclusive pela imprensa não apenas nacional, mas também internacional. “O futebol alegre e com características nacionais próprias”⁴² nos diferencia e individualiza, é uma voz unificadora e representativa da nacionalidade. Segundo Manhães,

⁴⁰ SALDANHA, João. “Só milagre”. Idem, *ibidem*, p. 60.

⁴¹ Idem, *ibidem*, p. 84-85.

⁴² Idem, *ibidem*, p. 133.

O “nosso futebol-arte” é compreendido como a práxis em que nossa identidade oferece ao mundo um “produto” que nos faz partilhar da comunidade humana em geral em condições de igualdade.⁴³

Ou ainda,

O “futebol-arte” é um exemplo privilegiado da existência e da ação desse campo discursivo, em que se desdobra na materialização da premissa de uma existência de uma natureza nacional que, no interior de nossa comunidade, nos solidariza e, no exterior, nos diferencia.⁴⁴

O futebol-arte privilegia o toque de bola refinado, o improvisado e o drible, elementos que se encontram sintetizados na criatividade do jogador. O futebol-força, por sua vez, é caracterizado pela aplicação tática e preparação física, sendo esse último tópico essencial para os praticantes dessa escola de futebol. O futebol-força seria praticado especialmente pelos selecionados e clubes europeus.

As crônicas de Saldanha, com constância, retratam e têm como foco central a disputa entre o futebol-arte e o futebol-força. Os próprios títulos de suas crônicas expressavam claramente esse embate: “Craque faz falta”, “Timidez não ganha copa”, “Um time pra cabeça”, “Futebol ofensivo ou defensivo”, entre outros.⁴⁵ Mais um exemplo dessa disputa encontra-se na crônica intitulada “A copa estava decidida”, quando Saldanha ressalta que a verdadeira decisão da Copa de 82 não se deu no jogo entre Alemanha e Itália,⁴⁶ e sim no jogo ocorrido nas quartas de final entre brasileiros e italianos.⁴⁷ Foi nesse jogo que o futebol-força acabou por suplantar o futebol-arte praticado pelos brasileiros.

⁴³ MANHÃES, Eduardo. op. cit., p. 52.

⁴⁴ Idem, ibidem, p. 58-59.

⁴⁵ Todas essas crônicas compõem a coletânea na qual João Saldanha analisa a preparação e a participação da seleção brasileira na Copa de 1982, disputada na Espanha. Cf. SALDANHA, João. *O trauma da bola: a copa de 82 por João Saldanha*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

⁴⁶ A Itália se sagrou tri-campeã do mundo de futebol ao derrotar a Alemanha pelo placar de 3X1, em partida disputada no dia 11 de julho de 1982.

⁴⁷ Brasil e Itália se enfrentaram em Barcelona, no dia 05 de julho de 1982, no Estádio Sárria (que foi demolido há alguns anos). O Brasil, considerada a melhor equipe do mundo, jogava por um empate para passar para a fase seguinte, mas acabou sendo derrotada pela Itália pelo placar de 3X2. Os gols brasileiros foram marcados por Sócrates aos doze minutos do primeiro tempo e por Falcão, aos 23 minutos da etapa final. Paolo Rossi marcou os três gols italianos, aos cinco e vinte cinco minutos do primeiro tempo e aos 29 minutos do segundo tempo. Cabe ressaltar que Rossi ainda se tornou o artilheiro da Copa do Mundo de 82, marcando 06 gols.

E ganhou a Itália, para aumentar a nossa dor-de-cotovelo. Ficou provado que naquele dia em Barcelona, no campo do Espanhol, estava sendo decidido o título de campeão. Faltou-nos a modéstia e a capacidade de vencer a teimosia empedernida e siderúrgica de nossos responsáveis.

(...)

E quando reclamamos do festival de besteira que assolou a direção de nossa Seleção, não é à toa. A final da Copa mostrou amplamente que ela tinha sido decidida naquela partida de Barcelona.⁴⁸

João Saldanha percebe claramente que qualquer país do mundo pode formar equipes ou ter um selecionado excelente e que pratique um bom futebol, porém todos eles se encontram indefesos diante do inusitado, do inesperado, da jogada artística, original e criativa. Por isso mesmo, Saldanha acredita que todos os europeus, por praticarem o futebol-força, estão sempre em condições de inferioridade frente ao futebol-arte e especialmente do futebol brasileiro, que representaria a mais pura essência dessa forma de jogar. Para Saldanha, no futebol-arte, a forte presença do elemento artístico seria o elemento hegemônico e de identificação da forma de jogar dos brasileiros. O brasileiro alia ao condicionamento físico necessário não só a habilidade, mas também a criatividade.

Enfim, a habilidade representa o manejo com maestria da técnica diante de um obstáculo. Mas a criatividade implica o uso não somente habilidoso mas também com originalidade da técnica diante do obstáculo. Um jogador que domina o fundamento do passe tem técnica. Aquele que é capaz de passar com precisão num pequeno espaço, pressionado pela marcação, por exemplo, tem habilidade. Mas se esse passe preciso, realizado em condições adversas, cria um espaço inusitado, surpreendente, a técnica e a habilidade foram instrumentos da arte.⁴⁹

E é, segundo Saldanha, por essas características presentes no futebol brasileiro que, especialmente os europeus, estariam em desvantagem no que tange à prática futebolística. Tal fato fica claro em uma crônica escrita em março de 1982, durante os jogos preparatórios realizados pela Seleção Brasileira, nas vésperas da Copa de 82, que se realizou na Espanha, quando o Brasil derrotou no Maracanã uma outra forte candidata ao título, a seleção alemã.⁵⁰ O futebol alemão seria um dos principais, se não o principal, representante do futebol-força

⁴⁸ In: SALDANHA, João. "A copa estava decidida". *O trauma da bola: a copa de 82 por João Saldanha*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002, p. 171-172.

⁴⁹ MANHÃES, Eduardo. op. cit., p. 35.

⁵⁰ O Brasil venceu o jogo pelo placar 1X0, gol do lateral esquerdo Júnior. Na Copa a Alemanha alcançou o vice-campeonato.

praticado pelos europeus e João Saldanha não deixou de ironizar, por meio dos alemães, todos aqueles que praticam um futebol baseado no racionalismo e no pragmatismo.

Os alemães levaram mais uma. Estudam, estudam e perdem. Assim eles poderiam acabar acreditando em coisas. Já pensaram numa macumba alemã? Um pai de santo lourão? (...) Perderam merecidamente. Nosso time foi melhor. Pensei até num jogo mais duro; não foi.⁵¹

Ainda sobre o mesmo jogo, Saldanha critica o ex-jogador e naquele momento comentarista da televisão alemã, Beckenbauer,⁵² que não esteve no Maracanã, e que comentou o jogo por meio das imagens da televisão. Ele, Beckenbauer, achou injusta a vitória da Seleção Brasileira e conseqüentemente considerou que o selecionado do seu país merecia uma melhor sorte. Mais uma vez, Saldanha reconhece que qualquer país é capaz de formar uma boa seleção, porém ressalta que a vantagem do futebol brasileiro é que ele joga com arte, criatividade, lança mão do inusitado e do inesperado, o que geralmente não ocorre com os selecionados que praticam o futebol-força.

Beckenbauer estava furibundo depois do jogo que ele comentou pela televisão, lá da Alemanha. Aconselho-o a não fazer isto. Não se sabe nada do jogo vendo-o pela TV, simplesmente porque não se sabe de onde vem a jogada na maioria das vezes. O campo visual é estreito. O campo de jogo de verdade tem 108 metros e você fica apenas com o que lhe pode dar o vídeo. Claro que a televisão satisfaz. Dá para o gasto. Mas é uma espécie de masturbação. Isto não é profissional. Sempre me recusei a fazer comentário *off tube*, como eles chamam pomposamente. A gente comete terríveis enganos.

A verdade é que os europeus estavam esperando grandes coisas da seleção alemã, que é a melhor da Europa. Mas aqui por estas bandas ela estará sempre em condições de levar uma cipoadá.

(...)

Vendo o campo inteiro, seria fácil verificar que dez alemães estavam atrás e que seu time não tinha chance alguma de ganhar. Apenas de empatar. E fizeram um esforço desesperado para isto.

(...)

Quem faz *off tube* entra pelo *tube*.⁵³

⁵¹ SALDANHA, João. “Nossos bons jogadores”. In: *O trauma da bola: a copa de 82 por João Saldanha*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002, p. 46.

⁵² Franz Beckenbauer também era conhecido como o “Kaiser” do futebol alemão. Jogador de grande qualidade e que participou de três campeonatos mundiais (1966, 1970 e 1974). Nessas Copas, a Alemanha sempre chegou entre as quatro principais seleções do mundo. Consagrou-se definitivamente com a conquista da Copa do Mundo, disputada em seu país, a Alemanha, em 1974.

⁵³ SALDANHA, João. “Pelo cano”. In: *O trauma da bola: a copa de 82 por João Saldanha*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002, p. 49-51.

Nessa mesma crônica, Saldanha ressalta que o despeito não é algo inerente aos países subdesenvolvidos, mas, pelo menos em matéria de futebol, também caracterizaria países desenvolvidos, como a Alemanha. Para ele, seria pelo futebol que o brasileiro se identificaria e se valorizaria como ser humano. Nesse aspecto, nem mesmo o samba seria capaz de desempenhar o papel de destaque ocupado pelo futebol.

Mas volto ao Kaiser. Ele também já levou várias cipoadas nossas. No dia em que nos ganharam a única vez, dava pulinhos de contente. Como criança. É justo. Agora banca o menino que acredita na historinha que viu na televisão. Vaticinou que União Soviética e Escócia nada têm a temer de nós. Como estão vendo, o despeito não é coisa só de latinos sofridos.

(...)

O time alemão ressentido-se mais do que nós de jogadores efetivos. Eu sabia que eles não estavam preparados para perder. **Não acreditam em subdesenvolvidos. Realmente somos. Mas nosso único produto interno bruto que dá é o futebol.** Falam no samba. Nada disto. Façam um desfile de escolas por semana e no fim do mês a sociedade brasileira pedirá pelo amor de Deus para pararem.⁵⁴

Em nenhum momento Saldanha afirma que o elemento artístico e criativo do futebol brasileiro é capaz, sozinho, de vencer os seus adversários. Para ele é necessário atentar para a tática, a disciplina e o planejamento. Porém, o que ocorreria no futebol brasileiro é que a arte acabaria se impondo, sendo o elemento mais forte em relação aos demais, o inverso do que ocorre com os selecionados que praticam o futebol-força, com o que concorda Manhães, para quem “brasileiros disciplinados taticamente são diferentes de europeus disciplinados taticamente”.⁵⁵ Porém, o jogador não pode se restringir ao exibicionismo individual, o futebol é uma prática coletiva, por isso mesmo ele precisa se policiar contra a soberba, muitas vezes estimulada por fatores externos. “Domar as emoções e atuar como artista não é dar vazão ao exibicionismo individual, e sim construir uma obra de criação coletiva”.⁵⁶ É nesse sentido que João Saldanha entende a prática do futebol-arte.

Dizem que na Copa do Mundo foi jogado o futebol moderno.⁵⁷ De fato, foi, mas moderno, não, em relação a 14 competidores. Para esses, não era nenhuma

⁵⁴ “Pelo cano”. In: Idem, *ibidem*, p. 49-50. (grifos nossos).

⁵⁵ MANHÃES, Eduardo. *op. cit.*, p. 39.

⁵⁶ Idem, *ibidem*, p. 47.

⁵⁷ Saldanha está se referindo à Copa de 1966, na Inglaterra.

novidade. Só foi novidade para um, bastante conhecido, o nosso time, porque esse futebol já vem sendo jogado há vários anos. Mesmo em 62, a Espanha e a Tchecoslováquia, por exemplo, jogaram assim. Nosso time pôde batê-los com todo o modernismo do seu futebol. Por quê? A razão é muito simples. Nosso time era tão conhecido desde 1958 e os jogadores eram tão entrosados que o pensamento de um era o pensamento de todos. Jogávamos por música.

(...)

Levamos um bando e não um time.⁵⁸

Ou ainda:

Muita gente, brasileiros, é claro, a toda hora pergunta quantos gols fez Rummenigge ou Maradona e quantos Zico já conseguiu.

(...)

Que tal pensarmos juntos? Já tivemos dois ou três artilheiros em outras Copas. Dois grandes craques pelo menos estou recordando. Leônidas, em 1938, e Ademir, em 1950. Lembram o resultado final?

(...)

E a estatística de todas as Copas nos dá ampla vantagem sobre qualquer equipe. O que significa isto? Bem, isto significa claramente que a melhor maneira de se ganhar uma Copa é contar com jogadores altamente imbuídos do espírito de equipe, capazes de entregar a bola a quem melhor estiver colocado e não entrar na disputa estúpida e egoísta de artilheiro individual.⁵⁹

Uma vez que reconhece o futebol-arte como vetor a consagrar o craque, Saldanha entende ainda que a preparação física deveria ser percebida como parte do planejamento, esta deveria servir ao jogador complementando a sua habilidade. Além disso, Saldanha critica duramente os treinamentos que levam os jogadores à exaustão. Para ele, deveria ocorrer um equilíbrio entre o esforço e o repouso. Inclusive, a preparação física excessiva teria sido, segundo o cronista, uma das causas da derrota brasileira frente à Itália na Copa de 82.

Mas, e a decantada preparação física de nosso time? Pois foi visível que apagou no jogo da Itália, exatamente quando empatamos.

(...)

O time cansou na tal preparação física, que exigia toalhas quentes quase que diariamente e os boletins acusando sempre dores musculares neste ou naquele jogador.⁶⁰

⁵⁸ SALDANHA, João. “Futebol moderno”. In: MILLIET, Raul (org.). op. cit., p. 68.

⁵⁹ SALDANHA, João. “Sapato alto”. In: *O trauma da bola: a copa de 82 por João Saldanha*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002, p. 125.

⁶⁰ “Nem sempre se agüenta”. In: Idem, *ibidem*, p.158.

Sendo um defensor nato do futebol-arte, João Saldanha não poderia deixar de defender, de forma intransigente, a prática do futebol ofensivo, a de arriscar para poder surpreender. Obviamente que essa opção pelo jogo ofensivo se dá em virtude da grande quantidade, da fartura de jogadores criativos existentes no Brasil, que para ele seria consequência da existência de um povo igualmente criativo.⁶¹

Não arriscar pode até ser válido. O veado não morre nem a onça passa fome. Entretanto estou convencido de que **temos gente** e time para arriscar. É a única maneira de se ganhar uma Copa: um time pra cabeça.⁶²

A expressão “temos gente” pode ser entendida de forma mais direta como a existência de jogadores criativos e ofensivos, porém, num nível mais profundo do discurso, estaria retratando um povo criativo e que joga ofensivamente, pratica o futebol-arte não só nos clubes profissionais, mas também nas chamadas “peladas”.

João Saldanha separava claramente o estilo, a forma de jogar dos selecionados dos vários países sempre levando em conta a escola de futebol a qual o clube ou a seleção pertencia. Joga-se ofensivamente, “um time pra cabeça”, título de uma das suas crônicas,⁶³ ou de forma defensiva e fortemente vinculada ao contra-ataque. O primeiro estilo representaria o futebol-arte e o segundo o futebol-força.

Ele aponta claramente, no caso brasileiro, para a opção em torno da habilidade, jogar uma “bola redonda”, atitude que nos torna mais agressivos e que faria a diferença e marcaria a identidade da forma brasileira de atuar. Isso não significa que todas as equipes teriam que atuar ofensivamente no futebol brasileiro e também não exclui a necessidade, em momentos que se fizerem necessários, de se jogar com mais cautela e buscando reduzir os riscos. Além disso, não se deve confundir jogar para frente, ofensivamente, com poucos cuidados no sistema defensivo e na marcação. O próprio cronista louva os jogadores que sabem marcar, mas que também são

⁶¹ O futebol-força, como já foi ressaltado, estaria marcado por características defensivas e isso seria o reflexo de uma suposta carência de jogadores criativos. Em alguns momentos de ufanismo, subentende-se que a ausência de criatividade dos jogadores seria um espelho de um povo menos criativo de forma geral.

⁶² SALDANHA, João. “Um time pra cabeça”. In: *O trauma da bola: a copa de 82 por João Saldanha*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002, p. 41. (grifos nossos).

⁶³ “Um time pra cabeça”. In: *Idem, ibidem*, p. 39.

dotados de habilidade para armar as jogadas. “O Vítor estava nervoso no começo, mas sempre marcando bem. No segundo tempo, jogou melhor marcando e passando bem”.⁶⁴

(...) O defeito é um defeito muito sério do futebol brasileiro e consiste simplesmente no seguinte: nossos atacantes quando recuam para defender se colocam bem mas não atuam como defensores. Quero dizer, não combatem com vigor como se fossem defensores quando, nesta situação de jogo, o são precisamente.⁶⁵

Até no que se refere à marcação existiria uma diferença entre o futebol-arte e o futebol-força. Enquanto para o primeiro marcar também faria parte da técnica, que pode ser desenvolvida com habilidade e criatividade, para o segundo a marcação seria predominantemente violenta e ressaltando o aspecto físico do jogador. Eduardo Manhães nos lembra que “a maneira de marcar, inclusive, modernamente tem sido compreendida como um recurso determinante para a ofensividade”,⁶⁶ percepção já defendida por Saldanha década atrás.

Outro aspecto importante defendido por Saldanha é que o futebol-arte não pode ficar preso apenas às jogadas individuais, mas é preciso também “tramar” as jogadas de forma coletiva. Em seu discurso, Saldanha enfatiza que o drible e o movimento criativo executado pelo craque dependem, para o melhor êxito, do entrosamento da equipe, do desempenho coletivo. A análise do já citado amistoso preparatório do selecionado brasileiro contra os alemães para a Copa de 1982 exemplifica de forma clara a importância do craque, mas também a necessidade e a importância das jogadas coletivas, além de um bom condicionamento físico dos jogadores. Assim sendo, os jogadores, os craques, seriam os elementos decisivos em qualquer equipe, eles é que efetivamente definiriam um jogo. Já os preparadores e a organização teriam grande importância na medida em que permitiriam que os craques tivessem condições de desempenhar de forma mais efetiva a sua arte.

E tivemos uma grata surpresa de ver o Adílio mandando no jogo. Que ele é bom eu sei há muito tempo. Desde o tempo em que achavam que ele não tinha lugar no time do Flamengo. Carpeggiani o efetivou e deu moral. Ganhamos mais um grande jogador. (...) O neguinho mandou no jogo.

⁶⁴ “Nossos bons jogadores”. In: Idem, *ibidem*, p. 46.

⁶⁵ SALDANHA, João. “Viagem ao México”. In: In: MILLIET, Raul (org.). *op. cit.*, p. 216.

⁶⁶ MANHÃES, Eduardo. *op. cit.*, p. 84.

(...)

Mário Sérgio foi com Adílio o nota dez do primeiro tempo.

(...)

O gol saiu de uma jogada tramada e finalizada pelo Júnior em tabela com o Adílio. Merecido. Grande jogada e ponto para o melhor time.

(...)

Muita gente cansada. No nosso time e no deles.

(...)

O importante é que temos reservas à altura de qualquer um que saia. Se fomos melhores, devemos reconhecer o mau estado físico de nossos jogadores.⁶⁷

O mais interessante é que o posicionamento de grande parte da imprensa brasileira, até então louvando o futebol praticado pela equipe brasileira, não era o de Saldanha. A seleção de 82, apesar do futebol vistoso, criativo, envolvente, verdadeiro representante do mais espetacular futebol-arte, acabou não vencendo o torneio e uma parte significativa dos analistas diagnosticaram a derrota como a adoção, feita pelo então técnico da equipe, o saudoso Telê Santana,⁶⁸ de uma filosofia de jogo ofensiva e artística.

Porém, se louvava a preparação física, ele, como já foi ressaltado anteriormente, sempre temia os excessos, talvez pela experiência traumática que teve ao dirigir a seleção brasileira no período entre fevereiro de 1969 e março de 1970. Em relação ao período citado, João Máximo acusa Admildo Chirol e Lídio Toledo de sabotarem Saldanha no comando do selecionado, especialmente no que tange ao excesso na preparação física.

Em Bogotá, três dias antes do jogo com a Colômbia pelas eliminatórias, João pediria:

- Por favor, Chirol, vamos diminuir o ritmo dos exercícios. Nada de *circuit* ou *interval training*. Esse troço pode arrebentar os músculos de alguns jogadores.
- Positivo – pareceu concordar Chirol.

Na manhã seguinte, novo treino. O preparador físico repetiu exatamente os exercícios que Saldanha condenara no dia anterior. Como se dizia no jargão do *métier*, arrancava o couro da turma. Saldanha nem notou. Ao passar com os jogadores pela pista onde estavam os jornalistas, Chirol, rindo-se muito, comentou com eles:

⁶⁷ SALDANHA, João. “Nossos bons jogadores”. In: *O trauma da bola: a copa de 82 por João Saldanha*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002, p. 46-47.

⁶⁸ Telê Santana, que veio a falecer em abril de 2006, foi técnico que sempre defendeu de forma intransigente a prática do futebol-arte, do jogo ofensivo, da técnica e da habilidade.

- O cara não sabe nada de preparo físico. Está pensando que mudei alguma coisa.⁶⁹

A passagem de Saldanha pelo comando da Seleção Brasileira tem suscitado outra questão polêmica e muita discussão: João Saldanha era um reconhecido comunista, que recebeu e aceitou o convite para dirigir a seleção brasileira, em 1969, durante o regime militar que governou o país entre 1964 e 1984, e depois foi sumariamente demitido, às véspera da Copa de 1970. Teria havido no seu desligamento pressões políticas? Essa é uma questão que ainda suscita debates, como pode ser comprovado nas posições divergentes assumidas, por exemplo, por João Saldanha, culpabilizando o regime militar pela sua saída do selecionado nacional e por João Máximo, biógrafo de Saldanha, que não acredita que os governos militares tenham influenciado na queda do então técnico da Seleção Brasileira.

Após o fracasso na Copa de 1966, João Havelange, presidente da CBD (Confederação Brasileira de Desportos) entregou o comando do selecionado ao paulista Paulo Machado de Carvalho, que criou, por sua vez, a Comissão Seleccionadora Nacional, Cosena, uma instituição não só composta por vários militares, mas que também pretendia dar uma “estrutura militar” ao futebol brasileiro. Se a Seleção vencesse as partidas e ganhasse novamente prestígio, estaria tudo bem, o problema é que o caos continuou a perdurar e as partidas pírias e as constantes derrotas persistiram. Não só o torcedor perdeu a paciência, mas João Havelange também e a Cosena foi desfeita.

Saldanha vinha fazendo críticas objetivas, ponderadas, interessantes e construtivas ao selecionado nacional. Por sua vez, Havelange gostaria de ver novamente os estádios cheios e uma Seleção em que os brasileiros realmente acreditassem. Nesse sentido, autorizou primeiramente a sondagem e depois o convite para que João Saldanha dirigisse a Seleção Brasileira, convite este que ele “topou”.⁷⁰

⁶⁹ MÁXIMO, João. op. cit., p. 102.

⁷⁰ Na sala de visitas do apartamento de João Saldanha, em Ipanema, Antônio do Passo, sempre com aquele jeito de quem não é contra nem a favor, foi direto ao assunto:

- Você aceitaria ser técnico da Seleção Brasileira, João?
- Saldanha já esperava por aquilo.
- Me diz uma coisa, Passo: isso é um convite ou uma sondagem?
- Um convite.
- Topo!

Segundo João Máximo, foram dois Saldanhas que dirigiram o selecionado nacional. Aquele de 1969, com uma fala eloqüente, bem humorada, confiante, e que levou o Brasil, não só, a se classificar nas eliminatórias para a Copa do Mundo, com seis vitórias em seis jogos, como fez também os brasileiros voltarem a acreditar, piamente, na conquista do tri-campeonato.⁷¹ E o outro, de 1970, extremamente sensível às críticas, desgastando-se diariamente com pequenos problemas com os demais membros da comissão técnica,⁷² passando a conviver de forma tensa com a imprensa e qualquer derrota que, ao contrário do ano anterior, era capaz de lhe tirar a tranqüilidade e destruir os seus nervos. Mais do que agir, Saldanha estava reagindo.

Médici, presidente militar do Brasil, ao que parece tinha uma grande simpatia pelo atacante do Atlético Mineiro, Dario e Armando Nogueira em sua coluna no *Jornal do Brasil* comentou de forma breve e despreocupada essa simpatia presidencial pelo referido jogador. Porém, a história ganhou uma dimensão muito maior, foi afirmado que o presidente estaria querendo escalar o time de Saldanha e nesse sentido fazia questão da presença de Dario no selecionado brasileiro. Ao ser indagado por um repórter se convocaria Dario, jogador prestigiado junto ao presidente Médici, Saldanha respondeu que “o presidente escala o ministério dele que eu escalo o meu time”.⁷³ Será que no momento político em que o Brasil se encontrava essa afirmação de Saldanha não teria realmente grande impacto?

Porém, para o biógrafo de Saldanha, não foi isso que marcou ou determinou o fim dele no comando da Seleção Brasileira. Máximo inclusive destaca que o presidente Médici, que adorava futebol, era um grande admirador de João Saldanha. Além disso, para João Máximo, é difícil de acreditar que um homem (um ditador) com tantas preocupações e que enfrentava um

Cf. MÁXIMO, João. op. cit., p. 85.

⁷¹ Segundo João Máximo, na história do futebol brasileiro, nenhum técnico teve tanto apoio, chegando a alcançar o apoio de 71% dos torcedores. Cf. Idem, ibidem, p. 97.

⁷² Nesse aspecto, Saldanha cometeu um grave erro que nenhum outro treinador cometeria novamente, aceitou trabalhar com homens que não eram da sua confiança, mas de um dos seus rivais pelo cargo, Zagalo.

⁷³ Foi na véspera de um amistoso malsucedido em Porto Alegre que um repórter teria questionado João Saldanha em relação à convocação do atacante do Atlético Mineiro, Dario. Iniciou perguntando sobre Tostão e ficou sabendo que ele estava ótimo e que jogaria a Copa do Mundo. De imediato perguntou sobre Dario e se teria uma oportunidade na Seleção Brasileira. Saldanha respondeu que Dario era um excelente jogador, mas que já teria definido os seus atacantes. Finalmente o repórter, insistindo no assunto, perguntou se Saldanha tinha ciência da admiração que o presidente Médici tinha por Dario e que adoraria que ele fosse convocado. Nesse momento Saldanha respondeu que o presidente que escolhesse os seus ministros que ele, Saldanha, escolheria os jogadores da Seleção. Cf. MÁXIMO, João. op. cit., p. 105.

período bastante turbulento da história brasileira – seqüestros políticos, guerrilha urbana, torturas, impopularidade, entre outras questões – se desse ao trabalho de exigir a convocação desse ou daquele jogador. Talvez Máximo tenha se esquecido dos variados exemplos da ingerência e utilização política do futebol por vários governos autoritários.⁷⁴

Ainda segundo João Máximo, o grande problema, por mais uma vez, foram os maus resultados da Seleção Brasileira, a irritação crescente de Saldanha, as dificuldades de entendimento do técnico com o médico da Seleção, Lídio Toledo, que não prestava nenhum tipo de satisfação das suas ações ao técnico, as cobranças de Havelange, o desentendimento com a imprensa que era acusada por Saldanha de corrupta e de estar com “o rabo preso com a CBD e com os militares.” Em suma, o caos instaurou-se no selecionado brasileiro.

Dias após um jogo-treino contra o Bangu, em Moça Bonita, em que o Brasil atuou mais uma vez de forma pífia e só obteve um empate com a referida equipe em 1x1, Saldanha acabou sendo demitido e Zagallo foi o escolhido para substituí-lo e acabou levando a Seleção Brasileira a conquistar o seu terceiro título mundial, na Copa de 70, no México. João Máximo afirma:

Inimigos e amigos que nos perdoem, mas, passados quase 30 anos, a certeza que nos fica é mesmo a de que – com o Saldanha de 70 e sem o João de 69 – o Brasil não teria trazido do México, e para sempre, a taça de ouro de seus sonhos.⁷⁵

Como foi ressaltado alhures, Saldanha entendeu a sua saída do comando do selecionado nacional como uma ingerência dos militares que se encontravam no poder. Nesse ponto, vale a pena a transcrever uma parte de um relato do próprio Saldanha sobre sua demissão dado em 1988. É importante destacar que esse relato, de 1988, é coerente com os outros que Saldanha deu quando de sua demissão.

Vamos deixar de hipocrisia. Fui chamado para tapar o buraco de uma baita crise no futebol, em um lance arriscado e inteligente do Havelange. Aceitei. Montado o esquema de trabalho, sem mistérios, os resultados apareceram. Fomos bem

⁷⁴ Como já foi ressaltado em nota anterior, para um aprofundamento nas ingerências e utilização política do futebol por governos autoritários a obra de Gilberto Agostino é bastante esclarecedora. Cf. AGOSTINO, Gilberto. *Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional*. Rio de Janeiro: FAPERJ: Mauad, 2002.

⁷⁵ Idem, *ibidem*, p. 113.

nos amistosos e nas eliminatórias. Tínhamos que matar um leão por dia. No início de 1970, o clima esquentou dentro e fora da seleção. A pressão foi ficando insuportável. A cada dia, uma nova casca de banana. Por gente da própria CBD e por gente da ditadura. Era difícil tolerar um cara com longa trajetória no PCB ganhando alguma força, bem debaixo da bochecha deles. O clima na seleção ficou pesado. Como não ficar? Era pancada de todos os lados. Havelange foi chamado, recebeu ordens e cumpriu. Fui demitido. Os pretextos foram sórdidos. Fui demitido pelo governo do maior ditador e maior assassino da história do país. Argüir o desempenho técnico não podiam. Apelaram. Reagi. O lado mais fraco não ganharia aquela parada nunca...⁷⁶

Tanto a versão de Máximo quanto a de Saldanha apontam para tensões que ocorreram no início de 1970. A seleção e Saldanha vinham enfrentando vários problemas – derrotas em amistosos, polêmicas com outros treinadores e divisões internas – por não contar com uma comissão técnica que era de sua total confiança. Obviamente que esse cenário conspirava contra a tranqüilidade de Saldanha e que ele tanto necessitava para dar continuidade ao seu trabalho.

A polêmica envolvendo Dario tumultuou ainda mais o ambiente. Talvez, se a seleção estivesse vencendo seus adversários, se tudo tivesse correndo bem dentro das quatro linhas, o caso Dario não tivesse tomado as proporções que na época tomou.

Se não é possível afirmar se Médici estava realmente tão empenhado na escalação de um jogador específico, afinal, lembrando a argumentação de João Máximo, os desafios governamentais enfrentados pelo ditador eram imensos, é certo que a figura de João Saldanha, dirigindo o selecionado nacional, era considerada muito inconveniente pelo seu destempero, como ficou comprovado na refrega com Yustrich, então técnico do Flamengo, e também por sua pretensa independência política.

Temia-se, segundo Gilberto Agostino, que o treinador chegasse ao México carregando no bolso uma lista de presos políticos, e, em uma das entrevistas coletivas, que eram assistidas em todo o mundo, denunciasse o desrespeito aos direitos humanos que vinha ocorrendo no Brasil. Mais do que Dario ou episódios envolvendo outros jogadores e técnicos, esta era uma

⁷⁶ SALDANHA, João. “Por que sai?”. In: MILLIET, Raul (org.). op. cit., p. 264.

preocupação muito séria para a imagem que a ditadura queria promover para si mesma no exterior.⁷⁷

O certo é que dias depois da demissão de Saldanha, Zagallo foi apresentado como seu sucessor e acabou conquistando o tricampeonato mundial para o Brasil. Com a vitória, o governo Médici explorou o tricampeonato de todas as formas possíveis, “procurando potencializar o futebol como um fator capaz de promover a ‘unidade na diversidade’”.⁷⁸

Em toda a sua carreira jornalística, Saldanha jamais adotou uma postura de neutralidade, tão inutilmente buscada por alguns jornalistas, ele sempre defendeu o seu ponto de vista e explicitava claramente o seu posicionamento. Por isso mesmo deixava muito claro que o sucesso do selecionado brasileiro estaria sempre intimamente ligado à prática, até às últimas conseqüências, do futebol-arte e que, mesmo sendo derrotada, a seleção brasileira continuaria a ser uma das melhores seleções do mundo.

Só uma coisa me preocupa logo após a Copa de 82: os destinos do futebol brasileiro. Tenho posição definida sobre o nosso futebol com vitória ou com derrota. Para mim, é o mesmo. A vitória ocasionará, por certo, uma grande euforia, mas nosso futebol não vai mudar e continuará a ser um dos melhores do mundo. Ganhe ou perca. Claro que em caso de derrota haverá uma certa recessão, mas depois a coisa volta a seu lugar.⁷⁹

Saldanha foi um verdadeiro amante do futebol. Em 1990, ano da Copa do Mundo da Itália, ele estava com a saúde bastante fragilizada, passou inclusive o mês de maio internado, com graves problemas respiratórios, no Hospital São Lucas, Rio de Janeiro. Porém, apesar dos apelos dos médicos, amigos e da sua quinta mulher, insistiu que iria para a Itália assistir e acompanhar mais uma Copa do Mundo. Assim o fez.

Nessa Copa, viu a Seleção Brasileira, jogando em um estilo europeizado, ser eliminada ainda na segunda fase da competição pela Seleção Argentina, conduzida em campo pelo genial Diego Armando Maradona. Saldanha, apesar dos problemas de saúde, mesmo no

⁷⁷ AGOSTINO, Gilberto. op. cit., p. 160.

⁷⁸ Idem, ibidem, p. 162.

⁷⁹ SALDANHA, João. “O maior perigo”. In: *O trauma da bola: a copa de 82 por João Saldanha*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002, p. 74.

sacrifício, ainda comentou alguns jogos e participou de algumas mesas-redondas. Porém, sua estadia na Itália foi bastante dolorosa. O próprio esforço da viagem fez com que Saldanha agravasse sua situação respiratória e ele acabou tendo que ficar sob os cuidados do médico Franco Sebastiani, um jovem especialista em doenças respiratórias. Dias depois de iniciar o tratamento com o Dr. Sebastiani, a saúde de Saldanha apresentou melhoras consideráveis e ele voltou a se animar, discutir e até se indignar com a Seleção Brasileira.

Passou a datilografar pessoalmente a sua coluna diária para os jornais brasileiros e a participar dos programas da *TV Manchete*, além de ser visto regularmente na *International Broadcasting Center*. No dia 03 de julho Saldanha completou 73 anos e além de ter participado da longa transmissão do jogo Argentina *versus* Itália⁸⁰ ainda esteve presente da mesa-redonda que discutiu o aquele jogo.

Saldanha parecia aparentemente recuperado, inclusive ele e os seus colegas da *Manchete* festejaram a data com um bolo de aniversário. No dia 04 de julho, acordou extremamente cansado e nem mesmo se levantou da cama e, no dia 05 de julho teve que ser, mais uma e pela última vez, internado na UTI do Hospital Santo Eugenio, em Roma, vindo a falecer na noite de 12 de julho de 1990.

Para João Máximo,

É possível que a paixão pelo futebol, mais que o edema, tenha matado João Saldanha na noite romana de 12 de julho de 1990. Não há como calcular o quanto mais ele teria vivido, se se tivesse poupado da viagem à Itália. Mas é certo que enfrentaria infeliz, triste, frustrado, como um soldado vencido, os dias que lhes restasse. Para ele, era vital presenciar sua décima quarta (seria mesmo?) Copa do Mundo.

⁸⁰ Esse jogo foi uma das semi-finais da Copa da Itália. A seleção anfitriã foi eliminada pela Argentina nos pênaltis. No tempo normal houve um empate em 1x1 e 0X0 na prorrogação. Na disputa de pênaltis, os argentinos venceram por 4X3, com Goycochea, goleiro argentino, defendendo duas cobranças dos italianos, Donadoni e Serena. A final da Copa de 90 foi disputada entre Alemanha e Argentina, a mesma de 1986 e foi, pela primeira vez nas histórias das Copas do Mundo que uma final se repetiria e ainda de maneira consecutiva. Porém, em 90 a sorte mudou de lado e a Alemanha acabou por se sagrar campeã do mundo ao derrotar o selecionado platino com um gol de pênalti aos 34 minutos do segundo tempo, convertido por Brehme. Cabe ainda ressaltar que o técnico alemão, Beckenbauer igualou naquele momento um feito do brasileiro Zagallo, ter sido campeão do mundo como jogador e como técnico.

Não era um homem de não seguir em frente. Desde os tempos de menino em Alegrete, fora um lutador. Mais do que isso, um vitorioso, desses que mesmo na derrota mantém a altivez do grande campeão.⁸¹

João Saldanha identificava-se profundamente com o futebol e em especial com os craques. Para ele a alma do futebol brasileiro manifestava-se na prática do futebol-arte. Possuía uma visão madura na qual demonstrava as interpenetrações entre o brilho individual, a criatividade, com o jogo coletivo, com a marcação e com a preparação física e emocional.

A análise das crônicas de João nos permite notar que o maragato, o marxista, o inimigo de cartolões, o treinador, torcedor e jornalista apaixonados pelo “futebol-arte” são lugares em que Saldanha ocupa reiteradamente a posição de confronto com a prepotência, com o pedantismo da falsa-erudição e com a arrogância.⁸²

⁸¹ MÁXIMO, João. op. cit., p. 137.

⁸² MANHÃES, Eduardo. op. cit., p. 138.

SEGUNDO TEMPO
É DE GOLEADA – VITÓRIA CONFIRMADA
ARMANDO NOGUEIRA

Armando Nogueira, um dos maiores e mais populares cronistas brasileiros, nasceu no ano de 1927, na cidade de Xapuri, no Acre. Visando completar seus estudos, dirigiu-se, no ano de 1944, para a cidade do Rio de Janeiro. Em 1950, ano em que o Brasil perdeu a final da Copa do Mundo para o Uruguai jogando no Maracanã, Armando Nogueira ingressou no jornalismo, no jornal *Diário Carioca*, onde ocupou o cargo de redator de esportes e, com o pseudônimo Arno, assinava a coluna “Bola Pra Frente”.

Em 1953, formou-se em Direito. Em 1955, ingressou na revista *Manchete*, como redator-principal, na gestão de Otto Lara Resende. Dois anos depois ingressou na revista *O Cruzeiro*, onde foi repórter fotográfico entre 1957 e 1959. Ao fim deste período, ainda em 1959, Armando Nogueira ingressou no *Jornal do Brasil*, onde foi redator e colunista.

No *Jornal do Brasil*, no período compreendido entre 1961 – 1973, assinou a coluna diária “Na Grande Área”. Foi exatamente essa coluna que lhe firmou a reputação de jornalista, por meio da qual suas crônicas, muitas em tom de conversa, apresentavam um estilo diferenciado: a qualidade literária era a tônica sem contudo o inibir ou o distanciá-lo do público leitor, muito pelo contrário, como já foi afirmado, ele é um dos cronistas mais populares do Brasil.

Assim como outros grandes cronistas esportivos brasileiros, tais como Nelson Rodrigues, João Saldanha, José Lins do Rego, Carlos Drummond de Andrade, Paulo Mendes Campos e Juca Kfourir, os escritos de Nogueira oferecem um ponto de partida para a elaboração de idéias e reflexões que em muito transcendem o universo do futebol.

Como jornalista, participou da cobertura das Copas do Mundo a partir de 1954, quando ficou encantando com o futebol artístico apresentado pela vice-campeã, a Seleção da

Hungria, o que lhe rendeu algumas “alfinetadas” de Nelson Rodrigues, porém isso jamais reduziu o respeito que Armando Nogueira tinha pela criatividade e capacidade apresentada por Nelson.

Os irmãos¹ foram responsáveis por muita criatividade nessa área, principalmente o Nelson, que, pela qualidade do texto metafórico, hiperbólico e arrebatado, representa sem dúvida o momento culminante, o esplendor do jornalismo esportivo no Brasil.²

A partir dessa posição de destaque que ele conferiu ao escrete húngaro, já se faz perceptível a sua preferência pelo futebol artístico, criativo e habilidoso, note-se que no referido campeonato, a Seleção Húngara foi a que melhor representou o futebol-arte. Ele mesmo confessa que em matéria de futebol foi muito mal acostumado, afinal viu as seleções do Brasil que encantaram o mundo, tais como as de 50, 58, 70 e 82, além de grandes seleções de outros países que também praticavam o futebol-arte e que se tornaram inesquecíveis, tais como a Hungria de 54, a Holanda de 74, a Alemanha de 66 e de 74. Como grande defensor do futebol-arte, mesmo nas vitórias, especialmente brasileiras, Nogueira não deixa de tecer críticas quando a tônica não se encontra nesse estilo de jogar.

E, por mais merecido que tenha sido o triunfo brasileiro, nem assim deixarei de dizer que o futebol da seleção ficou alguns furos abaixo do seu consagrado padrão. Impôs-se o Brasil graças a iluminações individuais. A equipe ficou devendo no quesito harmonia. Atacava por espasmos. Podia ter sido mais fluente, mais constante, coletivamente. Gostaria de ter visto a seleção fazer o que faziam outras equipes: futebol de aproximação, bola casadinha, troca de passes curtos, em triangulações.³

Ao continuar a sua carreira de Armando Nogueira, ingressou no telejornalismo também no ano de 1959, na antiga TV-Rio, canal 13. Nessa emissora participou, a partir de 1963, nas noites de domingo, juntamente com Nelson Rodrigues e João Saldanha, entre outros, da “Grande Resenha Facit”, sendo ele o responsável por comandar a mesa. Walter Clark, além de convidá-lo, assim como aos outros membros do grupo, para apresentarem um programa do mesmo gênero na TV Globo, deu-lhe uma outra incumbência: ajudar a implantar o telejornalismo

¹ Os irmãos referidos por Armando Nogueira são Nelson Rodrigues e Mário Filho.

² MARQUES, José Reinaldo. “Crônica valoriza o jornalismo esportivo”. In: <http://www.abi.org.br/primeirapagina.asp?id=1273>. Acessado em: 28 abr 2006.

³ NOGUEIRA, Armando. “Os ossos do ofício”. In: *A gíngã e o jogo: todas as emoções das melhores crônicas de Armando Nogueira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003, p. 36.

na citada emissora. De 1966 e 1990 foi diretor da Central Globo de Jornalismo, da Rede Globo de Televisão, emissora para a qual também dirigia a Divisão de Esportes.

Armando Nogueira jamais deixou de assumir a responsabilidade sobre os telejornais da Globo, até o dia em que foi editado o debate entre os candidatos à presidência da República Fernando Collor de Mello e Luís Inácio Lula da Silva, ocorrido no final de 1989. Ele se julgou traído por um subordinado, que omitiu, sem sua autorização, trechos do debate, o que o fez se afastar daquela emissora.

No ano de 1992, integrou a equipe da Rede Bandeirantes de Televisão e participou das Olimpíadas de Barcelona. Já no ano de 2004, pelo canal de assinatura SPORT TV / Globosat, onde atualmente apresenta o Programa “Papo com Armando Nogueira”, esteve nas Olimpíadas de Atenas (2004).⁴

No rádio participa de segunda à sexta – salvo a terça-feira – do programa CBN BRASIL, dirigido pelo jornalista Carlos Sardenberg, que também pode ser acessado por meio da internet, onde os arquivos se encontram disponíveis.

Armando Nogueira é tido como um dos maiores cronistas esportivos brasileiro. Alguns chegam mesmo a aproximar a sua técnica de escrita à Machado de Assis, expressa na técnica da interrupção quando, ao narrar o que era aparentemente o motivo, visando a favorecer o desenvolvimento de aspectos considerados secundários.⁵ Suas crônicas estão incluídas em antologias dos melhores cronistas brasileiros e alguns de seus livros são adotados nos cursos de Língua Portuguesa e de Literatura do Ensino Médio e até mesmo no circuito acadêmico.

O cronista acreano é um homem em sintonia com o seu tempo e demonstra grande interesse pelas manifestações populares, percebendo-as como elementos identitários dos brasileiros e, nesse sentido, o futebol ocuparia um lugar muito especial.

⁴ Armando Nogueira cobriu além de 14 Copas do Mundo, até 2002, nove Olimpíadas, sendo sete delas *in loco*, incluindo a de 2004 realizada em Atenas.

⁵ PROENÇA, Ivan Cavalcanti. “Estudo introdutivo: procura obsessiva dos tempos perdidos ou a catarse pela bola”. In: NOGUEIRA, Armando. *Bola na rede*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973, p. XV.

Imperdoável melancolia de quem sabe, e sabe muito bem, que esta deliciosa cidade não é samba, apenas; que o Rio, alma do Brasil, afina também seus melhores sentimentos populares por outra paixão não menos respeitável – o futebol.

Esse abençoado binômio, carnaval-futebol, é que explica e eterniza a alma esférica da gente mais alegre de nosso alegre país.⁶

Ele é também um estilista, na medida em que escreve sobre os esportes em geral, e em particular sobre o futebol, a partir de uma consciência clara da força imagética, da figuração poética, da carga épica e dramática que se fazem presentes nessas criações e das quais suas crônicas são um exemplo.

Amar um clube é muito mais que amar uma mulher. Ao longo da vida, troquei de namorada, sei lá, mil vezes. E outras mil fui trocado por elas, mas a recíproca não está em jogo, agora. Jamais trocaria o Botafogo, nem por outro clube, nem por nada, neste mundo.⁷

Como já foi ressaltado, suas crônicas não estão circunscritas ao espaço do futebol. Armando Nogueira escreveu sobre tênis, automobilismo, equitação e outros esportes olímpicos. Independentemente do esporte, um ponto o caracteriza e une os temas abordados, a valorização da genialidade, da capacidade do atleta de superar as adversidades a partir do seu esforço e talento, porém sem esquecer do aspecto humano que envolve os mesmos, o que o leva a criticar até mesmo outros companheiros de profissão que para realizarem o seu trabalho não se preocupam com o lado humano do atleta.

Jennifer Capriatti é um prodígio do esporte. Tinha 16 anos incompletos e já figurava entre as dez melhores tenistas do mundo. Então, em apenas um ano de quadra, chegaria à cifra de cinco milhões de dólares, em prêmios e patrocínios. Da noite pro dia, o pai, ganancioso, tinha transformado a filha numa mina de ouro.

(...)

Era começo dos anos 90. Na mesma época, Capriatti entrava em parafuso. Entregou-se à maldição das drogas.

(...)

⁶ NOGUEIRA, Armando. “A alma esférica do carioca”. In: *Bola na rede*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973, p. 138.

⁷ NOGUEIRA, Armando. “O Botafogo e eu...”. In: *A gíngã e o jogo: todas as emoções das melhores crônicas de Armando Nogueira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003, p. 117.

Foi internada numa clínica de viciados. Salvou-se da dependência e voltou a jogar tênis, recomeçando, naturalmente, lá embaixo, no fundo do poço do *ranking*. Hoje, ela já está entre as 50 melhores do *ranking*. É o reencontro de uma jovem com o sol da vida e do esporte.

A batalha de Capriatti tem sido atroz. Libertou-se da autoflagelação, tem jogado bem, mas não consegue sepultar o passado adverso. Sempre que vence uma partida e que aparece na sala de imprensa, radiante, há sempre um jornalista querendo saber se ela ainda é dependente de drogas. (...) numa das últimas entrevistas, leu uma carta comovente, implorando clemência aos jornalistas.

(...)

Às vezes, tenho vergonha de pertencer a uma classe profissional empestada de abutres.⁸

Se Armando Nogueira é um apreciador de todos os esportes, parte significativa das suas crônicas está relacionada ao futebol, esporte entendido por ele como “lúdico e, ao mesmo tempo, poético, lírico e patético. Reúne todos os sentimentos com os quais os cronistas trabalham a sua sensibilidade.”⁹ Ele também entende que a crônica permite que o jornalista se utilize mais livremente da sua criatividade, da sua inspiração,¹⁰ ficando mais livre para marcar seus escritos com as suas próprias mãos.

Fui apurador, repórter, redator e comentarista... Considero que cheguei à etapa de cronista quando comecei a assinar colunas no *Jornal do Brasil* e, depois, no *Estado de São Paulo*. Digo isso porque vejo diferença nas funções. O repórter lida com a fonte da informação e a notícia; o comentarista, com a análise e, eventualmente, com a opinião; e o cronista trata dos fatos com liberdade. Por exemplo, um jogo de futebol nem sempre merecerá de mim uma análise tática ou técnica. Na crônica, posso viajar tanto num tema quanto num personagem.¹¹

Porém, como nos lembra Armando Nogueira, não é só o cronista que inventa e constrói imagens das partidas de futebol, o torcedor também o faz e o referido esporte seria um espaço extremamente propício para a intersecção entre realidade e fantasia, inclusive privilegiando a última.

O futebol não convive bem com a realidade pura e simples. Prefere o delírio, a fantasia, a mentira vestida de verdade. Por exemplo: eu costumo dizer que o Gol

⁸ “O sol de Capriatti”. In: Idem, *ibidem*. 52-53.

⁹ MARQUES, José Reinaldo. “Crônica valoriza o jornalismo esportivo”. In: <http://www.abi.org.br/primeirapagina.asp?id=1273>. Acessado em: 28 abr 2006.

¹⁰ A inspiração também é parte integrante do discurso do historiador, que por vezes, na árdua tarefa de preencher as lacunas do conhecimento, conta, além da sua erudição e conhecimentos específicos da área trabalhada, com a criatividade, imaginação e inspiração para cumprir com êxito a empreitada a que ele se propôs.

¹¹ MARQUES, José Reinaldo. “Crônica valoriza o jornalismo esportivo”. In: <http://www.abi.org.br/primeirapagina.asp?id=1273>. Acessado em: 28 abr 2006.

de Placa, aquele de Pelé, driblando meio time do Fluminense, ilustra à perfeição, a capacidade que tem o torcedor de recriar os fatos. Quanto mais o tempo passa, mais espetacular vem ficando aquele gol.¹²

Os escritos de Armando Nogueira, especialmente a partir de sua legendária coluna “Na Grande Área”, encontravam eco em vários setores sociais e ele era lido até mesmo por pessoas com tênues ligações com o dia-a-dia esportivo. Ele observa o futebol com o olhar de um poeta que se reflete nas suas crônicas. Pode-se inclusive citar que chegou a escrever poemas tendo o futebol como tema.

As reminiscências povoam as crônicas de Armando Nogueira. Seu saudoso passado em Xapuri, no Acre, assim como no Rio de Janeiro, cidade que adotou como sua nova casa tem forte presença em seus escritos. O próprio Armando afirma que cultivava suas saudades, considerando-se um nostálgico incorrigível, e que elas lhe dão não só uma identidade pessoal, mas alimentam a sua vida.

Esse saudosismo que reverbera em suas crônicas, motivou a resposta de Armando Nogueira a um queixoso leitor. Para o cronista, os jogos e jogadores do passado são lembrados, servindo até mesmo como exemplo para os dias atuais, tanto como elementos positivos que devem ser seguidos quanto negativos que devem ser evitados. Ele está sempre a recordar das defesas de Barbosa, dos dribles de Garrincha, dos gols de Pelé. É importante perceber que o esporte não apenas enraíza as pessoas no espaço, nos lugares, mas também temporalmente. Ele é capaz de ajudar na preservação do tempo histórico.

Escreve-me um leitor descontente com os temas nostálgicos que volta e meia entram nesta coluna. Acha ele que vivo a remoer antigas lembranças esportivas. Que a ele nada importam as emoções de que se fez o meu passado. Não compreende que eu seja, aos olhos dele, um eco de pretéritos fantasmas que a mão do tempo já aplacou. Em suma: sou um saudosista de marca maior.

(...)

E porque não pretendo, nem posso ser outra pessoa, além de mim mesmo; e porque cultivo minhas saudades justamente para, com elas, sobreviver (...).¹³

¹² NOGUEIRA, Armando. “O olé e a vaca...”. In: *A ginga e o jogo: todas as emoções das melhores crônicas de Armando Nogueira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003, p. 139.

¹³ “Outroras de minha vida”. In: Idem, *ibidem*, p. 19.

Nesse sentido, cabe mais uma vez ressaltar a preocupação com o ser humano como tônica nos escritos de Armando Nogueira. Essas reminiscências freqüentemente valorizam o craque, o grande jogador, tido como elemento fundamental para o cronista e capaz de fixar em sua memória jogos e jogadas que se tornaram parte de sua vida, experiências inesquecíveis e repletas de prazer, as quais ele pretende compartilhar, como se pode comprovar em um fragmento escolhido da crônica em que Armando Nogueira justifica, ao leitor que reclamou do seu saudosismo, a importância das reminiscências para a sua escritura.

Que não daria eu pela memória daquelas partidas em que Garrincha tecia os dribles mais singelos que já conheci.

(...)

Que não daria eu pela memória de ver Pelé a tramar com a bola o desespero e a desdita de defesas impenetráveis.

Que não daria eu pela memória de me ver, em soluços, a celebrar o límpido triunfo da seleção, em pleno sol da meia-noite: junho de 58, na Copa da Suécia.

(...)

Desavisado leitor. Mal sabe ele que o gol que restou no passado não se desfez de mim; perdura em mim e certamente há de me transcender como uma dádiva do tempo, de cujo mistério somos feitos.¹⁴

Armando Nogueira também percebe o futebol-arte como uma identidade clara do futebol brasileiro. Para ele, o brasileiro não se contenta apenas com a vitória, mas, além de vencer, é obrigatório que se jogue bonito, que as vitórias sejam inquestionáveis e que a superioridade técnica dos brasileiros fique patente. Essa é a imagem que o futebol brasileiro não apenas criou de si mesmo, mas que também ganhou o mundo. Sendo assim, para que a Seleção represente o brasileiro é preciso que o último se identifique com ela e esse processo só se completa quando o Brasil apresenta um futebol virtuoso. Nesse caminho, Armando Nogueira realiza aproximações entre o futebol praticado no Brasil e a dança, ambas expressões criativas do brasileiro. No futebol tal aproximação se daria pelos floreios e pelo inusitado, elementos que também são encontrados na dança.

Acontece que, no futebol, não basta vencer. É fundamental que se vença, convencendo. Quer dizer, jogando bem e bonito. E como foi que a seleção brasileira construiu sua imagem mundo a fora, tempos a fora? Quem despertou nas multidões a grata sensação de que o futebol é uma forma de arte tão rica de

¹⁴ “Outroras de minha vida”. In: Idem, *ibidem*, p. 19-20.

expressões quanto a dança: corpo, espírito e coração inventando gestos em perfeita harmonia?¹⁵

Armando Nogueira, assim como Saldanha, estabelece uma identidade, a partir da diferença, entre a forma de jogar dos brasileiros e a dos europeus. Mais uma vez se faz presente o binômio futebol-arte X futebol-força. O primeiro caracterizando o futebol brasileiro e o segundo o futebol europeu.

Nesse ponto, Nogueira não concorda com comentaristas contemporâneos que afirmam que os tempos mudaram e que não há mais espaço para a prática do futebol-arte tal como em décadas passadas. O craque, para o cronista, com seus passes, com seus dribles e com sua técnica, continua sendo capaz de gerar o encantamento em todos aqueles que o assistem, além, é claro, de desequilibrar e decidir uma partida. É exatamente essa capacidade técnica, a existência de jogadores realmente diferenciados, capazes de realizar jogadas inusitadas, que caracteriza a história do futebol brasileiro e o faz não só vencedor como extremamente respeitado.

Em tudo que de bom se viu no (in)amistoso de Lisboa, havia o dedo de Ronaldinho Gaúcho. Em muitos anos, eu não via na seleção **um jogador, assim, tão brasileiro: irresistível no drible, clarividente no passe**. Não há adversário que resista a um jogador que vive uma noite esplendorosa.¹⁶

Para o cronista, que os tempos mudaram isso é claro, porém, abrir mão do futebol-arte e copiar o futebol europeu é algo inadmissível, completamente fora de propósito. Assim como outros cronistas esportivos, tais como José Lins do Rego, Nelson Rodrigues, João Saldanha, Paulo Mendes Campos, entre muitos outros, Armando Nogueira também identifica como um defeito no caráter do brasileiro a necessidade de imitar o estrangeiro. Nesse sentido, culpa os técnicos que simplesmente buscam copiar os sistemas europeus e não se preocupam, ou não se preparam adequadamente, em criar sistemas táticos que permitam a prática do futebol-arte. Além dos técnicos, os cartolas também estariam contribuindo para o fim da “escola brasileira de futebol”, por só pensarem nos ganhos e lucros proporcionados pelas equipes que dirigem. Sendo

¹⁵ NOGUEIRA, Armando. “Infeliz futebol do Brasil”. In: <http://www.an.com.br/2001/abr/06/0arm.htm>. Acessado em: 20/maio/2006.

¹⁶ NOGUEIRA, Armando. “É o seguinte”. In: *A ginga e o jogo: todas as emoções das melhores crônicas de Armando Nogueira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003, p. 63. (grifos nossos).

assim, suas crônicas também denunciam a má organização e a administração do futebol brasileiro.

(...) E, hoje, por onde anda esse futebol-arte que já não se vê mais, nem nos clubes, nem na seleção? Dirão os pragmáticos de plantão que os tempos são outros.

O jogo mudou de cara. Admito, mas me permito perguntar: não será por que nos deixamos levar pela onda européia do estilo bate-estaca e dos cabeças-de-área que só degradam o futebol?; não será por obra dos técnicos cabeça-de-vento que nada criam e só copiam?; não será culpa dos cartolas velhacos que jamais se preocupam em preservar a escola brasileira de futebol e que só pensam em dinheiro – e dinheiro maldito?

Infeliz futebol brasileiro: a tantos enriquece, só ele empobrece.¹⁷

Nessa crônica também fica clara a posição crítica e politizada que igualmente caracteriza os escritos de Armando Nogueira. Ele não se contenta em apenas analisar a partida, o esquema tático, a atuação dos jogadores, o que faz com maestria, mas também procura adentrar nos meandros menos glamurosos e por vezes éticos dos clubes brasileiros e seus dirigentes. Nesse caminho bate duro nos tecnocratas que dirigem o futebol do país, sem temer represálias e sem se curvar.

Ainda em relação à cartolagem, Nogueira destaca que no passado ela seria menos vil do que nos dias atuais. Segundo ele, os cartolas do passado eram verdadeiros mecenas, de uma forma geral homens ricos que, por paixão, assumiam a direção do clube do coração e a ele se entregavam de corpo, alma e até bolsos. Atualmente, os clubes são vistos pelos cartolas como uma trilha para o seu próprio enriquecimento, fato que muito desagrada o cronista.

Resumo da ópera: o cartola do passado era alguém que entrava no clube, um cidadão rico, e, anos depois, ia embora pra casa, com uma mão na frente e outra atrás; hoje, o cartola entra no clube, tesou, com as duas mãos na frente e, quando sai (quando é saído), sai botando dinheiro pelo ladrão. Bem que devia sair com as duas mãos atrás, devidamente algemado. Se houver exceções, dou, aqui e agora, as duas mãos à palmatória. É claro que há, mas talvez dê pra contar nos dedos.¹⁸

¹⁷ NOGUEIRA, Armando. “Infeliz futebol do Brasil”. In: <http://www.an.com.br/2001/abr/06/0arm.htm>. Acessado em: 20/maio/2006.

¹⁸ NOGUEIRA, Armando. “Cartolismo”. In: *A ginga e o jogo: todas as emoções das melhores crônicas de Armando Nogueira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003, p.158.

O craque é elemento fundamental nas crônicas de Armando Nogueira: “ao castigar Zizinho, a CBD acabou castigando o próprio futebol brasileiro”.¹⁹ Ele o considera não só o elemento identificador do clube, mas também o líder da equipe e aquele que acaba por moldar o próprio comportamento da torcida. Nogueira afirma que a torcida assume o comportamento do seu grande craque. Ele é o elemento identitário fundamental entre o clube e o torcedor.²⁰

(...) as arquibancadas botafoguenses foram, como Heleno, ficando intolerantes, intoleráveis, amargas. E isso de projetar-se no público o espírito de um time é tão verdade que, passando de Heleno a Garrincha, já nos anos de 50, o Botafogo virou galhofeiro, a cantar nas arquibancadas o refrão do olé, sublinhando otimista, a impecável circulação de bola entre Didi, Garrincha, Nilton Santos e Zagalo.²¹

Em relação à liderança que o craque exerce sobre os seus companheiros de clube, Armando Nogueira destaca Pelé como um dos ícones dessa representação. Ele seria o cérebro da equipe, sobre a qual impõe, dada a sua alta categoria técnica, plena autoridade. Pelé seria o melhor exemplo da virtuosidade, um verdadeiro mito, o melhor exemplo do futebol-arte praticado pelos brasileiros. Assim como Nelson Rodrigues e João Saldanha, Armando Nogueira ressalta a valorização da técnica e, no caso de Pelé, que chega a se confundir com a própria bola, o domínio de todos os fundamentos que envolvem o jogador de futebol.

Sua vocação de jogador de futebol é incomparável e se exprime no campo com a mesma espontaneidade da bola que rola; é tão perfeito no criar como no fazer o gol, no drible, no passe, no chute, na cabeçada. Seja em que circunstância for, Pelé mantém com a bola uma relação de coexistência absolutamente íntima, terna, cordial; por isso é bom goleiro e ótimo goleador; por isso, é capaz de estar, ao mesmo tempo, na concepção e na realização de uma jogada. Seu talento é do tipo esférico como a bola, o seu brinquedo mágico.²²

O futebol-arte é marcado pelo inesperado, o inusitado, e mais uma vez Pelé se destacaria. Afinal, segundo Armando Nogueira, o “Atleta do Século” fez gols de todas as

¹⁹ “A barração de Zizinho”. In: Idem, *ibidem.*, p. 62.

²⁰ Em relação ao craque, Janet Lever ressalta que as personalidades esportivas são até mesmo mais conhecidas que os líderes políticos ou intelectuais, superando os próprios artistas de cinema. Brasileiros que viajam para o exterior são interpelados a respeito de Pelé, Ronaldo, Ronaldinho, entre muitos outros grandes jogadores, por pessoas que não saberiam sequer onde encontrar o Brasil no mapa. Cf. LEVER, Janet. *A loucura do futebol*. Rio de Janeiro: Record, 1983, p. 42.

²¹ NOGUEIRA, Armando. “De corpo inteiro”. In: *Bola na rede*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973, p. 07.

²² “O começo e a antevisão do cronista”. In: Idem, *ibidem.*, p. 21.

maneiras, gol de chute certo, de cabeçada, de peito, driblando e até gol dos espertos. A malícia e a esperteza também seriam elementos de caracterização e identidade do futebol brasileiro.

Um dia, Pelé vai deixando a grande área, arrastando uma perna. O beque recebe do goleiro e sai com a bola, despreocupado, sem desconfiar que Pelé não estava machucado coisa nenhuma. Era fingimento. De repente, não mais que de repente, Pelé dá o bote, o beque toma um susto, descontrola-se, perde o domínio da bola – gol de Pelé!²³

O futebol é entendido por Armando Nogueira como um elemento de encontro de todos os brasileiros, para ele todas as classes estariam representadas por esse esporte. O amor por uma camisa, independente se do clube do coração ou do selecionado nacional, permite criar laços identitários e de reconhecimento dentro da multidão dos torcedores, formando assim uma consciência clara de separação entre nós e os outros, fato que se expressa inclusive na linguagem. Afinal, os torcedores se utilizam, freqüentemente, de palavras positivas e carinhosas para exprimir os seus sentimentos em relação ao clube do coração e para os adversários as palavras demonstram desprezo e até mesmo ódio.²⁴ A vitória da equipe rival é entendida pelo torcedor adversário até mesmo como uma afronta pessoal.

O futebol é assim: desperta na pessoa um sentimento virtuoso que transcende a amizade, que vai além do amor e culmina no santo desvario da paixão. Tem de tudo um pouco, porém, é mais que tudo. Torcer por uma camisa é plena entrega. É mais que ser mãe, porque não desdobra fibra por fibra o coração. Destroça-o de uma vez no desespero de uma derrota. Em compensação, remoça-o no delírio de uma vitória.²⁵

A partir das leituras de Armando Nogueira percebe-se que o futebol contribui para a construção da identidade nacional na medida em que às pessoas de diferentes classes sociais, etnias, religiões, etc, passam a ter alguma coisa em comum para partilhar, no caso, a Seleção Brasileira, especialmente nas competições internacionais. Ela seria o elo de integração da sociedade como um todo. Porém, para o cronista, a identificação nacional não é a primeira a ser construída, ela é sucessora de uma primeira e fundamental identificação: a clubística. “O

²³ NOGUEIRA, Armando. “O filme de Pelé”. In: *A ginga e o jogo: todas as emoções das crônicas de Armando Nogueira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003, p. 50.

²⁴ LEVER, Janet. op. cit., p. 22.

²⁵ NOGUEIRA, Armando. “O Botafogo e eu...”. In: *A ginga e o jogo: todas as emoções das crônicas de Armando Nogueira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003, p. 119.

sentimento de clube é mais ardente que o sentimento da pátria. A criança descobre o clube do coração antes de descobrir a própria pátria”.²⁶

Armando Nogueira sempre foi considerado um cronista mais imparcial, mas isso não significa que não assumisse publicamente sua identidade clubística, ele é torcedor declarado do Botafogo. Porém isso não significa que não elogie e reconheça as equipes e os jogadores adversários, em especial aqueles que praticaram e praticam um futebol virtuoso.

Se o futebol me quisesse dar um presente, bastava que me desse um domingo inteirinho só de gols de Ademir Menezes. O estádio embandeirado, a multidão ali, em peso, todo mundo cantando e pulando pela glória do artilheiro inesquecível do Vasco da Gama.

Nesta tarde de lembranças, quero rever, sobretudo, certos gols que ele fazia contra o meu time e que eu, doido de paixão, **jurava que eram feitos pessoalmente contra mim.** Quantas vezes amaldiçoei os “rusches” de Ademir! Ele arrancava do meio campo, temível, e como um raio, entrava pela grande área, fulminante. O desfecho da jogada era sempre o mesmo: uma bola no fundo da rede, um goleiro desvalido e o meu coração magoado.

(...)

Até então, eu não tinha vivido bastante para perceber que Ademir era um belo artista e que o gol, longe de ser um infortúnio, é apenas uma graça que o futebol oferece para fazer festa no coração dos homens.

(...)

Se eu soubesse que um dia o futebol dele ia se acabar, eu teria pedido a Deus que me emprestasse um par de olhos cruz-de-malta só para que eu pudesse ver, à luz do amor, todos os gols que Ademir fazia contra mim.²⁷

Dessa forma, Armando Nogueira, mesmo sendo torcedor, não assume posição extremista, isto é, não se deixa inebriar totalmente pela paixão clubística ou do selecionado nacional ao ponto de não reconhecer os méritos dos adversários. Assim sendo, por maior que fosse sua paixão pelo Botafogo, como jornalista, jamais seria um simples torcedor e a sua posição profissional sempre se fez presente em seus julgamentos.

Barbosa é do tempo em que eu não era jornalista. A ética da profissão ainda não tinha castrado em mim o direito à paixão mais desvairada. Já fui torcedor. Por uma vitória do Botafogo, eu seria capaz de transpor as Muralhas da China.²⁸

²⁶ “A voz que lateja”. In: Idem, *ibidem*, p. 146-147. (grifos nossos).

²⁷ NOGUEIRA, Armando. “Um artilheiro no meu coração”. In: <http://www.netvasco.com.br/mauoprais/futbr/ademir.html>. Acessado em: 28/maio/2006. (grifos nossos).

²⁸ NOGUEIRA, Armando. “O anjo Barbosa”. In: *A ginga e o jogo: todas as emoções das melhores crônicas de Armando Nogueira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003, p. 70.

Ele inclusive considera o cronista como um solitário e o compara com o árbitro da partida. Para ele, o cronista deve buscar uma certa imparcialidade e evitar expressar, em seus comentários, posições que se vinculam claramente ao seu sentimento clubístico.

(...) Só porque, pela televisão, lamentei o engajamento de cronistas – por paixão, diga-se logo – a clubes de futebol, estou recebendo cartas e mais cartas de aplausos, todo mundo clamando por um jornalismo mais isento e, em consequência, mais credenciado a cobrar de cartolas e jogadores um pouco mais de responsabilidade no futebol.

Coisa admirável é a alma do público do futebol: o torcedor vai ao jogo, sai de lá empunhando uma verdade, discute com o adversário, que também empunha a sua verdade, mas ambos não abrem mão da necessidade de conhecer uma terceira versão mais isenta. E é aí, então, que entra o cronista com a sua verdade, verdade que pode até não ser aceita mas que deve ser insuspeita, que deve ser respeitada. E para que o torcedor respeite ao menos a verdade do cronista é preciso que o jornalista vá ao estádio para ver um jogo de duas equipes, e não para ver a vitória de uma delas, como acontece, para ventura do futebol, com o torcedor.

No fundo, o crítico dessa coisa terrivelmente apaixonante que é o futebol está condenado a uma solidão parecida com a do árbitro.²⁹

Porém, mesmo ressaltando a necessidade de o cronista buscar uma certa imparcialidade em seus comentários, não deixa de louvar, de se identificar e de expressar esse sentimento positivo em relação ao time do coração. Tal construção se torna clara em uma das mais belas crônicas de Armando Nogueira, intitulada: O Botafogo e eu...³⁰

Guardo até hoje, íntegro, o sentimento do primeiro encontro. Foi no minúsculo estádio de General Severiano, na tarde do dia 10 de setembro de 1944. Tinha eu acabado de chegar de Xapuri, minha terra, e estava embasbacado com a beleza da cidade do Rio de Janeiro.

O jogo era Botafogo e Flamengo.

Meu primo Carlos gosta de assistir em pé, bem no meio da arquibancada; e é aqui que já estamos os dois. O primeiro degrau de cimento fica tão perto do campo que dá até pra ouvir o respirar ofegante dos jogadores. Como eles se xingam! E como eles se espancam! Nunca pensei que fosse assim.

A partida começa. A multidão, dividida ao meio, alterna silêncios e gritos de guerra que me assustam um pouco. Até agora, já se foram 15 minutos de jogo e nada de gol. Meu coração, porém, já dá os primeiros sinais de uma simpatia que

²⁹ NOGUEIRA, Armando. “A solidão do cronista”. In: *Bola na rede*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1973, p. 131-132.

³⁰ Nesse momento, sinto-me na obrigação de expressar o meu local de fala, demonstrando a subjetividade e, mais ainda, como são construídos e apropriados os laços identitários, vejamos que considero essa crônica uma das mais belas escritas por Armando Nogueira, afinal ele fala do **nosso** time do coração. Não há como negar que, desde a primeira leitura, ela me emocionou e a identificação foi imediata.

não tardará em palpitar dentro do meu peito. Sei que esse time do Flamengo está cheio de craques. Meu primo vai me cantando, um por um: “Aquele é o Zizinho – um monstro... aquele outro é o Jaime – joga como um príncipe... esse aí é o Pirillo.”

De outro lado, só há um craque de fama nacional: é Heleno de Freitas. O resto é de currículo modesto. Mas, **todos trazem no peito uma estrela de cinco pontas, radiosa como a luz da tarde ensolarada.**

(...) Hoje, mais de meio século depois, eu me pergunto, por mera curiosidade, por que será que não escolhi torcer pelo Flamengo? Afinal, o Flamengo já era o time mais querido do Rio. Dava – pra usar uma expressão moderna – dava ibope torcer pelo Flamengo. Tinha acabado de sair bicampeão carioca. Era certeza de alegrias pela frente. E, no entanto, eu preferi trocar o certo pelo duvidoso. Em nome de que idéia? (...)

Afinidades eletivas, meus amigos. Coisas do coração. Mistérios da alma. Premonição, talvez, pois, no final do jogo, o Botafogo daria a volta olímpica saudando a sua torcida. Tinha goleado o Flamengo, ganhando de cinco a dois. Heleno marcara dois belos gols, um deles, de cabeça. Uma testada bíblica!

Nascia, ali, uma simpatia de mão única, pois o Botafogo nem sabia da minha existência. Não sabia, nem precisava saber.

(...)

O Botafogo tem tudo a ver comigo: por fora, é claro-escuro, por dentro, é resplendor; o Botafogo é supersticioso, eu também sou.

(...)

O Botafogo é bem mais que um clube – é uma predestinação celestial. Seu símbolo é uma entidade divina. **Feliz da criatura que tem por guia e emblema uma estrela.** Por isso é que o Botafogo está sempre no caminho certo. O caminho da luz. **Feliz do clube que tem por escudo uma invenção de Deus.**

Estrela solitária.

(...)

O torcedor do Botafogo tem um coração repleto de memoráveis cintilações: convivem, na mesma estrela, dribles insondáveis de Garrincha, passes impressentidos de Didi, antevisões de Nilton Santos, cismas de Carlito Rocha e gols, muitos gols, de Heleno de Freitas, cada um mais épico que o outro.

O Botafogo sou eu mesmo, sim senhor!³¹

Para o cronista, o futebol seria um espaço de promoção da unidade nacional e, sendo assim, de superação dos regionalismos, de crenças, capaz de unir pessoas por uma linguagem comum. Nesse sentido, Armando Nogueira escreve sobre o efeito da Copa do Mundo e do futebol como elemento de superação das diferenças, logo de união, na Coréia em virtude dela ter se tornado uma das sedes da Copa do Mundo de 2002.

A Coréia professa três religiões: o taoísmo, o confucionismo e o budismo. Todas três trazidas pelos chineses. Além delas, a alma coreana cultua o xamanismo.

³¹ NOGUEIRA, Armando. “O Botafogo e eu...”. In: *A gíngã e o jogo: todas as emoções das crônicas de Armando Nogueira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003, p. 117-120. (grifos nossos).

Pelo visto, o mundial pode estar trazendo a este povo uma nova e explosiva crença religiosa que é o futebol.
Uma grande paixão no reino da contemplação.³²

Para ele, há uma identificação clara entre o povo e o futebol, a tal ponto de surgir um sentimento de vitória do próprio povo brasileiro quando das vitórias da Seleção. Em suma, quando a seleção vence, tem-se a impressão de que o próprio povo brasileiro está vencendo.³³ Por meio do futebol o brasileiro exerce sua cidadania. Dessa forma, percebe-se que Armando Nogueira também é um crítico daqueles pensadores que entendem o esporte, em particular o futebol, como um elemento alienante.

O que se exige, ao menos por vergonha, é a reverência, é o reconhecimento à obra de um herói que, brincando pelo mundo afora, nos fez um pouco mais felizes; que, sem dar um tiro, sem um discurso sequer, **fez o Brasil mais nação ainda, unindo um povo para cantar**, de mãos dadas, como crianças de um mundo sem lágrimas, a alegria de uma **vitória nacional**.³⁴

A identificação do povo brasileiro com o craque é imediata. Ele, o craque, é reconhecido em qualquer local em que passa, demonstrando sua importância e a atenção dispensada pela população a ele, ao clube e à Seleção Brasileira. Se isso ocorre, é em virtude do orgulho que essa população sente com as vitórias obtidas pelo futebol e que não se oferece em outros “gramados” do tecido social brasileiro.³⁵ Como é ressaltado por Janet Lever, “as realizações do futebol brasileiro conquistaram o respeito da comunidade esportiva internacional e promoveram o orgulho dos cidadãos por sua Nação”.³⁶ Um caso picaresco de Garrincha, contado por Armando Nogueira, exemplifica de forma bastante enfática a importância não só do futebol na vida dos brasileiros, mas especialmente do craque, do artista, que vence os jogos e que engendra e consolida o sentimento de pertença, de comunidade, entre todos os fãs do futebol.

³² “É chegada a hora”. In: Idem, *ibidem*, p. 185.

³³ Segundo Janet Lever, o orgulho é acentuado numa situação competitiva, quando as pessoas se sentem unidas contra os “invasores” externos, quando podem avaliar a posição nacional pela leitura, mesmo que o conflito seja apenas ritualista, como acontece no esporte. Cf. LEVER, Janet. *op. cit.* p. 40.

³⁴ NOGUEIRA, Armando. “Mundo velho sem porteira”. In: *Bola na rede*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1973, p. 62. (grifos nossos).

³⁵ Janet Lever afirma: “Onde os cidadãos carecem de confiança sobre a estatura de seu país, a apresentação de um time respeitável ajuda a promover uma imagem nacional positiva. Um time vitorioso contribui ainda mais para dissipar os sentimentos de inferioridade. (...) Muito antes da força econômica e militar apoiar a influência política, o esporte proporciona a uma nação a oportunidade para se destacar no sistema mundial”. Cf. LEVER, Janet. *op. cit.*, p. 48.

³⁶ Idem, *ibidem*, p. 28.

Um dia, Garrincha estava em pé na porta do hotel, em Fortaleza, logo depois da Copa de 1958. Parado, olhando a pracinha. Na esquina, um botequim cheio de gente, freguesia de cerveja, casa movimentada, mesmo. Do outro lado, um botequim pobre, mesas vazias, um negócio entregue às moscas. Garrincha tomou-se de pena e disse ao técnico João Saldanha:

– O senhor quer ver eu fazer uma mágica? Eu vou encher aquele botequim ali num minuto.

Saiu devagar, atravessou a rua na direção do boteco rico e parou na porta uns vinte segundos, o tempo necessário para que o reconhecessem. Alvorço no bar, todo mundo veio cercá-lo, pedindo escudos e dando tapinhas nas costas. Garrincha seriíssimo atravessou a rua, entrou no outro botequim, pediu cafezinho e uma carteira de cigarros.

Na frente do hotel, o técnico João Saldanha se deliciava com a história, pois toda a clientela do primeiro bar saíra atrás de Garrincha, indo lotar, em dois minutos, o botequim até então abandonado. O dono da casa empolgou-se, nunca tivera tamanho movimento: deu vivas aos campeões do mundo, recolheu a cadeira em que Garrincha sentara um minutinho e pendurou na parede, amarrada num barbante, a xícara em que tão ilustre freguês tomara café. A essa altura, o botequim fervilhava.

Garrincha aproveitou uma chance, foi saindo de fininho, driblando todo mundo, atravessou a rua e entrou no hotel feliz da vida com a sua mágica.³⁷

Em suas crônicas, Armando Nogueira também abordou questões relativas ao caráter nacional, promovendo comparações entre os brasileiros e estrangeiros e percebendo a importância do futebol para a divulgação e reconhecimento do país no exterior.³⁸ Nesse sentido ele percebe um estilo próprio dos sul-americanos em praticar o futebol, demonstrando que apesar da sua matriz européia, o futebol havia sido não só incorporado, mas também reelaborado na

³⁷ NOGUEIRA, Armando. “Picaresco”. In: *Bola na rede*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1973, p. 55.

³⁸ Paulo Mendes Campos escreveu uma crônica que ilustra de forma bastante acurada essa identificação, até mesmo no exterior, entre o brasileiro e o futebol. A crônica é intitulada “Salvo pelo Flamengo”. Paulo Mendes conta que em 1956 se encontrava na Suécia, mais precisamente em Estocolmo, onde se hospedou no Hotel Aston. Como havia um congresso internacional na cidade, os hotéis estavam lotados. Já há dois ou três dias em Estocolmo, Paulo Mendes foi levar um outro brasileiro, que tinha acabado de chegar, para o hotel em que ele tinha uma reserva. Era por volta da uma hora da manhã. Chegando ao hotel, também lotado, deram com um sueco muito forte, um gigante que se encontrava não só meio embriagado mas também desejando um quarto para dormir. Ao ver que o amigo de Paulo Mendes teria um quarto, o gigante sueco, cheio de ira e sarcasmo gritava que eles tinham quarto apenas por serem americanos. Quando o gigante se dirigiu ameaçadoramente em direção aos brasileiros, Paulo Mendes Campos tentou explicar que não era americano, mas sim brasileiro, depois de muita insistência o gigante sueco percebeu que os dois que ali se encontravam realmente não eram americanos, mas sim brasileiros. De súbito o gigante começou a falar do Flamengo, que tinha realizado uma excursão pouco tempo antes à Suécia e que o gigante tinha visto e adorado o time rubro-negro. De repente, novamente e de forma ameaçadora, o gigante indagou se Paulo Mendes era torcedor do Flamengo. Apesar de ser botafoguense, Paulo Mendes, com medo de ver repetir-se a situação complicada, garantiu ao gigante sueco que era flamenguista. Cf. CAMPOS, Paulo Mendes. *O gol é necessário*: crônicas esportivas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, p. 37-40.

América do Sul³⁹ e essa reelaboração é conhecida como o futebol-arte, que encontra o seu ápice no futebol brasileiro e no argentino.

A Argentina reparte com o Brasil o privilégio de jogar o mais bonito futebol do mundo. Esse jogo apaixonante foi inventado pelos ingleses, mas ninguém negará que brasileiros e argentinos é que elevaram o futebol às culminâncias de uma arte bem próxima da dança, na riqueza de gestos, na vertigem de tantos corpos em movimento, nos instantes de crispação. Por isso, em boa hora, o futebol sul-americano acabaria batizado de futebol-arte.⁴⁰

Mesmo criando essa aproximação entre o futebol praticado na América do Sul, o Brasil se singularizaria em relação aos seus adversários, teria a sua própria escola de futebol que valoriza o craque, a habilidade e a criatividade.

Conheci Flávio, eu repórter, ainda foca, ele, já intocável como técnico (...). A ele, o futebol brasileiro deve os primeiros passos de sua maturidade tática.

(...)

Antes de Flávio, a seleção brasileira era naquela base de cada um por si e Deus por todos.

(...)

Flávio Costa sempre foi fiel à escola brasileira de futebol. Esmerava-se na aplicação de métodos modernos de formação de equipe mas sempre privilegiando a figura do craque.⁴¹

Da mesma forma que João Saldanha, ele não considera incoerente a busca pela qualidade física, pelos treinamentos e pela adoção de esquemas mais modernos com a prática do futebol-arte, um potencializa o outro, permitindo que o Brasil alcance suas vitórias.

Armando Nogueira, assim como os outros cronistas aqui analisados, percebia a grande identificação entre o povo e o futebol: “Que seria de ti, de mim, que seria de nós, amigo, o domingo sem a comovente mentira de um gol?”⁴² No Brasil, como anteriormente afirmado, o futebol assume uma importância, uma dimensão tal que se tem a impressão de que a vitória do

³⁹ Posição que Gilberto Freyre, ainda nos anos 40, defendia ao afirmar que apesar de sua raiz européia, mais precisamente inglesa, o futebol foi reelaborado nos trópicos, tornando-se expressão da mestiçagem brasileira e, conseqüentemente, motivo de orgulho nacional e manifestação cultural reveladora da identidade nacional. Cf. FREYRE, Gilberto. *Sociologia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1945, p. 421-423.

⁴⁰ NOGUEIRA, Armando. “Está faltando um...”. In: *A ginga e o jogo: todas as emoções das crônicas de Armando Nogueira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003, p. 186.

⁴¹ “Flávio no coração”. In: Idem, *ibidem*, p. 72-73.

⁴² NOGUEIRA, Armando. “A busca do tempo perdido”. In: *Bola na rede*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1973, p. 67.

selecionado nacional é a própria vitória do povo brasileiro. Armando Nogueira, mesmo que de uma forma mais velada que Nelson Rodrigues e João Saldanha, entende que as vitórias esportivas oferecem o reconhecimento internacional que ajuda as nações menos desenvolvidas a se livrar de seus complexos de inferioridade.

Eneida é uma jovem recém-conquistada pelo futebol. Descobriu os encantos do jogo, na Copa do Mundo Coréia-Japão. Ainda nem caiu de amores por um clube. É um coração em aberto. Gosta, **natural e brasileiroamente**, da seleção.

Ou ainda,

A cena assusta, mas não ofende, pois o coral do futebol conseguiu o milagre de purificar até os sons de um palavrão.
Vive-se no Maracanã, à maneira moderna, **o fenômeno da santificação coletiva que os gregos antigos iam buscar no teatro.**
(...)
E a multidão põe-se a cantar que “tá chegando a hora”: hora de rir e de chorar, **hora de viver a vitória que lá fora a vida negou-lhe a semana inteira.**⁴³

Ele também percebe a mercantilização dos esportes, em particular do futebol, refletindo em uma identidade muito fluída entre o jogador e a equipe. Afinal, tal situação faz com que o jogador não crie identificação com o clube em que se encontra jogando, pois sua permanência na equipe deverá ser breve. Nesse sentido, demonstrações de amor, tais como beijar a camisa, são entendidas por Nogueira como algo desnecessário e até mesmo dotado de grande dose de cinismo e de hipocrisia, isto porque o jogador estará beijando uma outra camisa e fazendo declarações de amor a um novo clube em pouco tempo. Para ele, o beijo com verdadeiro amor e identificação jamais poderá ser condenado, porém poucos são os jogadores atualmente que poderiam se dar a esse privilégio. Nogueira jamais duvidaria do fervor de um beijo de Zico na camisa do Flamengo ao fazer um gol, assim como do amor que Nilton Santos sentia pelo Botafogo. Hoje, na medida em que o jogador não cria raízes com o clube, esse gesto seria não só desnecessário como poderia ser entendido como uma tentativa do jogador, junto à torcida, de criar elos identitários que não foram e não serão construídos com o tempo.

⁴³ “Menino-que-chega”. In: Idem, *ibidem*, p. 72. (grifos nossos).

Condenei o beijo na camisa do time. O jogador, mal chegado ao clube, faz um gol e sai correndo, a beijar a nova camisa, com um fervor religioso. Pra mim cheira a subserviência, a hipocrisia. É beijo de aluguel.

(...)

Não desprezo o jogador que beija a camisa do time numa explosão de sinceridade. É o beijo do gol que sacramenta a identificação do ídolo com a torcida. E que nada tem a ver como beijo estalado como trunfo pra cortejar a multidão. (...) Eu jamais questionaria o beijo de Zico na camisa do Flamengo, depois de um gol. Ou de Júnior. Amor curtido, desde menino. Ou o de Nilton Santos, que passou 20 anos suando e honrando a camisa só do Botafogo. (...)

O mundo do esporte cada vez mais se mercantiliza. No futebol de negócios, em que o jogador muda de camisa com a frequência com que a lua muda de fase, o beijo tipo amor à primeira vista não me convence. É falso amor. Não precisa fingir, rapaz. Basta honrar o emblema do clube com o suor do seu próprio corpo. Sempre duvidei do beijo sem tempo de casa...⁴⁴

Nogueira percebe a importância da camisa do clube e da identidade por ela engendrada. Ele inclusive afirma que o sentimento clubístico é até mais forte e ardente que o próprio sentimento de pátria, afinal, com já se assinalou alhures, a criança descobre primeiro o clube do coração e só depois o próprio selecionado nacional.⁴⁵

Uma camisa, de clube ou de seleção, é uma entidade, um patrimônio que transcende o tempo e o espaço; que se sobrepõe à condição humana do jogador. É, ao mesmo tempo, esperança e saudade.⁴⁶

Se Armando Nogueira buscava, na maior parte das vezes, se mostrar comedido em seus escritos, também se deixa entregar à euforia da vitória, especialmente do selecionado nacional. Ele não só percebe a importância do futebol para o brasileiro, a identidade construída por ele, como compartilha claramente desse sentimento. Nesses momentos suas crônicas se tornam inflamadas e ele assume a postura do torcedor, porém consciente de que sua posição social e intelectual sempre estará presente em seus julgamentos. Independente se mais ou menos comedido, Nogueira adota um estilo informal na sua escrita, em tom de conversa, o que o aproxima e cativa junto do público leitor, e sempre defendendo a prática do futebol-arte, que jamais deverá morrer, mesmo quando derrotado.⁴⁷

⁴⁴ NOGUEIRA, Armando. “Tempo de casa...”. In: *A ginga e o jogo*: todas as emoções das melhores crônicas de Armando Nogueira. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003, p. 21-22.

⁴⁵ “A voz que lateja”. In: Idem, *ibidem*, 146-147.

⁴⁶ “A camisa 10”. In: Idem, *ibidem*, p. 156.

⁴⁷ Para Armando Nogueira, a Copa de 1966, vencida pela Inglaterra, marcou o advento e a vitória do que ele chama de futebol de ciência e que Nelson Rodrigues e João Saldanha chamam de futebol-força; porém, Nogueira afirma que essa vitória não significou de forma alguma a morte do futebol-arte, também denominado por ele de futebol de

Choremos de alegria de uma campanha admirável em que o Brasil fez futebol de fantasia, fazendo amigos. (...)

Orgulha-me ver que o futebol, **nossa vida**, é o mais vibrante universo de paz que o homem é capaz de iluminar com uma bola, seu brinquedo fascinante. (...)

Por isso, recebam, amanhã, os heróis do Mundial de 70 com a ternura que acolhe em casa os meninos que voltam do pátio, onde brincavam.

Perdoem-me o arrebatamento que me faz sonegar-lhes a análise fria do jogo. Mas final é assim mesmo: as táticas cedem vez aos rasgos do coração. Tenho uma vida profissional cheia de finais e, em nenhuma delas, falou-se de estratégias. Final é sublimação.

(...)

Os campeões mundiais em volta olímpica, **a beijar a tacinha, filha adotiva de todos nós**, brasileiros?⁴⁸

O tão famoso e divulgado jeitinho brasileiro, que se caracterizaria pela capacidade de encontrar saídas inusitadas, também se faria presente na forma do brasileiro jogar futebol, criando assim mais um elo identitário entre a população, os jogadores e a própria prática futebolística existente no Brasil. Tal associação se faz presente, por exemplo, quando Armando Nogueira escreve sobre o título mundial conquistado na Copa da Coreia e Japão em 2002, quando a Seleção Brasileira de Futebol se sagrou pentacampeã do mundo.

Felizmente, o que sempre acaba salvando a pátria é o jeitinho brasileiro, essa irresistível parábola da alma do nosso povo. A saga brasileira nos mundiais não fala de outra coisa a não ser do sopro divino que transforma em obra de arte o gesto singelo de chutar uma bola.⁴⁹

Janet Lever entende que o futebol é um arremedo de guerra, afinal vencer uma partida é “matar” simbolicamente o adversário. Para ela, guerra e esporte seriam semelhantes na medida em que atijam nossas lealdades e paixões. Além disso, combater os inimigos, de forma figurada ou real, ativa o nosso patriotismo. Quanto maior for o antagonismo, a rivalidade entre distintas nações, mais fortes também se tornam os sentimentos patrióticos de torcedores e jogadores.⁵⁰ De uma forma geral, a rivalidade no jogo de futebol fica circunscrita à partida em si, não desencadeando outras conseqüências em distintas arenas do tecido social.⁵¹

fantasia. A vitória do Brasil na Copa de 70 ilustra a força e a continuidade do futebol-arte. Cf. *Bola na rede*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1973, p. 161.

⁴⁸ NOGUEIRA, Armando. “México 70”. In: Idem, *ibidem*, p. 163-164. (grifos nossos).

⁴⁹ NOGUEIRA, Armando. “A jóia do penta”. In: *A ginga e o jogo: todas as emoções das melhores crônicas de Armando Nogueira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003, p. 191.

⁵⁰ LEVER, Janet. *op. cit.*, p. 52.

⁵¹ Exceções já ocorreram e o futebol acabou deflagrando situações reais de conflito. Nas eliminatórias para a Copa de 70, disputada no México, o arremedo de guerra tornou-se uma guerra de verdade. No ano anterior a Copa, em 1969,

Armando Nogueira, em algumas crônicas, também utiliza um vocabulário, por vezes, militarizado. Para ele, o futebol também significaria uma luta patriótica, uma verdadeira guerra, porém sem armas, mortes e outras atrocidades e no final todos, independente do resultado, se confraternizam, mostrando que o esporte é capaz de unir os povos.

Prepare, amigo, a sua alma para o patético e para o lírico, para o amargo e para o sublime, pois, na batalha do esporte, como no *match* da própria vida, o homem ama, odeia, castiga e perdoa.

(...)

O esporte ensina ao homem que, na vida, não há vitórias nem derrotas definitivas!⁵²

Vavá está ali, perfilado, ouvindo o hino nacional. Por sinal, revendo a foto, hoje, noto que Vavá é o mais compenetrado de todos. As duas mãos coladas ao corpo. **É a própria pátria em posição de sentido.**⁵³

O campo de batalha ainda está vazio, mas a guerra já começou no foguetório alucinante, na floresta de bandeira poderosamente sacudidas...⁵⁴

Talvez nada comprove mais o caráter identitário engendrado pelo futebol do que a própria torcida e nesse ponto Nogueira é claro. Afinal, tão forte quanto a identificação com o time do coração é a diferença e o seu reconhecimento em relação ao adversário, de forma inclusive não disfarçada, ao contrário, o torcedor busca ressaltar a diferença. Nogueira ainda distingue dois tipos de torcedores, o primeiro que ele chama de torcedor-afeição,⁵⁵ isto é, aquele que ama o seu time, cabe ressaltar que o amor caracteriza os dois tipos de torcedores, mas ele, o torcedor-afeição, não fica cego pela paixão e por isso é, via de regra, equilibrado. Ele se importa com a vitória da sua equipe, porém a derrota não lhe tira o juízo.

enfrentaram-se nas eliminatórias Honduras e El Salvador. Havia grande hostilidade entre os dois países porque muitos salvadorenos estavam atravessando a fronteira e tirando empregos de hondurenos. O governo de Honduras vingou-se nacionalizando as propriedades adquiridas pelos imigrantes salvadorenos. Seguiram-se uma série de distúrbios à primeira partida em Honduras e à segunda em El Salvador. As relações diplomáticas foram rompidas menos de uma semana depois do segundo jogo. Logo após, El Salvador invadiu Honduras e os combates prolongaram-se por um mês ocasionando milhares de mortes. Tal conflito acabou ficando conhecido como “Guerra do Futebol”. Cf. LEVER, Janet. op. cit., p. 54.

⁵² NOGUEIRA, Armando. *Bola na rede*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1973, p. 188.

⁵³ NOGUEIRA, Armando. “O leão da Copa”. In: *A gíngua e o jogo: todas as emoções das melhores crônicas de Armando Nogueira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003, p. 176. (grifos nossos).

⁵⁴ NOGUEIRA, Armando. “Definição”. In: *Bola na rede*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1973, p. 129-130.

⁵⁵ As definições criadas por Armando Nogueira entre o torcedor-afeição e o torcedor-paixão se encontram na crônica intitulada “Definição”. Cf. Idem, *ibidem*, p. 128-129.

O outro torcedor é chamado por Nogueira de torcedor-paixão, e segundo o cronista, é majoritário em todos os estádios do mundo. Nega completamente o adversário, só tem olhos para sua equipe. Esse torcedor não vai ao estádio para assistir a uma partida de futebol, ele vai, dramaticamente, em busca da vitória. Outra característica desse torcedor é que sempre credita a vitória do adversário às falhas do seu próprio time e jamais às qualidades apresentadas pela equipe rival. Em suma, para ele, “não basta ser feliz, é preciso que o outro não seja”.⁵⁶

⁵⁶ NOGUEIRA, Armando. “Um naufrágio...”. In: *A gíngã e o jogo: todas as emoções das melhores crônicas de Armando Nogueira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003, p. 152.

O APITO FINAL

O BALANÇO DA PARTIDA

O futebol é um jogo simples, que apresenta um número reduzido de regras,¹ porém essa simplicidade não retira as infinitas possibilidades de expressão que se oferecem durante uma partida e que proporcionam grandes emoções. O nacionalismo e o sentimento de identidade nacional têm um peso bastante acentuado na contemporaneidade, afinal, acredita-se que é preciso afirmar-se como nação para poder existir e ter um lugar entre as demais potências e o futebol se apresenta como um dos caminhos possíveis para a construção desse sentimento de pertença. O futebol cria um sentimento de orgulho, de reconhecimento, logo, de identidade.

Na sociedade brasileira, o futebol ocupa um espaço privilegiado, ele é um dos temas preferenciais de conversa entre conhecidos, ou mesmo entre estranhos, podendo se tornar inclusive um elemento propulsor de novas afetividades. Nem mesmo as distâncias sociais impedem a construção de diálogos tendo esse esporte como mote. “Dos colunáveis aos freqüentadores de botequim, o futebol tece uma intrincada rede de relações”.² Vencendo espaços, que de outra forma seriam insuperáveis, este esporte é capaz de unir, de criar uma linguagem comum do “flanelinha” ao Presidente da República.³

Como tão bem ressaltou Fatima Antunes,⁴ a associação entre o futebol, em especial tendo como representante a Seleção Brasileira, e a unidade nacional possui raízes muito antigas e

¹ São apenas dezessete regras, e uma parte considerável delas se refere muito mais aos elementos do jogo do que ao seu processo. Cf. VOGEL, Arno. “O momento feliz – Reflexões sobre o futebol e o ethos nacional”. In: DAMATTA, Roberto et all. op. cit., p. 79.

² Idem, ibidem, p. 78.

³ Essa afirmativa pode ser percebida facilmente por meio de inúmeras entrevistas concedidas pelo atual Presidente da República, Luís Inácio Lula da Silva, que lança mão do futebol para ilustrar as suas afirmações. Ontem, dia 28/07/2006, assistindo ao Jornal Nacional, foi possível comprovar tal afirmação. Quando indagado sobre o apoio político dado pelo ex-presidente, Itamar Franco, ao candidato à Presidência da República Geraldo Alckimin, Lula, também presidenciável, respondeu que o Brasil é um país livre, sendo assim, a pessoa pode dar seu apoio a quem achar melhor, da mesma forma que se encontra livre para proceder suas escolhas e torcer para o Corinthians (time do coração do presidente), para o Palmeiras, para o Flamengo ou para o Vasco.

⁴ Cf. ANTUNES, Fatima Martin Rodrigues Ferreira. op. cit., p. 278.

profundas, são anteriores as crônicas aqui analisadas e remetem a um discurso nacionalista e a idéia de *brasilidade*.⁵

Dessa forma, não devemos nos assustar quando percebemos que no Brasil, o sentimento de pátria existe também, e, antes de tudo, como um time de futebol. A seleção encarna o Brasil e os brasileiros se identificam de tal forma com o escrete, que o associam indissolúvelmente ao país. Torcer pela seleção é torcer para a nação.

O lema é o seguinte: se o time vence, o brasileiro, individual e coletivamente, também é um vencedor, que carrega em si, todo o prazer da vitória. Dessa forma, o torcedor se identifica e veste literalmente a camisa, conhecendo, parodiando ou mesmo assumido as condutas e os valores que o jogador possui. A visibilidade dos jogadores é fortalecida pelos meios de comunicação, que têm amplo poder de alcance junto às massas e que, dessa maneira, acabam por corroborar na construção do imaginário coletivo.

No Brasil, discute-se recorrentemente o dito caráter alienante do futebol. Em relação a essa questão, os três cronistas são unânimes em negar essa perspectiva. Nelson Rodrigues e João Saldanha fazem isso de forma mais clara que Armando Nogueira. Nessa questão, é interessante perceber, entre os dois primeiros, visões políticas diametralmente opostas, Nelson associado à direita e João Saldanha um reconhecido comunista. Saldanha chegou mesmo a afirmar: “Ora bolas, como se futebol fosse algo dissociado da vida, e não fosse profundamente humano”.⁶

O principal momento da associação entre o brasileiro e o selecionado nacional ocorre durante a Copa do Mundo, afinal ela estabelece, mesmo que momentaneamente, uma hierarquia entre as identidades nacionais. Os momentos que antecedem e acompanham uma Copa do Mundo exalam nacionalismo. Como vimos, são criadas músicas-temas que invariavelmente invocam a idéia de uma identidade nacional. Durante os jogos do Brasil no Mundial, o país suspende suas

⁵ Para aprofundar a antiguidade dessas relações sugiro a leitura de Leonardo Pereira, Arlei Damo e José Moraes dos Santos Neto. O primeiro analisa os primórdios do futebol no Rio de Janeiro, o segundo no Rio Grande do Sul e o último em São Paulo. Em seus discursos percebe-se claramente a construção identitária que foi sendo engendrada pelo futebol no decorrer das suas primeiras décadas no Brasil.

⁶ SALDANHA, João. “Assim... entende?”. In: MILLIET, Raul (org.). op. cit., p. 97.

atividades cotidianas “é como se a própria soberania nacional estivesse em jogo”⁷ e os escritos de Nelson Rodrigues, João Saldanha e Armando Nogueira atestam tal afirmação. Neles é possível perceber que a própria honra nacional está sendo posta à prova e essa identificação e compromisso com a vitória é tanto maior quanto a crença na obtenção da mesma. Na leitura dos torcedores brasileiros foi exatamente essa identificação e compromisso com a vitória que faltaram para a Seleção Brasileira na Copa de 2006, frustrando milhões de brasileiros.

Os cronistas aqui escolhidos, além de apaixonados pelo futebol, o utilizaram como elemento de reflexão não só da própria identidade nacional, mas também do projeto de país que deveria ser seguido. Todos eles avaliaram os discursos que caracterizariam o homem brasileiro, rejeitaram alguns deles e valorizaram outros. Dentre os primeiros destacam-se a propalada inferioridade do homem brasileiro em virtude do seu caráter miscigenado, da sua inibição natural, da falta de confiança, do excesso de humildade, de fé em si mesmo e de responsabilidade, que acabam por se expressar em derrotas nos momentos decisivos. Em relação aos segundos, destacam-se aqueles que, segundo os cronistas, vinculam-se à prática do futebol-arte: a ginga, a maleabilidade do corpo, a criatividade, a molecagem e a capacidade de improvisação.

Outro ponto em comum nos cronistas se encontra na percepção de que as relações criadas pelo futebol extrapolam o ambiente esportivo e passam a avaliar a própria sociedade e suas instituições. Eles percebem que as vitórias e as derrotas da Seleção Brasileira, em especial durante as Copas do Mundo, criam discursos antagônicos em relação às percepções que o brasileiro tem de si mesmo. Essas percepções podem ser sintetizadas da seguinte forma: se a seleção é derrotada, o Brasil é derrotado e os valores que até então eram exaltados passam por uma nova mensuração e o que era anteriormente visto como positivo passa agora a ser entendido como aspectos que devem ser modificados. Porém, se ao contrário, a seleção vai bem, o otimismo é a tônica e há uma grande valorização do potencial e características do *povo brasileiro*.

(...) quando a seleção vencia, os problemas se desfaziam e o que era defeito se transformava em razão do sucesso. As dificuldades eram esquecidas, até que outra Copa se aproximasse, quando surgiam novas ocasiões de retomar a reflexão sobre a identidade e o caráter nacionais; novas oportunidades para

⁷ ANTUNES, Fatima Martin Rodrigues Ferreira. op. cit., p. 278.

fazer chegar à consciência popular as caracterizações propostas sobre a identidade de um povo.⁸

Essa alteração no “humor” do brasileiro quando das vitórias ou derrotas traduzem-se na discussão entre o futebol-arte e futebol-força. Nas vitórias, o futebol-arte é exaltado e as características inerentes a essa prática são tidas como elementos positivos da própria identidade brasileira. Porém, quando da derrota, o elemento de fantasia, criatividade e improvisação são colocados em xeque, ao menos por parte dos “entendidos” em futebol, isto é, técnicos, preparadores físicos, dirigentes, jornalistas, cronistas, entre outros.

Porém, mesmo percebendo a existência desse conflito, Nelson, João Saldanha e Nogueira se colocam como incondicionais defensores do futebol-arte, independente dos resultados obtidos pelo selecionado, nos amistosos ou nas competições internacionais. Eles percebem os pontos positivos da prática do futebol-força, especialmente no que tange ao preparo físico e ressaltam que o Brasil não pode abrir mão desse aspecto, porém não como a tônica a ser seguida. Em suma, não pode submeter o futebol-arte. Os cronistas acreditam na possibilidade de se encontrar um equilíbrio entre os princípios do futebol-arte e do futebol-força, da criatividade e da preparação física, até mesmo porque esta é capaz de maximizar aquela.

As comparações e diferenças entre os brasileiros e estrangeiros também marcam os discursos dos cronistas, recurso metodológico comum aos ideólogos do caráter nacional.⁹ Condenam, de forma veemente, a simples imitação dos estrangeiros, postura que é tida por eles como corriqueira no brasileiro (mais uma vez se apresenta a discussão entre o futebol-arte e o futebol-força). Nesse sentido, o brasileiro deveria tomar consciência e valorizar seus aspectos de positividade.

Mais um ponto de convergência entre os três cronistas é a identificação dos problemas e insucessos enfrentados pelo futebol brasileiro, associados a desorganização dos cartolas e das instituições por eles dirigidas. Dessa forma, as vitórias demonstrariam a superação do jogador e do próprio homem brasileiro em relação às adversidades vivenciadas. A responsabilidade das

⁸ Idem, *ibidem*, p. 288.

⁹ Idem, *ibidem*, p. 283.

derrotas, por sua vez, não caberia ao jogador (ao homem brasileiro), mas a inaptidão, ao egoísmo e a falta de organização dos dirigentes.

Nelson Rodrigues, de forma menos velada que Saldanha e Nogueira, muito em virtude do momento da escritura do primeiro em relação aos demais, desconstrói a tese da tristeza do brasileiro, elaborada por Paulo Prado no final da década de 1920.¹⁰ Nelson, não acredita na atávica tristeza do brasileiro ressaltada por Prado e mostra em suas crônicas um povo alegre, criativo e capaz e que, se em alguns momentos apresenta-se triste ou apático, isso não é em virtude de uma qualidade intrínseca do homem nacional.

Dessa forma, eles contribuíram¹¹ na construção e difusão de representações quanto ao caráter e identidade dos brasileiros. O estudo de Fatima Antunes, quando analisa a importância das noções propagadas nas crônicas futebolísticas de José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues, salienta que as noções por eles construídas quanto a brasilidade “se incorporaram à maneira de pensar e de refletir sobre a relação entre futebol e Brasil ou futebol e brasileiro, construídas em doses homeopáticas, quase que imperceptíveis, diariamente em suas crônicas”.¹² Essa constatação também se adequa perfeitamente aos outros dois cronistas aqui trabalhados.

Ao defenderem suas posições em veículos de comunicação de grande circulação, os cronistas em foco também divulgaram as idéias dos ensaístas brasileiros que pensaram os conceitos de identidade nacional e tornaram suas idéias acessíveis a amplas parcelas da população brasileira que de outra forma não teriam acesso.

Independente do momento da escritura, os cronistas sempre buscaram, usando as palavras de Fatima Antunes, conhecer as raízes, desvelar a alma e compor retratos do Brasil. Essas eram tarefas que, consciente ou inconscientemente, os cronistas de futebol se arrogam enquanto comentam os fatos do futebol, ainda que essa discussão não apareça necessariamente

¹⁰ A primeira edição do livro “Retrato do Brasil” é de 1928. Cf. PRADO, Paulo. *Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

¹¹ No caso de Armando Nogueira essa contribuição continua acontecendo, visto que dos três cronistas trabalhados ele é o único que se encontra vivo.

¹² ANTUNES, Fatima Martin Rodrigues Ferreira. op. cit., p. 286.

em primeiro plano. Os nossos cronistas, tendo como pano de fundo os apaixonantes acontecimentos do cenário do futebol, tidos por todos eles como símbolo máximo da brasilidade, tecem suas próprias interpretações sobre o caráter nacional.

O papel do craque, assim como a individualidade, são extremamente valorizados pelos três cronistas. Para eles, o craque seria o grande diferencial numa partida, aquele que, por intermédio de uma jogada inesperada, desmonta o sistema defensivo adversário e leva a sua equipe à vitória. O atleta vitorioso em uma disputa esportiva é quase sempre visto como um modelo a ser seguido. Assim, somos como os próprios cronistas, seduzidos pelas qualidades físicas ou morais de um personagem e os idolatramos pelas suas atitudes e conquistas e nesse sentido as crônicas acabam por reforçar essa representação, afinal os seus discursos estão eivados de autoridade.

A mídia, por sua vez, contribui para a construção do mito, porque apresenta ao público os momentos e imagens que denotam a bravura, a coragem e espírito de luta. Em suma, a vontade de vencer do mito. Esses são ingredientes essenciais que formam o imaginário do torcedor e que o estimula a torcer pelo seu ídolo.

Se perder é um risco assumido quando se adentra uma disputa, e tal fato é ressaltado pelos cronistas aqui analisados, espera-se, pelo menos o empenho, determinação, garra e força de vontade. Um atleta, mesmo não conseguindo a vitória, poderá tornar-se um mito, um herói, desde que possua as características necessárias para isso: bravura, honra e sobriedade. Mais uma vez é possível evocar o exemplo da Copa de 2006, na Alemanha. A reflexão inicial explica em grande parte a frustração dos brasileiros em relação ao fracasso do selecionado nacional no referido torneio, afinal, para grande parte da imprensa e torcedores, faltou a maioria dos jogadores brasileiros exatamente o que se espera de um herói: sobriedade, honra e bravura.

Se somos capazes de perceber elementos comuns nas escrituras de Nelson Rodrigues, João Saldanha e Armando Nogueira, isso não significa que tenham projetos de país e preocupações idênticas. As diferentes preocupações e projetos presentes em suas crônicas denotam claramente o momento em que esses escritos estão sendo confeccionados.

Nelson Rodrigues busca dar o *status* de esporte nacional para o futebol, discussão extremamente presente nas primeiras décadas do século XX no país. Suas crônicas reverberam claramente essa preocupação. Ele percebe a amplitude desse esporte como elemento de identidade entre os brasileiros, o que está em consonância com o projeto nacional de Vargas.

Juntamente com a consolidação do futebol como esporte nacional, Nelson Rodrigues, profundamente marcado pela derrota brasileira em 1950, procura entender os motivos pelos quais o futebol brasileiro e o próprio país não ingressavam no rol das grandes potências mundiais. Nessa busca explicativa, Nelson não aceita as explicações correntes, em especial a que culpabiliza a miscigenação como causadora do atraso e da debilidade de caráter do brasileiro.¹³ Ele entende que essa debilidade vincula-se, de forma inexorável, a um forte sentimento de inferioridade que nós mesmos nos atribuímos, em especial frente aos estrangeiros. A esse sentimento de inferioridade, Nelson denominou de “complexo de vira-latas”.

O enfoque de Nelson, não só não desvaloriza a miscigenação brasileira como atribui a ela a nossa criatividade, a molecagem, a alegria, a capacidade de improvisação, entre outros elementos tidos como positivos. João Saldanha e Armando Nogueira já não discutem freqüentemente se a miscigenação é ou não é um elemento de positividade no futebol brasileiro. Eles já partem do pressuposto de que ela nos caracteriza e também fornece explicações para o sucesso alcançado a partir de 1958 pelo futebol brasileiro.

A partir de 1958, até o final de sua vida em 1980, a grande preocupação de Nelson passa a ser a consolidação da confiança do brasileiro em si mesmo. Para ele, essa confiança só se faz presente nos momentos de vitória, quando derrotados o complexo de inferioridade volta a fazer morada no imaginário brasileiro.

Saldanha, de forma menos explícita, também se preocupa com o complexo de inferioridade presente no Brasil e que para ele se apresentaria de forma bastante clara na busca

¹³ É importante ressaltar que Nelson Rodrigues não foi o único e nem o primeiro a defender a miscigenação e a presença do negro no futebol brasileiro. Outros cronistas também buscaram combater esse estigma e dentre eles podemos destacar o irmão de Nelson Rodrigues, Mário Filho que escreveu o clássico “O negro no futebol brasileiro”.

incessante por parte dos brasileiros da adoção de modelos estrangeiros, preocupação também presente em Nelson Rodrigues e que povoam em menor escala os escritos nogueirianos.

João Saldanha centra grande parte de suas crônicas na defesa da manutenção da forma do brasileiro praticar o futebol, que ele identifica e nomeia como futebol-arte. Por isso mesmo, ele combate de forma veemente a cópia de modelos estrangeiros e conseqüente adoção irrestrita de práticas relacionadas ao que ele denomina de futebol-força.

Para ele, mais do que o resultado dos jogos ou a preparação física dos atletas, o que importava eram as noções de espetáculo, de arte coletiva, do floreio corporal, de altas doses de improvisação e de criatividade que os brasileiros são recorrentemente capazes de proporcionar de forma inovadora ao mundo. Ao contrário, o desempenho do jogador europeu dependia fundamentalmente do treinamento, da aprendizagem e da técnica adquirida pela repetição incessante dos movimentos.

Em relação à profissionalização do futebol, perceberemos mais elemento a marcar e dar especificidade histórica aos discursos dos cronistas. Essa transição do futebol amador para o futebol profissional atingiu muito mais Nelson Rodrigues, já atuante no jornalismo no período, do que João Saldanha e Armando Nogueira. Os dois últimos começaram a escrever já na década de 50, quando essa questão já estava superada.

Se a pugna entre os defensores do amadorismo e do profissionalismo já não mais preocupava, isso não significou que questões inerantes ao profissionalismo no futebol não fossem discutidas pelos três cronistas em foco. Saldanha, sempre se mostrou atento para a situação humana dos atletas, com suas carreiras curtas e, de uma forma geral, sem nenhum tipo de compensação em seu final. A crônica intitulada “Fim alegre ou triste?” reflete, por exemplo essa preocupação.

É bastante oportuno o levantamento da questão da aposentadoria dos jogadores de futebol com dez anos de serviço. Muita gente poderá opor que é prazo reduzido e que outras categorias profissionais não se aposentam com menos de vinte e cinco, trinta e até trinta e cinco anos de atividade. Os que assim pensam – compreensivelmente, por sinal – não têm entretanto noção do tipo de

atividade do jogador de futebol profissional. (...) O fato é que quem quiser que vá pesquisar nos organismos de ajuda aos jogadores (FUGAP e sindicatos) e encontrará com facilidade a prova de que uma percentagem assombrosa de jogadores termina sua atividade completamente inadaptada ao meio social ou a outras atividades.

(...)

O importante em todo o caso é que a questão está sendo debatida e encaminhada. É muito triste o quadro de jogadores do passado, jogadores de nome, que perambulam por aí mendigando este ou aquele auxílio.¹⁴

Já Armando Nogueira, atento as mudanças pelas quais o futebol passou no decorrer das décadas de 1980 e principalmente 1990, discute a questão da mercantilização do futebol fazendo com que as ligações afetivas entre os jogadores e os seus respectivos clubes se tornem extremamente fluídas. Por isso mesmo, ele considera desnecessário e até mesmo hipócrita por parte do jogador beijar com fervor apaixonado a sua nova camisa assim que chega ao seu clube. Muitas vezes o tão fervoroso amor não dura mais que algumas poucas partidas. Esse sentimento acaba tão logo o então “apaixonado” atleta receba uma proposta “irrecusável” de uma outra equipe. Para Nogueira, o que o torcedor realmente espera é a luta em campo, o suor despejado em cada partida na busca pela vitória e não beijos e declarações de amor extremamente volúveis.

A mercantilização do futebol não atingiu apenas os jogadores, mas também os dirigentes. Se todos os cronistas ora analisados criticaram a direção do futebol brasileiro, Nogueira acrescentou uma nova roupagem às críticas, ressaltando uma diferença crucial entre os antigos e novos dirigentes. Enquanto os primeiros eram vistos como verdadeiros mecenas para os seus clubes, os atuais dirigentes estão muito mais preocupados com suas contas pessoais do que com as equipes que dirigem. Nogueira entende que muitos dirigentes atuais são verdadeiros parasitas em seus clubes. Utilizam-se de suas posições privilegiadas para enriquecer, muitas vezes de forma ilícita e as expensas dos cofres de suas equipes.

Independente do cronista e do período em que escreveu sua crônica, os três entendem claramente que o futebol é um elemento de primeira grandeza para o povo brasileiro, gerador de uma identidade que é compartilhada por milhões de pessoas.¹⁵ Tornaram-se verdadeiros

¹⁴ SALDANHA, João. “Fim alegre ou triste?”. In: MILLIET, Raul (org.). op. cit., p. 244-245.

¹⁵ Ressalte-se que o veículo que transportava o selecionado nacional durante a Copa de 2006, na Alemanha, estampava o seguinte *slogan*: “veículo monitorado por cento e oitenta milhões de brasileiros”.

defensores de uma prática futebolística conhecida como futebol-arte e sempre se deram o saboroso direito de se tornarem ufanistas nas vitórias do selecionado nacional.

Se alguns temas discutidos se alteraram no decorrer do tempo – nada mais natural em um mundo marcado pelo dinamismo –, muitos ainda permanecem. Mesmo sabendo que as crônicas se inscrevem em um regime de historicidade, cabe destacar que elas ainda são lembradas, lidas e debatidas atualmente, em especial aquelas que tratam de questões relacionadas à identidade nacional e isso demonstra que os temas e preocupações discutidas ainda são atuais e por isso mesmo repletos de sentido.

No campo e na vida, na ginga e no jogo, no peito e na raça se fundem brasilidade e futebol. Torcer é pertencer. Entre atitudes corporais, discursivas e sociais se afirma um sujeito nacional, se inventa um brasileiro. O Brasil se colore com o verde e amarelo da aquarela deste esporte das multidões. Somos brasileiros na confiança e na desconfiança, no otimismo e no pessimismo; do complexo de vira-latas ao homem genial estamos impregnados pela linguagem do mundo da bola. Especular sobre o futebol é especular sobre ser brasileiro, as fronteiras são tênues e não se manifestam desejos de melhor defini-las. Nós queremos ser pelo futebol. E o futebol é por nós. Aqui, não tememos certa dose de determinismo, o país se transforma, mas o apego e mobilização de sentimento e atitudes em relação a ele permanecem. Vida longa ao futebol! Enquanto existir uma partida existirá também um brasileiro. Suor e pulsação, romance e surpresa... É eterno...

CORPUS DOCUMENTAL

- CAMPOS, Paulo Mendes. *O gol é necessário: crônicas esportivas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- MILLIET, Raul (org.). *Vida que segue: João Saldanha e as copas de 1966 e 1970*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- NOGUEIRA, Armando. *A ginga e o jogo: todas as emoções das melhores crônicas de Armando Nogueira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.
- _____ . *Bola na rede*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.
- _____ . *Drama e glória dos bicampeões*. Rio de Janeiro: Editôra do Autor, 1962
- RODRIGUES, Nelson. *Á sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*. São Paulo: Cia das Letras, 2002.
- _____ . *A pátria de chuteiras: novas crônicas de futebol*. São Paulo: Cia das Letras, 1999.
- _____ . *O profeta tricolor: cem anos de Fluminense*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- SALDANHA, João. *Histórias do futebol*. Rio de Janeiro: Revan, 2001.
- _____ . *O trauma da bola: a copa de 82 por João Saldanha*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

Internet

- MARQUES, José Reinaldo. “Crônica valoriza o jornalismo esportivo”. In: <http://www.abi.org.br/primeirapagina.asp?id=1273>. Acessado em: 28/abr/2006.
- NOGUEIRA, Armando. “Infeliz futebol do Brasil”. In: <http://www.an.com.br/2001/abr/06/0arm.htm>. Acessado em: 20/maio/2006.
- NOGUEIRA, Armando. “Um artilheiro no meu coração”. In: <http://www.netvasco.com.br/mauoprais/futbr/ademir.html>. Acessado em: 28/maio/2006.

BIBLIOGRAFIA

- AGOSTINO, Gilberto. *Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional*. Rio de Janeiro: FAPERJ: Mauad, 2002.
- ALBERTI, Verena. “O século do moderno: modos de vida e consumo na República”. In: GOMES, Ângelo de Castro; PANDOLFI, Dulce Chaves; ALBERTI, Verena (orgs.). *A República no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: CPDOC, 2002.
- ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Quando é dia de futebol*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- ANTUNES, Fatima Martin Rodrigues Ferreira. *Futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues*. São Paulo: UNESP, 2004.
- AQUINO, Rubim Santos Leão de. *Futebol: uma paixão nacional*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002
- AZEVEDO, Antonio Carlos do Amaral. *Dicionário de nomes, termos e conceitos históricos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Tradução de Yara Frateschi. Brasília: Edunb; Campinas: Hucitec, 1993.

- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas I. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história cultural*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987a.
- _____. “Infância em Berlim por volta de 1900”. In: BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas, II. Rua de mão única*. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1987b.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.
- BOLLE, Willi. “Alegoria, imagens, tableau”. In: NOVAES, Adauto (org.). *O Olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- BOLLE, Willi. *Fisiognomia da metrópole moderna: representação da história em Walter Benjamin*. São Paulo: Edusp, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas lingüísticas*. São Paulo: Edusp, 1998.
- BRITO, Eleonora Zicari Costa de. “A criminologia informa a literatura de Afranio Peixoto”. In: COSTA, Cléria Botelho da & MAGALHÃES, Nancy Alessio (orgs.). *Contar história, fazer história: história, cultura e memória*. Brasília: Paralelo 15, 2001.
- CALDAS, Waldenyr. *O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro*. São Paulo: IBRASA, 1990.
- CÂNDIDO, Antônio. “A vida ao rés-do-chão”. In: *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CARR, Edward Hallet Carr. *Que é história?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- CASTELLO, José. *Pelé: os dez corações do rei*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

- CASTRO Ruy. *Estrela solitária: um brasileiro chamado Garrincha*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- CASTRO, Ruy. *O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- CHARTIER, Roger. *História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- DaMATTA, Roberto e outros. *Universo do futebol: esportes e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.
- DAMO, Arlei Sander. *Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.
- EUGÊNIO, Marcos F. Napolitano de. “Representações políticas do movimento de Diretas-Já”. *Revista Brasileira de História – Representações*. vol. 15, nº 29, São Paulo: Contexto/ANPUH, 1995.
- FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Edusp: FDE, 2000.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FLUSSER, Vilém. “Alienação”. In: *Fenomenologia do brasileiro: em busca de um novo homem*. Rio de Janeiro: UERJ, 1998.
- FOER, Franklin. *Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- FREYRE, Gilberto. *Sociologia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1945.

- GIORGETTI, Ugo. “Arte e futebol”. In: COSTA, Márcia Regina da (et al.). *Futebol: espetáculo do século*. São Paulo: Musa Editora, 1999.
- GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.
- HABERMAS, J. *Para a reconstrução do materialismo histórico*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- HEIZER, Teixeira. *O jogo bruto das copas do mundo*. Rio de Janeiro: Mauad, 1997.
- HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio José; LOVISOLO, Hugo. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.
- HOBSBAWM, Eric & RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. *O descobrimento do futebol: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2004.
- JODELET, Denise (org.). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.
- KFOURI, Juca. *Meninos eu vi*. São Paulo: DBA Artes Gráficas, 2003.
- KRAMER, Llyod S. “Literatura, crítica e imaginação histórica: o desafio literário de Hayden White e Dominick LaCapra”. In: HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- LEVER, Janet. *A loucura do futebol*. Rio de Janeiro: Record, 1983.

- LIMA, Marcos Paulo Souza. *Imprensa e Copa do Mundo. Vincere o Morire*: Nelson Rodrigues e uma teoria do jornalismo em chuteiras nas páginas do diário esportivo Lance!. 2002. 88 f. Monografia (Graduação em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo) – Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2002.
- MANHÃES, Eduardo. *João sem medo*: futebol-arte e identidade. Campinas: Pontes Livros, 2004.
- MARON FILHO, Oscar & FERREIRA, Renato (orgs.). *Fla-Flu... e as multidões despertaram!* Rio de Janeiro: Edição Europa, 1987.
- MARQUES, José Carlos. *O Futebol em Nelson Rodrigues*. São Paulo: Educ / Fapesp, 2003.
- MATTOSO, José. *A escrita da história*: teoria e métodos. Lisboa: Editorial Estampa, 1997.
- MÁXIMO, João. *João Saldanha*: sobre nuvens de fantasia. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: Prefeitura, 1996.
- MAZZONI, Tomás. *História do futebol no Brasil*. São Paulo: Edições Leia, 1950.
- MORAES NETO, Geneton. *Dossiê 50*: os onze jogadores revelam os segredos da maior tragédia do futebol brasileiro. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.
- ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso*: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2001.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania*: uma história social do futebol no Rio de Janeiro: 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

- PESAVENTO, Sandra Jatthy. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- PIMENTA, Carlos Alberto M. “As transformações na estrutura do futebol brasileiro: o fim das torcidas organizadas nos estádios de futebol”. In: COSTA, Márcia Regina da (et. al.). *Futebol: espetáculo do século*. São Paulo: Musa Editora, 1999.
- POMPEU, Renato. *Canhoteiro: o homem que driblou a glória*. Rio de Janeiro: Ediouro: Relume Dumará, 2003.
- PRADO, Paulo. *Retrato do Brasil*. Ensaio sobre a tristeza brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- PROENÇA, Ivan Cavalcanti. “Estudo introdutivo: procura obsessiva dos tempos perdidos ou a catarse pela bola”. In: NOGUEIRA, Armando. *Bola na rede*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.
- REGO, José Lins do. *Flamengo é puro amor: 111 crônicas escolhidas*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2002.
- RODRIGUES FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.
- SANDER, Roberto. *Anos 40: viagem à década sem Copa*. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2004.
- SANTOS NETO, José Moraes dos. *Visão do jogo: primórdios do futebol no Brasil*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- SEVCENKO, Nicolau. “Futebol, metrópoles e desatinos”. *Revista USP: dossiê futebol*. São Paulo, n. 22, jun.-ago., 1994.

- SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000.
- SOTER, Ivan. *Enciclopédia da Seleção: As seleções brasileiras de futebol*. Rio de Janeiro: Folha Seca, 2002.
- TOLEDO, Luiz Henrique de. *Lógicas no futebol*. São Paulo: Hucitec: Fapesp, 2002.
- _____ . *No país do futebol*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- TORERO, José Roberto. *Os cabeças-de-bagre também merecem o paraíso: crônicas sobre futebol*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- UNZELTE, Celso. *O livro de ouro do futebol*. São Paulo: Ediouro, 2002.
- VERISSIMO, Luis Fernando. *A eterna privação do zagueiro absoluto: as melhores crônicas de futebol, cinema e literatura*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.
- VOGEL, Arno. “O momento feliz. Reflexões sobre o futebol e o ethos nacional”. In: DaMATTA, Roberto et all. *Universo do futebol: esportes e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1982.
- WOODWARD, Kathryn. “Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual”. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000, p. 46.